



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
TECNOLÓGICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA**

**FESTA DE RAMADA E MARAMBIRÉ: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO  
PACOVAL**

**SANTARÉM-PA  
2023**

ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA

**FESTA DE RAMADA E MARAMBIRÉ: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NO  
PACOVAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação.

**Orientador:** Prof.º Dr. Alan Augusto Moraes Ribeiro.

SANTARÉM-PA  
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB) da UFOPA  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA – Biblioteca Unidade Rondon

Costa, Roberth Luiz Nogueira da.

Festa de Ramada e Marambiré: Educação Quilombola no Pacoval /  
Roberth Luiz Nogueira da Costa. - Santarém, 2024.

126fl.: il.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Oeste do Pará  
- UFOPA. Instituto de Ciências da Educação-ICED. Programa de  
Pós-graduação em Educação. Mestrado Acadêmico em Educação.

Orientador: Alan Augusto Moraes Ribeiro.

1. Festa de Ramada. 2. Marambiré. 3. Educação Escolar  
Quilombola. I. Ribeiro, Alan Augusto Moraes. II. Título.

UFOPACampus Rondon

CDD 305.48098115



**Universidade Federal do Oeste do Pará**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ATA Nº 109

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às quatorze horas e trinta minutos, na sala 305, na Unidade Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO - Orientador Presidente, Prof. Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, Membro interno e Profa. Dra. LUCIANA GONÇALVES DE CARVALHO, m e m b r o externa ao Programa, a fim de arguirm o mestrando Roberth Luiz Nogueira da Costa, com a dissertação intitulada “AS DIMENSÕES EDUCATIVAS PRESENTES NAS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA E NO MARAMBIRÉ, QUILOMBO PACOVAL, ALENQUER-PARÁ”. Aberta a sessão pelo presidente, coube a o candidato, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar. Em seguida a banca fez as arguições, o candidato respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(X) Aprovado, fazendo jus ao título de Mestre em Educação.

( ) Reprovado.

Documento assinado digitalmente  
**Dra. LUCIANA GONÇALVES DE CARVALHO,**  
gov.br LUCIANA GONÇALVES DE CARVALHO  
Data: 02/12/2023 12:29:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>  
**UFOPA**  
**Examinadora Externa ao Programa**

Documento assinado digitalmente  
gov.br ZAIR HENRIQUE SANTOS  
Data: 14/12/2023 11:40:01-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>  
**Prof. Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS,**  
**UFOPA**  
**Examinadora Interna**

Documento assinado digitalmente  
gov.br ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO  
Data: 16/12/2023 13:24:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>  
**Prof. Dr. ALAN AUGUSTO MORAES RIBEIRO,**  
**UFOPA**  
**Presidente**

Documento assinado digitalmente  
gov.br ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA  
Data: 16/12/2023 18:50:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>  
**ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA**  
**COSTA**  
**Mestrando**

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me possibilitar chegar até aqui e à minha família, que sempre me apoiou e me ajudou a manter-me no prumo.

À minha mãe, Ana Nogueira da Costa, que está comigo e me ensinou a ser a pessoa que sou hoje.

À minha esposa, Marcela Lopes Nascimento, pelo apoio incondicional dedicado a mim durante este período de formação.

Aos meus filhos, Marcelo Davi e Hannah Valentina, por serem meu porto seguro e as pessoas mais importantes da minha vida.

Ao meu irmão, Frank Reginaldo, e seus filhos, meus sobrinhos Maria Fernanda, Luiz Fernando, André Felipe, João Miguel e Anthony José, por estarem presentes nessa corrente de apoio e incentivo.

Aos meus sogros, Maria Orcinei e Raimundo Renildo, por estarem sempre na torcida para que tudo desse certo nessa caminhada e por me permitirem falar da Festa de Ramada de Santa Luzia, da qual são donos.

Aos meus amigos, colegas de trabalho, compadres e comadres que fazem parte dessa rede de apoio durante não apenas durante o curso, mas em toda minha caminhada.

Ao Quilombo Pacoval (ACONQUIPAL) por me acolher como filho e me permitir realizar este trabalho em seu território, e poder apresentar ao mundo acadêmico um pouco mais do que é o Quilombo Pacoval.

Ao Cordão do Marambiré, por me permitirem colocar em foco esta linda manifestação que carrega consigo muita história, cultura, identidade e representatividade.

Aos Professores, à Gestão e à Coordenação da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Martinho Nunes, pelo apoio irrestrito à realização desta pesquisa.

Ao professor Luís Fernando de França por me incentivar a entrar e permanecer na pós-graduação.

A todos os Professores Doutores que tive o privilégio de conhecer e poder beber um pouco de seus conhecimentos.

Ao professor Dr. Alan Augusto Ribeiro pelo compromisso assumido em me orientar neste trabalho.

Aos meus colegas de jornada da turma 2021 e aos colegas do grupo de pesquisa GEREIA que puderam colaborar muito em minha formação.

A todos que me forneceram informações para a realização desta pesquisa que ora apresento.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, me apoiaram nesse caminho que não foi fácil e nem suave, mas que foi engrandecedor.

A todos, o meu muito obrigado!

## RESUMO

A pesquisa em questão aborda as dimensões educativas presentes na festa de Ramada de Santa Luzia e no Marambiré, manifestações culturais que desempenham um papel fundamental na identidade do Quilombo Pacoval. Essas manifestações possuem forte caráter identitário e contém em si muitos elementos de sociabilidade e repasse de conhecimento. A Festa de Ramada de Santa Luzia é uma manifestação religiosa que acontece no quilombo desde os anos de 1890, trazida pelos mocambeiros e permanece até os dias atuais, mantida por uma família herdeira da Santa que mantém a tradição de realizar sem a participação da paróquia local. O Marambiré é uma dança de cunho religioso que possui elementos que exaltam a cultura negra, a ancestralidade, a religiosidade de um povo que resistiu à escravidão vindo das fazendas do município de Santarém/Pará e formou residência às margens do Rio Curuá. A pesquisa foi realizada no Quilombo Pacoval, município de Alenquer, região Oeste do Pará, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa baseada em pesquisa etnográfica. Utilizamos uma variedade de técnicas de coleta de dados, incluindo entrevistas semiestruturadas, conversas informais, caderno de campo, observação participante, roda de conversa e análise de imagens. Desta forma, para a realização das análises, utilizamos a história oral e a memória dos participantes, tanto das festas de Ramada de Santa Luzia quanto dos componentes do Marambiré, para entendermos de que maneira essas dimensões educativas estão presentes na forma de organizar essas manifestações, assim como dentro dos saberes da comunidade; como acontece o repasse desses elementos educacionais e como estes estão inseridos na educação escolar quilombola do Pacoval.

**Palavras-Chave:** Festa de Ramada. Marambiré. Educação Escolar Quilombola. Repasse.

## **ABSTRACT**

The research in question addresses the educational dimensions present in the Ramada de Santa Luzia and Marambiré festival, cultural manifestations that play a fundamental role in the identity of Quilombo Pacoval. These manifestations have a strong identity character and contain many elements of sociability and knowledge transfer. The Festa de Ramada de Santa Luzia is a religious event that has taken place in the quilombo since the 1890s, brought by the mocambeiros and continues to this day, maintained by a family heir to the Saint who maintains the tradition of holding it without the participation of the local parish. Marambiré is a religious dance that has elements that exalt black culture, ancestry and religiosity of a people who resisted slavery, coming from farms in the municipality of Santarém/Pará and taking up residence on the banks of the Curuá River. The research was carried out in Quilombo Pacoval, municipality of Alenquer, Western region of Pará, we adopted a qualitative methodological approach based on ethnographic research. We used a variety of data collection techniques, including semi-structured interviews, informal conversations, field notebooks, participant observation, conversation circles and image analysis. In this way, to carry out the analyses, we used the oral history and memory of the participants, both from the Ramada de Santa Luzia festivities and from the Marambiré components, to understand how these educational dimensions are present in the way of organizing these demonstrations, as well as within the knowledge of the community; how the transfer of these educational elements happens and how they are inserted in quilombola school education in Pacoval.

**Keywords:** Parties of Ramada. Marambiré. Quilombola School Education. Transfer.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	– Lista geral de entrevistados - principais integrantes da festa do Marambiré ..	34
<b>Quadro 2</b>	– Entrevistados de participantes da festa de Ramada de Santa Luzia .....	35
<b>Quadro 3</b>	– Festas de Ramadas no Quilombo do Pacoval durante o século XX.....	60
<b>Quadro 4</b>	– Genealogia dos organizadores da Festa de ramada de Santa Luzia .....	63

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> – Limites geográficos do Município de Alenquer- Pará .....	37
<b>Imagem 2</b> - Município de Alenquer- Pará .....	38
<b>Imagem 3</b> – Quilombo Pacoval .....	38
<b>Imagem 4</b> – Quilombo Pacoval .....	39
<b>Imagem 5</b> – Vista aérea do Quilombo Pacoval .....	40
<b>Imagem 6</b> - Tia Biruca, Raimunda Benedita, em mais um parto no Quilombo .....	48
<b>Imagem 7</b> - Os fios que simbolizam as três seções de cura preventiva .....	51
<b>Imagem 8</b> – O mastro de Santa Luzia sendo cortado pelos devotos .....	69
<b>Imagem 9</b> – O mastro de Santa Luzia ao chão .....	69
<b>Imagem 10</b> – São Benedito, santo presente nas apresentações do Marambiré.....	75
<b>Imagem 11</b> - Brincantes do Cordão do Marambiré nas ruas do Quilombo.....	76
<b>Imagem 12</b> - Brincantes do Cordão do Marambiré agradecendo o alimento ofertado.....	77
<b>Imagem 13</b> - Apresentação do Marambiré das Mulheres.....	79
<b>Imagem 14</b> - Convite para o Festival do Marambiré.....	81
<b>Imagem 15</b> - Cerimônia de Autorização da Escola. ....	88
<b>Imagem 16</b> - Cerimônia de Autorização da Escola. ....	88
<b>Imagem 17</b> – Projeto de Consciência Histórica - A prática de se lavar roupas na beira do rio. .....	90
<b>Imagem 18</b> – Projeto de Consciência Histórica – A Capoeira enquanto manifestação da cultura negra. ....	90
<b>Imagem 19</b> -Apresentação dos alunos durante o Projeto de Consciência Histórica – O Boi Famoso. ....	91
<b>Imagem 20</b> – Café Quilombola .....	92
<b>Imagem 21</b> – Mãe de alunos ensinando os alunos a confeccionar o carrapatinho. ....	94
<b>Imagem 22</b> – Alunos confeccionando os carrapatinhos. ....	95
<b>Imagem 23</b> – Alunos confeccionando os carrapatinhos. ....	95
<b>Imagem 24</b> - Coroas e capacete, com a utilização dos carrapatinhos confeccionados pelos alunos.....	96
<b>Imagem 25</b> - Crianças homenageando o Marambiré nos desfiles da Semana da Pátria.....	97
<b>Imagem 26</b> – Crianças representando a Capoeira.....	98
<b>Imagem 27</b> – Alunos apresentando os Saberes através do uso de Ervas Medicinais .....	99

<b>Imagem 28</b> – Alunos participando de eventos durante a programação da Consciência Negra. .....	100
<b>Imagem 29</b> – Alunos realizando apresentações durante a programação da Consciência Negra. .....	101
<b>Imagem 30</b> – Barracão Comunitário – “Plenária” .....	102
<b>Imagem 31</b> – Dona Maria José, Rezadeira da ladainha de encerramento das festividades de Santa Luzia. ....	105
<b>Imagem 32</b> – Rainhas Auxiliares mirins que participam das apresentações do Marambiré atualmente.....	110
<b>Imagem 33</b> – Valsares mirins que participam das apresentações do Marambiré atualmente. .....	111
<b>Imagem 34</b> – Crianças e Adultos ajudando a preparação do Mastro de Santa Luzia.....	112
<b>Imagem 35</b> – Comunitários ajudando a preparação do Mastro de Santa Luzia. ....	112
<b>Imagem 36</b> – Comunitários ajudando a preparação do Mastro de Santa Luzia. ....	114

## LISTA DE SIGLAS

AABB	Associação Atlética do Banco do Brasil
ACONQUIPAL	Associação Comunitária de Negros do Quilombo de Pacoval
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CEB	Câmara de Educação Básica
CEP	Comitê de Ética na Pesquisa
CEDENPA	Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
COMEA	Conselho Municipal de Educação de Alenquer
COVID	Corona Vírus Disease – Doença do Corona Vírus
EMEIEFMN	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Martinho Nunes
FUNDEF	Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PARFOR	Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação
SEMEDS	Secretarias Municipais de Educação
UFPA	Universidade Federal do Pará
Ufopa	Universidade Federal do Oeste do Pará
UNIASSELV	Centro Universitário Leonardo da Vinci
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>25</b>
1.1 ESCOLHA DO LOCAL DE PESQUISA: MINHA TRAJETÓRIA COMO UM NEGRO, NO QUILOMBO .....	25
1.2 O ESTUDO A SER UTILIZADO NA PESQUISA .....	27
1.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	31
<b>CAPÍTULO II - O QUILOMBO PACOVAL: LOCALIZAÇÃO, SABERES E FAZERES .....</b>	<b>37</b>
2.1 LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA DO QUILOMBO PACOVAL .....	37
2.2 O TRABALHO COLETIVO, HERANÇA CULTURAL .....	41
2.3 O ESPORTE TAMBÉM EDUCA.....	43
2.4 O ENCONTRO RAÍZES NEGRAS E CONSCIÊNCIA NEGRA .....	45
2.5 OS SABERES E FAZERES DO QUILOMBO PACOVAL: O QUE SE SABE, SABE-SE! .....	46
<b>2.5.1 Os saberes dos curadores de cobra: quem está aprendendo o que sabemos?.....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO 3 – AS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA E O MARAMBIRÉ DO QUILOMBO PACOVAL .....</b>	<b>56</b>
3.1. AS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA .....	56
3.2. O MARAMBIRÉ DO QUILOMBO PACOVAL .....	70
<b>CAPÍTULO 4 - EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, NO PACOVAL .....</b>	<b>82</b>
4.1 A ESCOLA NO/DO QUILOMBO PACOVAL: A BUSCA POR UMA IDENTIDADE QUILOMBOLA .....	86
<b>CAPÍTULO 5 - AS DIMENSÕES EDUCATIVAS PRESENTES NA FESTA DE SANTA LUZIA E NO MARAMBIRÉ.....</b>	<b>103</b>
5.1 A COLETIVIDADE NAS FESTAS QUILOMBOLAS DE PACOVAL.....	112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>123</b>

## INTRODUÇÃO

As dimensões educativas presentes nas festas de ramada de Santa Luzia e no Marambiré são os objetos da pesquisa. Portanto, pretendo apontar como os elementos educativos se fazem presentes nesta festividade e na dança típica do local e como são recebidos e repassados para a população da comunidade quilombola de Pacoval.

Por dimensão ou elemento educativo, entendo se tratar de relações que envolvem o processo de ensino-aprendizagem ou um processo de aprendizagem-aprendizagem, pautado em relações comunitárias, em relações culturais, em relações sociais, em relações tradicionais em um determinado ambiente em que estas ocorrem cotidianamente. Isso, por sua vez, também envolve uma relação de construção da tradição, não uma tradição que não muda, mas sim uma tradição que muda, que se adapta, que acrescenta novos elementos ou suprime outros, mas que mesmo assim não deixam de ser tradições. As mudanças fazem parte de um processo dinâmico que envolve o conhecimento dos mais velhos e os acréscimos de novidades por parte dos mais jovens, com isso, as relações vão acontecendo, configurando-se assim um processo de troca de conhecimentos e de saberes.

Para a realização desta pesquisa, optei em utilizar-me da proximidade com os sujeitos do meu estudo, com as experiências vividas durante estes mais de 15 anos trabalhando na escola dentro da comunidade, com a vivência cotidiana do quilombo e com a família quilombola da qual faço parte. Assim, a escolha sobre a abordagem acerca da temática que envolve Cultura e Educação considera a ótica de que educação, neste sentido, deve ser abordada através da cultura, e esta surgiu em decorrência de estudos e pesquisas durante a minha segunda graduação, já no curso de História e Geografia pelo Programa de Formação de Professores (Parfor) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), na Cidade de Alenquer.

Na realização desta pesquisa, a *persona* que a realiza não é unívoca. A proximidade com o objeto de estudo faz com que eu assumo a presença simultânea de *personas* em meu texto. Assim, esta pesquisa mobiliza minha *persona* de quilombola e de comunitário, envolve minha *persona* de professor da comunidade e demanda minha *persona* instrumental como pesquisador. Neste sentido, é necessário esclarecer ao leitor que a fala preponderante será a do pesquisador, mas sem deixar de lado o morador da comunidade, envolvido nas festas e na dinâmica política cotidiana do Pacoval, bem como minha profissão, que é ser professor. Portanto, o processo de estranhamento estará sempre em construção, pois as visões destas *personas* se entrelaçam, sobrepõem-se, mas não se anulam. Mesmo assim, não inviabilizam um texto acadêmico que busca ser crítico e analítico, pois, pelo que entendo, as vozes do

pesquisador, do professor e do quilombola estarão presentes neste texto, com o compromisso de evidenciar ao leitor os momentos nos quais elas se destacam umas sobre as outras. Eu observei e registrei, mas vivencio de dentro, de perto e de longe o que descreverei no texto desta pesquisa.

Para que eu pudesse chegar até o Quilombo Pacoval, tive que traçar uma longa jornada, a qual me fez me encontrar em um local que acredito sempre foi o meu. Portanto, “retornei para casa”. Neste quilombo criei laços e finquei minhas raízes. Ganhei amigos e parentes, pessoas que torcem por mim e se alegram com minhas conquistas. Neste sentido, peço licença a quem se dignou a ler este trabalho, para me apresentar.

Nasci de uma mãe solo, preta, empregada doméstica que, vinda do interior muito nova para trabalhar na casa de famílias em Alenquer, não pode estudar muito, cursou até a quarta série do ensino fundamental, na idade adulta. O emprego como doméstica era sem carteira assinada ou qualquer outro direito trabalhista, a renda era muito baixa, mas mesmo assim conseguiu comprar um terreno para construir nossa casa, onde mora até hoje. Durante minha infância, vivi com muito pouco, mas o suficiente para que meu irmão e eu pudéssemos ser sustentados dignamente. Apesar de termos uma vida simples, estudei sempre em escolas estaduais que na época eram bastante valorizadas no município de Alenquer. Às vezes, estudei com filhos dos patrões de minha mãe, o que de alguma maneira me tornava igual a eles, mesmo sabendo que eramos de classes sociais diferentes. Geralmente, os patrões eram funcionários do Banco do Brasil que vinham trabalhar no município e traziam a família inteira. Ficavam por temporadas e logo depois iam embora transferidos para outras cidades. Estes bancários chegaram em Alenquer e já encontravam minha mãe na casa onde iriam morar; iam embora e ela permanecia, até o último deles ir e deixar minha mãe desempregada, sem nenhum direito à indenização ou qualquer outro direito por conta dos longos anos de serviço prestados.

Conclui o ensino médio com 17 anos, porém não tinha perspectivas de avanço nos estudos, pois em Alenquer não havia como cursar uma faculdade. Teria que viajar para Santarém, Belém ou Manaus, por exemplo, o que para mim era impossível, não tinha para onde ir. Estudei um curso Técnico em Contabilidade no ensino médio. Após terminar o curso, ingressei no Magistério, que era como poderia continuar estudando. Cursei o Magistério e no ano seguinte já comecei a trabalhar como professor, aos 20 anos de idade.

Iniciei a minha carreira no magistério indo trabalhar em uma comunidade muito distante do centro de Alenquer, em uma turma multissérie – em que há alunos do ensino infantil até alunos da 4ª série, na época. A comunidade chamava-se *Oito homens*, diziam que recebeu este nome porque oito homens correram de uma onça, visto que no local era de mata muito

fechada que possuía muitas onças. Fiquei na comunidade apenas uma semana, pois haviam uma situação com a professora que estava trabalhando na escola e alguns pais. Após uma reunião a comunidade decidiu que a professora iria continuar dando aulas. Assim fui transferido para uma comunidade um pouco mais próxima, na comunidade de *Mamiá*. Na região em que ficava a escola, era comum a incidência de casos de malária e nos poucos dias que fiquei lá, fui infectado. Foi um período muito difícil.

No meu segundo ano como professor, por questões políticas, fui demitido. Ao final do ano de 2002, todos os contratados do município eram demitidos, como ainda o são até hoje, com a promessa de retornar assim que as aulas recomeçassem, mas isso não aconteceu. Nos primeiros meses do ano fiquei desempregado. Já no mês de junho daquele ano 2002, participei de um processo seletivo para contratação de Educador Social. O município de Alenquer, em parceria com o Banco do Brasil e a Federação das AABBs, aderiu a um programa chamado AABB, Comunidade que atendia 100 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, em situação de vulnerabilidade social, com atividades esportivas, reforço escolar, aulas de cidadania, entre outros. Fui selecionado entre os 37 participantes, ficamos em 4 monitores. Foi um período de grande aprendizado, pois pude conviver com alunos das mais diversas situações que me fizeram crescer e aprender muito. Foram três anos de muito crescimento pessoal e profissional.

No ano de 2005, novamente a situação de ser um professor contratado fez com que eu ficasse novamente desempregado. Houve mudança de governo no município e a nova gestão optou em não dar continuidade ao programa. Considero este ano um ano que aconteceu uma guinada em minha vida. Foi o ano que finalmente pude passar em um concurso público na cidade de Curuá, vizinha a Alenquer. E juntamente com a cadeira de magistério, adentrei ao curso de Letras da Universidade Federal do Pará, curso oferecido aos professores daquele município, na modalidade intervalar, ofertado via FUNDEF. Tive que mudar de cidade, ir para um lugar totalmente novo, onde conhecia praticamente ninguém, mas que precisava ir, trabalhar, estudar, crescer...

Trabalhei em duas comunidades do interior de Curuá, uma comunidade de várzea chamada Centro Comercial, que possuía um calendário específico para aquela região, chamado *período especial*, ou seja, o ano letivo iniciava no mês de julho até meados de março, devido a enchente do rio Amazonas. A outra comunidade em que trabalhei é denominada como Apolinário, comunidade em região de terra firme, vizinha ao Quilombo Pacoval, onde hoje resido. Nestas comunidades trabalhei com as disciplinas de Língua Portuguesa, na primeira, e Ciências, História e Geografia, na segunda. Foi um período exato de um ano e meio repleto de novos aprendizados, novas realidades, novas amizades, enfim, ajudaram-me em meu



crescimento pessoal e profissional, sou muito grato à cidade de Curuá por ter me permitido cursar o nível superior em uma universidade federal.

Durante minha vida acadêmica tive o privilégio de conviver com excelentes pessoas que permaneceram na minha vida, mesmo depois de os anos se passando, mesmo distantes geograficamente, além de ter tido a oportunidade de conhecer ótimos professores que também estavam em crescimento em sua vida profissional. Dentre eles posso citar o professor Leonel Mota, que foi meu orientador, professora Ana Maria Vieira, Terezinha Pacheco, Ediene Pena, Heliud Maia, Raimundo Nonato, Washington Abreu e Zair Henrique Santos. Professores que compartilharam conosco momentos de muito aprendizado e conhecimento.

Neste ínterim, no ano de 2006, fiz concurso público para o município de Alenquer, foi aprovado e passei a ser funcionário da Secretaria de Educação do Município de Alenquer, tendo que abandonar o curso de Curuá. Não foi uma decisão difícil, pois precisava voltar para minha cidade e para perto de minha família. No período de férias retornava à cidade de Curuá para continuar o curso de Letras.

No início do ano de 2007 começa a minha história com o Quilombo Pacoval. Foi a primeira e única comunidade em que fui lotado para trabalhar como professor concursado pelo município de Alenquer e por aqui estou até os dias atuais. Foi o lugar que me acolheu e pelo qual me reconheci ainda mais como homem preto. Por minha origem de família de moradores de duas comunidades negras do município de Alenquer de onde vêm meus avós, pais de minha mãe, encontrei-me. Adaptei-me com facilidade ao quilombo, fui “adotado” por uma família que me considera como um filho e foi onde encontrei a mulher com quem formei família e me deu os meus maiores presentes: meus filhos Davi e Hannah. Além disso, pude atuar como professor da disciplina de minha formação que estava em andamento. Em 2023, completei 16 anos de vida e trabalho na comunidade, que participo da vida cotidiana do quilombo do Pacoval, que estou imerso totalmente na vivência, nos costumes, na cultura, no cotidiano do quilombo.

Conheci a Festa do Marambiré no Pacoval e me apaixonei pela dança, pela história do povo do lugar, pelas manifestações religiosas e culturais do Quilombo. Ao lado do Marambiré, passei a fazer parte da família dona da Santa que faz a única festa de Ramada que continua viva na comunidade. Minha esposa é herdeira da Santa Luzia e já estamos diretamente envolvidos na realização da festa. Mais adiante, explicarei a função dos herdeiros, o que fazem e toda a dinâmica social e geracional que envolve a realização da festa. Ressalto também que minha esposa é neta da Rainha Mestra do Marambiré, portanto, também herdeira da coroa do Marambiré. Neste momento mais introdutório desta dissertação, posso indicar, para fins de localização pessoal no processo de escolha por este tema de pesquisa, que minha vivência do

lugar e de tudo que ele me proporciona é parte também do que eu observo cotidianamente: riqueza cultural, práticas folclóricas tradicionais, valores morais que constroem as relações interpessoais e familiares do Pacoval e também seus problemas, suas dificuldades, suas carências, principalmente no que tange ao acesso as políticas públicas.

Ainda com relação a minha vida acadêmica, cursei uma pós-graduação em Gestão Escolar – Ufopa, 2014, pois estive por dois anos à frente da escola quilombola de Pacoval, como gestor; fiz um curso de Especialização em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura – UNIASSELV, 2017. Cursei também uma segunda graduação, desta vez em História e Geografia pelo Parfor – Ufopa, 2011 a 2015, que foi onde nasceu a pesquisa sobre as Festas de Ramada de Santa Luzia do Quilombo Pacoval. Ainda no ano de 2014 fiz um novo concurso público no município de Alenquer como professor de Língua Portuguesa, fui aprovado e a partir de então passei a ter duas cadeiras no município. Hoje em dia estou lotado em uma turma de 5º ano do ensino fundamental menor, no primeiro concurso e atuo como professor de Língua Portuguesa no concurso específico para a disciplina e para o meio rural.

Após este período, acreditava que já estava satisfeito, não pretendia mais estudar, até porque era muito difícil pensar em um outro curso de pós-graduação, Mestrado então, nem sabia como “chegar lá”. O município de Alenquer não oferece cursos deste tipo, até recentemente não havia nem um campi da Ufopa na cidade. Portanto já me sentia pessoalmente satisfeito em já ter cursos de nível superior em universidades federais, assim como uma especialização. No entanto, no ano de 2021, a possibilidade de entrar no curso de mestrado começou a me inquietar, mesmo não sabendo como era, como entrava, como acessar a esse curso, não conhecia o mestrado.

Fui instigado a participar da seleção de mestrado com o grande incentivo do professor Luiz Fernando de França, professor da Ufopa, engajado na luta pela entrada e permanência de alunos pretos, pardos e quilombolas na graduação e no meu caso na pós graduação; o professor na ocasião criou um grupo de conversas em um aplicativo que incentivava professores quilombolas e professores de quilombos a ingressarem no curso de pós graduação. Comecei a me interessar e perguntar ao professor como fazer para se inscrever e participar? Quais eram os requisitos? Como tentar conseguir uma vaga? Fui me interessando e perguntando ao professor e ele não se esquivou em me orientar. Dos colegas professores que participavam do grupo de conversa, fui o único a realizar a inscrição e felizmente fui avançando as etapas até conseguir finalmente adentrar ao Programa de Pós-graduação em Educação da Ufopa – PPGE.

Não posso dizer que foi a realização de um sonho, pois para mim era algo tão distante que nem fazia parte de meus mais improváveis sonhos. Mas fui, com “a cara e a coragem”, descobrindo na prática o que era o mestrado, descobrindo minhas fraquezas e, principalmente, minhas forças. Tive que me adequar ao tempo do mestrado: muita leitura, participação de eventos – mesmo on-line -, realização de pesquisa, escritura de artigos, entre outros, sem contar meu trabalho que consumia boa parte do meu tempo. Minha turma ainda adentrou no programa em meio à pandemia da COVID 19, o que fez com que nossas atividades fossem quase que cem por cento virtuais. Não pudemos ter aquele contato direto entre professor x aluno, alunos x alunos; tivemos que nos adaptar à nova realidade que nos era imposta, não somente nós alunos, mas também nossos professores e ao Programa em geral.

Durante o mestrado, mais especificamente no estágio docente, pude ter contato com uma turma muito especial que era composta por professores, candidatos indígenas e quilombolas, que estavam buscando uma vaga no Mestrado em Educação, através do processo seletivo especial. E a turma contava com monitores também indígenas e quilombolas que já estavam cursando o Mestrado ou o Doutorado. Foi uma ótima experiência poder contribuir com os colegas e também aprender muito com as aulas, palestras e discussões que ocorreram nestes dias. Este projeto conta com a coordenação do Professor Zair Henrique e uma equipe que ajudou na construção deste para garantir a participação de indígenas e quilombolas na pós graduação. Foi uma experiência enriquecedora.

Neste sentido, a vida de pós graduando me encaminhou até a realização desta pesquisa no Quilombo de Pacoval, local que é visto como grande referência no que tange à vivência e à representação da cultura afrodescendente do município de Alenquer-Pará. A riqueza cultural deste lugar, fez-me ter percepções que me fizeram abrir novos olhares a vivência deste povo quilombola. Dentre as manifestações culturais, existentes no Pacoval, destaca-se o Marambiré, dança muito conhecida na região Oeste do Pará quando o assunto é cultura afro-brasileira e é Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará. Além desta dança, a comunidade apresenta também muitas manifestações, principalmente de cunho religioso e cultural, que, aliás, segundo relatos de alguns entrevistados para esta pesquisa, correm o risco de serem esquecidas pelos moradores mais jovens, como é o caso das Festas de Ramada. Diante disso, percebemos que existe certo dilema, pois a transmissão de práticas tradicionais, típicas de quilombo, não é assegurada. Voltarei a este ponto da transmissão das práticas mais adiante no texto.

As manifestações de cunho cultural e religioso acontecem em todo o Brasil, das mais diversas formas e nos mais diversos cultos, ritos, manifestações. O nosso país é visto como

culturalmente diverso, mas esta diversidade tem relação direta com a história da colonização europeia que trouxe para cá, compulsoriamente e violentamente, povos africanos escravizados. Portugal, o povo europeu que empreendeu a escravidão no atual Brasil, também conduziu a vida dos povos indígenas, ora escravizando-os, ora controlando-os. Essa convivência forçada entre estes povos, línguas, culturas, tradições, saberes e mitologias forjaram uma certa riqueza cultural que hoje, chamamos de Brasil. Portanto, violência e cultura, no Brasil, são partes de um “padrão de dominação oligárquica” que elogia a cultura como sobrevivência, mas que a controla por meios truculentos (OLIVEN, 1989, p. 24).

Aborda-se nesta pesquisa etnográfica a temática: “A educação escolar quilombola a partir de duas manifestações tradicionais do Quilombo Pacoval: As festas de Ramada de Santa Luzia e o Marambiré”. Tratam-se de manifestações culturais e religiosas que no decorrer do tempo, conforme relatos de comunitários, correm o risco de se perderem e, com isso, um número significativo de informações e conhecimentos sociais trazidas com elas, como tradições simbólicas, costumes dietéticos e mobilização sócio-políticas, além das dimensões educativas existentes nelas. Em outras palavras, há um processo de socialização que envolve estas manifestações culturais que parece estar em conflito. Ou seja, considerando que a socialização se dá por meio do aprendizado a partir de outros indivíduos, dos mais velhos aos mais novos, de pais para filhos, com pessoas que fazem parte do mesmo contexto social, este possível conflito se revela na dificuldade de continuidade entre as gerações mais novas para a realização destas manifestações, mesmo que elas estejam inseridas e sendo realizadas descontinuamente nas mais diversas comunidades tradicionais<sup>1</sup> do país. Vale registrar que socialização, portanto, é também entendida, de acordo com Berger e Luckman (2006), como um processo em que os seres humanos crescem dentro de um círculo social sempre limitado, sendo influenciados e influenciados pelas crenças manifestadas neste círculo.

Nesse sentido, entende-se que socialização faz parte da vida de todos os indivíduos desde o nascimento. A vivência no âmbito familiar colabora muito com a formação das diversas personalidades, e essa diversidade se deve a forma como se internaliza o aprendizado adquirido das pessoas que nos rodeiam, aprendizado que é, de modo geral, contínuo. Ainda segundo os autores, o processo de socialização é algo essencial para a construção das sociedades em distintos lugares, visto que este processo existe desde os primórdios da evolução do ser humano.

---

1 A Política Nacional conceitua Povos e Comunidades Tradicionais no Art. 3º, Inciso I, como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de formação social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral, econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidos pela tradição”. (BRASIL, 2007)

Talvez, algo como um conflito entre “continuidade” e “não-continuidade” esteja apontando para uma transformação nos destinos culturais do Pacoval, o que envolve uma possibilidade de discutir conflitos presentes na socialização.

Dessa forma, também se pode apontar para os conflitos que ocorrem no que tange aos processos de socialização entre as pessoas mais velhas para as pessoas mais novas. Em outras palavras, durante a pesquisa, registrei muitos relatos e comentários, por parte dos mais velhos, sobre o desinteresse dos mais novos em dar continuidade às manifestações culturais do quilombo, sem, no entanto, considerar a visão dos mais jovens com relação a isto. Há, portanto, um conflito geracional que aponta a discussão entre o que os mais velhos tentam repassar e o que os mais jovens assimilam, aprendem, apreendem, reproduzem, modificam, entre outros. Neste sentido, Pais (1990, p. 155), aponta que

... Mas, se um dos aspectos da entrada dos jovens na vida adulta se liga a um processo de socialização – entendido este como um processo de influências sociais orientado para a integração dos jovens num sistema existente de relações e valores sociais -, também é certo este mesmo sistema se encontrar sujeito à influência dos comportamentos e atitudes juvenis.

Com isso, pode-se dizer que os jovens também tendem a considerar, mesmo inconscientemente, que fazem parte deste contexto cultural, embora não estejam totalmente de acordo com os ensinamentos baseados nas moralidades dos mais velhos. Ao mesmo tempo, também percebem que podem intervir nesse processo de socialização contribuindo com novos olhares e novas formas de fazer de acordo com seu tempo. Voltarei a refletir sobre esse aspecto mais adiante nesse texto. De outro modo, os fazeres e principalmente os saberes da comunidade sempre me causam admiração, mesmo sendo uma pessoa de dentro. Ao mesmo tempo, instigam-me a querer saber mais sobre eles. Como estas pessoas aprenderam a fazer isso? Como lhes foi repassado? Por quem foi? São perguntas que me acompanham e, no momento em que iniciei o mestrado, passei a indagar ainda mais aos mais velhos sobre o assunto, mesmo obtendo, às vezes, respostas tortas ou evasivas. De todo modo, afirmo que *eu estou lá e aqui*, realizando o meu papel de investigador, observador, sendo aquela pessoa que se interessa em saber mais, buscar mais e ser mais, ao mesmo tempo em que sou parte da realidade que observo, e, em adição à isto, sou professor que pensa a educação quilombola dentro e fora da escola do Pacoval.

Portanto, estas indagações estão presentes quando se trata de minha prática docente dentro do território quilombola, local onde as marcas de identidades coletivas são perceptíveis: a comunidade possui práticas culturais, tradições religiosas, formas de vida material, modalidades de relações com a natureza que são resultados de ensinamentos repassados dos

mais velhos aos mais novos. Estes ensinamentos foram demarcados por mais de dois séculos de ocupação do território do Pacoval, desde as fugas dos primeiros negros escravizados até os dias atuais.

A necessidade de entender como a educação escolar se entrelaça com a cultura quilombola também faz parte de minha inquietação como professor e comunitário. A vontade de buscar entender como se articulam os saberes formais, escolares e os saberes informais, extraescolares, que estão sendo vivenciados no dia a dia da comunidade, mas que por inúmeras vezes estão fora do currículo escolar, também se incluem entre minhas indagações como pesquisador e comunitário. Penso ser possível realizar uma análise sobre educação escolar quilombola a partir da articulação discursiva destas *personas* não-conflituosas e que cognitivamente são indissociáveis.

O estudo tem como objetivo: a) analisar e descrever como ocorrem as práticas educativas de transmissão de saberes e fazeres na festa de Ramada de Santa Luzia e do Marambiré, no Quilombo de Pacoval, Alenquer-Pará, b) identificar como se dá o *repassé* de valores educacionais e culturais nestas festividades nas modalidades de socialização c) descrever os elementos de sociabilidade que configuram tais modalidades de *repassé* de conhecimentos, práticas culturais, organização social e elementos educacionais.

Neste sentido, essa pesquisa foi dividida em 5 capítulos. Sendo que no primeiro capítulo, apresento os caminhos metodológicos que foram percorridos para a realização da pesquisa. Realizo a descrição de cada um dos instrumentos utilizados e, para tanto, utilizo a pesquisa etnográfica, pois através da história oral do povo quilombola, apresento os conflitos pelos quais se socializam inter-geracionalmente as formas de viver, os saberes, os fazeres, a fé, a cultura, a organização política e as tradições sob a forma de repasse dos conhecimentos às gerações vindouras. Voltarei a discutir esta noção nativa de repasse mais adiante.

No segundo capítulo, apresento a comunidade quilombola de Pacoval, a única comunidade de remanescentes de quilombos titulada no município de Alenquer, a segunda no território nacional. Faço uma breve apresentação da comunidade, seus saberes e fazeres e suas manifestações culturais.

No terceiro capítulo apresento os objetos principais que são nosso foco de estudo: as Festas de Ramada de Santa Luzia e o Marambiré. Manifestações culturais que são realizadas na comunidade de Pacoval e possuem elementos de repasse de conhecimento através de sua prática e de sua realização e a importância desses eventos para a organização social da comunidade.

No quarto capítulo abordo as questões voltadas para a educação formal e informal, na qual a educação escolar quilombola está inserida. Os documentos jurídicos que regulamentam esta modalidade de ensino estarão presentes neste capítulo, assim como autores que apontam a utilização da educação informal no ambiente escolar formal, estabelecendo uma correlação entre os saberes presentes nas festas de santo e no Marambiré e os conteúdos inseridos no ambiente escolar.

O quinto capítulo apresento as dimensões educativas presentes nas festas de ramada de Santa Luzia e no Marambiré de acordo com os dados construídos no decorrer da pesquisa. Apresento os saberes e fazeres que são *repassados* de pais para filhos, dos mais velhos aos mais jovens no decorrer do tempo e como estes conhecimentos são mantidos e modificados com o passar dos anos. Sem, no entanto, deixar de fazer referências os conflitos geracionais que ocorrem no que tange ao repasse desses conhecimentos aos mais novos e como estes os recebem.

Para tal estudo, tomo como referência, Gohn (2006); Hobsbawn (1989); Moura (1999, 2005, 2006, 2012); Ribeiro, Santos e Santos (2021) estudiosos que discorrem sobre a educação escolar quilombola, festas de comunidades tradicionais, tradições e educação formal e informal. Além destes autores, também consultei o material jurídico que ampara esta modalidade de ensino.

Com a noção de *repassse*, quero indicar que a modalidade nativa para a modalidade de socialização que educa e ensina a cultura quilombola do Pacoval, talvez em sua forma mais evidente que são as Festas da Ramada de Santa Luzia e o Marambiré, ocorre dentro e fora da escola da comunidade, e que esta modalidade nativa de socialização envolve uma dinâmica conflitiva onde os mais velhos dizem que os mais novos não querem receber e realizar as festas, não valorizam e não entendem a importância delas para o Pacoval, indicando inclusive uma não valorização da identidade quilombola. Em contraponto, os mais novos parecem indicar novas maneiras de inscrever esse pertencimento, talvez valorizando outras formas de participar do cotidiano da comunidade, mesmo que fora das festas.

Em síntese, pretendo apresentar como estas festas tradicionais do quilombo Pacoval *ensinam e educam*. Para a realização da pesquisa, Alberti (2004) serviu de base, no que tange a metodologia utilizada para tal pesquisa. Neste contexto, lancei mão também da pesquisa etnográfica, visto que a produção do presente texto envolve um o caráter intersubjetivo entre pesquisador e pesquisado (FONSECA, 1998; OLIVEIRA, 2013; PIERANO, 2014). Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entrevistei pessoas idosas e jovens que puderam indicar caminhos para alcançar os objetivos desta pesquisa, isto é, identificar como uma maneira de

*educar* no quilombo acontece fora da escola (GODOY, 1995; MINAYO 2014). Utilizei, para tanto, entrevistas semiestruturadas, entrevistas formais, conversas informais, o uso de imagens para a construção desta pesquisa e rodas de conversa. Também utilizei anotações registradas em um diário de campo que serão grandes aliadas para a construção da análise que realizo.

Nesta pesquisa destaco como os elementos educativos se apresentam neste tipo de festividade tradicional, de uma comunidade quilombola. Verificaremos em *locus* como se dá o *repasso* destes ensinamentos que vem há anos sendo transmitidos de pais para filhos, configurando-se com isso um vasto campo de conhecimento sendo repassado no dia a dia da comunidade através da vivência e dos saberes e fazeres dos comunitários e, em especial, no Marambiré e nas festas de Ramada de Santa Luzia.



## **CAPÍTULO 1 – CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

### **1.1 ESCOLHA DO LOCAL DE PESQUISA: MINHA TRAJETÓRIA COMO UM NEGRO, NO QUILOMBO**

Por se tratar de uma comunidade quilombola, reconhecemos a relevância da elaboração de estudos voltados a essa realidade quilombola amazônica, no que tange as suas vivências, seus múltiplos saberes, suas contribuições para a transmissão de conhecimento prático, para a educação local e para os estudos sobre educação. Levando em consideração as práticas quilombolas e seus saberes que estão imbricados na educação escolar quilombola enquanto uma modalidade de ensino dentro das comunidades remanescentes de quilombo. Destaco ainda a educação chamada informal, ou seja, aquela onde se passam as relações mais íntimas, mais afetuosas, também conflitivas, fora das normas escolares regulares, diferente das relações consideradas superficiais que acontecem na educação formal.

Vale dizer também que os estudos no campo da educação em ambientes informais são de suma importância quando se fala em educação escolar quilombola, pois é um campo que está cada vez mais sendo colocado em foco. Atualmente os estudos voltados a ancestralidade negra estão começando a receber reconhecimento, como por exemplo: a Lei nº 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas e a Lei nº 11.645/2008 que regulamenta o ensino da história afro-brasileira e indígena na educação básica do Brasil, visto sua importância para se entender e conhecer as inúmeras contribuições das populações negras e indígenas que foram trazidas à revelia para este continente e muito contribuíram para a construção de uma identidade chamada brasileira.

Pontuamos que estudos voltados a esta ancestralidade negra são cada vez mais necessários para se fortalecer as ações afirmativas que tanto são objetos de luta para a população afrodescendente e que se tornam elementos de visibilidade para esta população há muito tempo “invisibilizada”. Além de poder se considerar como fortalecimento dos movimentos negros que há muito estão lutando por direitos.

Podemos destacar também a importância deste estudo para colaboração no entendimento da região amazônica, no que tange a sua imensa diversidade e suas singularidades. Compreender a Amazônia perpassa por uma viagem na diversidade dessa rica região, visto que as populações que estão inseridas neste contexto, são as mais diversas, que envolvem: indígenas, imigrantes, assentados de reforma agrária, sem-terra, camponeses, dentre

outros colaboram para uma riqueza de cultura, vivências, cosmovisões que coabitam este vasto território. E as comunidades quilombolas amazônicas também fazem parte desta diversidade que se faz presente dentro do território amazônico.

Outro ponto que consideramos de extrema relevância para a escolha do local da pesquisa é o fato do pesquisador ser morador da comunidade e fazer parte da realização e manutenção da festa de Ramada de Santa Luzia. O fato de o pesquisador ser da comunidade e fazer parte da festa da santa traz alguns pontos a considerar: ter a possibilidade de conduzir a pesquisa de forma bastante intensa, pois vive o cotidiano da comunidade. Ou seja, de acordo com Minayo (2014), tanto o investigador quanto o investigado são simultaneamente sujeitos e objetos de estudo. Assim, conhecer a comunidade e as pessoas que realizam os festejos; ter conhecimento dos trâmites que envolvem a realização da festa desde a preparação até o encerramento, pode ser um ponto favorável à realização da pesquisa. Com relação a esta proximidade do pesquisador ao objeto de estudo, Oliveira (2013, p. 77-78) pondera que:

Por fim, cabe-nos destacar uma crítica realizada ao uso da etnografia na Educação de forma mais específica, que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelo pesquisador ao investigar uma realidade da qual também faz parte, ao contrário do que faziam os etnógrafos clássicos que colocavam a investigar sociedades distantes das suas próprias. [...] Acerca dessa questão é válido ressaltar que há também vantagens nessa proximidade, mas se esperamos que o fato de estudarmos nossa cultura nativa produza uma menor distorção, com relação ao que é observado, ou mesmo uma menor visibilidade do pesquisador em campo, devemos ressaltar que esse tipo de conclusão origina-se do que [...] denomina de “empirismo ingênuo”, pois de fato, a proximidade coloca-se enquanto desafio para o pesquisador [...], mas certamente pelo fato de podermos ser compreendidos de forma mais simples e direta pelos nossos informantes, assim como o contrário, termos uma noção mais clara dos códigos sociais utilizados, bem como uma compreensão mínima do funcionamento da realidade cultural investigada, nos traz vantagens em campo, ainda que devamos estar atentos para não nos perdermos em meio a nossas concepções naturalizadas em torno da referida realidade (OLIVEIRA, 2013, p. 77-78)

Dentre os desafios que envolvem a realização desta pesquisa, destaco aqueles ligados ao fato de fazer parte do cotidiano dos sujeitos que são parte do escopo da análise. Isto é, existem sentimentos de pertença nutridos durante anos por mim, como um homem negro que passou a viver na comunidade participando da realização da festa de Santa Luzia e também por ser um grande admirador da dança do Marambiré. Visto como ponto de extrema importância para a valorização e manutenção da cultura quilombola de Pacoval, além da reflexividade presente na realização desta pesquisa, a subjetividade do autor/pesquisador torna-se um componente considerado essencial na análise (FONSECA, 1998), e não mais um impeditivo ou um obstáculo para atingir objetividade. De alguma forma, há uma responsabilidade neste

processo, visto que a pesquisa científica ainda assim, demanda qualidade e objetividade científica.

Com relação ao Marambiré podemos considerar que a realização desta pesquisa é importante porque também pode colaborar com a preservação dessa manifestação cultural dentro da comunidade, visto a necessidade de mostrar a relevância desta cultura no seio da própria comunidade. De fato, como integrante da comunidade, entendo que há uma espécie de desinteresse por parte dos jovens em participar do Cordão do Marambiré, e por isso, nesta posição de comunitário, este estudo pode atuar como um elemento de reforço e preservação desta dança tradicional, que envolve todo um histórico de luta, identidade e resistência da cultura afrodescendente. Todavia, na posição de pesquisador, devo indicar que os pontos de vista das crianças e jovens indica uma mudança na maneira de pertencer identitariamente ao Pacoval por outras vias. Ademais, mostraremos como estas crianças e jovens também participam, ao seu modo, da festa e da dança.

## 1.2 O ESTUDO A SER UTILIZADO NA PESQUISA

A literatura apresenta poucos materiais escritos que tratem especificamente das festas de ramada de Santa Luzia e do Marambiré do Pacoval, assim como fotos, documentos oficiais e afins, nos conduziram a utilizar como forma de estudo a história oral, pois foi a partir de fontes orais que realizamos a análise e a sistematização dos dados construídos no decorrer da pesquisa. Porém no decorrer das entrevistas consideramos a possibilidade de algum dos entrevistados possuir algum elemento, como dados imagéticos raros, que possam nos ajudar na construção de nossos dados. Além de considerar a observação como um dos suportes para a interpretação dos dados e construção do material coletado. Consideramos também que há, por parte do pesquisador, uma familiaridade com o objeto a ser estudado, o que torna a pesquisa ainda mais desafiadora no ponto de vista da imparcialidade diante das análises realizadas. Sobre o objeto de estudo e as práticas da história oral, Alberti, (2004, p. 32) pontua que:

O conhecimento prévio do objeto de estudo é requisito para a formulação de qualquer projeto de pesquisa. No caso da história oral, dele dependem as primeiras escolhas que devem ser feitas no encaminhamento da pesquisa: que pessoas entrevistar, que tipo de entrevista adotar e quantas pessoas ouvir [...]. Tais escolhas fazem parte da prática da história oral e devem ser objeto de reflexão no momento de elaboração do projeto de pesquisa.

Através da história oral que podemos alcançar as memórias dos moradores no que tange ao *repassé* dos saberes da festa e do Marambiré, além de se percebermos como são preparadas, soubemos quais as funções de cada um no decorrer do movimento, como são transmitidos todos os procedimentos para a realização da festa e da dança, como são ensinadas as rezas, as ladainhas, a folia, os batuques nas caixas e demais instrumentos musicais. Como é feito o desfraldar das bandeiras, o erguer e o cortar do mastro, a colocação das frutas, os ritos de procissão e o ato de guardar a imagem para dentro da capela, no caso da festa de Ramada de Santa Luzia. Com relação ao Marambiré, entendemos como se dá a participação dos dançarinos, na realização da dança, na estrutura de poder dentro da dança, etc. São estas fontes que nos repassaram estas impressões que são às vezes sutis e que deixam de ser percebidas pela maioria que não está inserida naquele contexto. Com relação à realização das festas e os significados presentes nelas, Moura (2012, p. 111-112) pontua que:

Festas ratificam o modo de expressão de identidade do grupo e da sua luta desde os antepassados. Vivenciar tradições, celebrar os santos de devoção, conhecer histórias dos mais adultos, dançar e cantar músicas tradicionais (ou novas) lhes conferem traços comuns, sintetiza os elementos todos, depreende-se como se constrói e se define identidade étnica em comunidades negras rurais. Fundamenta-se a posse da terra e as modificações para conservar o patrimônio, agregam-se com supremacia as manifestações culturais de época, porque sinteticamente tem visão de mundo particular e cultura diferenciada, ordem interação entre as influências África, portuguesa e indígena em rituais religiosos, alimentos, na divisão do trabalho, no som dos tambores, nas letras das canções, no meneio dos corpos dançando. Há um processo dinâmico de criação e recriação étnico-identitária ao que denominamos “cultura das festas”

Percebi, portanto, o quão importantes são a realização e a manutenção das festas em comunidades tradicionais, considerando o valor que elas imputam para a população local e os saberes e fazeres que estão inseridos e que são socializados neste contexto. Um ponto que consideramos relevante na utilização da história oral é a relação que se estabelece entre quem está pesquisando e quem está sendo pesquisado. Pois há a necessidade de se estabelecer uma relação de confiança, visto assim se alcançar respostas significativas e relevantes à realização da pesquisa.

A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola de Pacoval, município de Alenquer, na região Oeste do Estado do Pará. A referida comunidade foi a segunda a receber o título de Remanescente Quilombola no Brasil<sup>2</sup>. Distante cerca de 58 quilômetros do município

---

2 A garantia do direito dos remanescentes de Quilombo permanecerem em suas terras já havia sido garantido a partir da Constituição Federal de 1988, através do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que afirma: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”. (CF, 1988)

de Alenquer - PA. Grande produtora de produtos extrativistas como cumaru e castanha do Pará. Conhecida na região como a terra do Marambiré. Refúgio encontrado pelos negros fugidios das fazendas de Maria Macambira, do município de Santarém (FUNES, 2022). Para o trabalho metodológico, utilizou-se da pesquisa etnográfica, visto que o caráter intersubjetivo entre pesquisador e pesquisado na pesquisa que estou desenvolvendo é parte constitutiva do que venho fazendo nas práticas de investigação no local. Sobre este elemento intersubjetivo do trabalho etnográfico, segundo Oliveira (2013, p. 71):

Quando pensamos na etnografia, à primeira vista, em especial para aqueles que não são versados no campo da Antropologia, podemos fazer uma referência simplesmente a uma dimensão técnica, como se a etnografia fosse uma forma de coletar dados. Contudo, essa perspectiva, extremamente recorrente, implica em um equívoco epistemológico profundo, pois os dados não estão simplesmente postos, prontos para serem coletados pelo pesquisador; a etnografia pressupõe não uma coleta, mas sim uma construção dos dados, que se dá em meio ao processo intersubjetivo que se estabelece entre pesquisador e pesquisado. A etnografia demanda da capacidade de compreender o que os outros pensam sobre o mundo, sobre si mesmos e, por que não? sobre o pesquisador e o que ele está fazendo em campo.

Esta visão sobre como se dá a relação entre as partes envolvidas na pesquisa é relevante, pois fez parte da interpretação dos dados construídos durante o decorrer da pesquisa. Neste sentido, a utilização da etnografia me faz apontar caminhos para maneiras que revelam a ação que foi vivida pelos participantes da pesquisa, como aponta Peirano (2014, p. 10):

A primeira e mais importante qualidade de uma boa etnografia, reside, então, em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem. Se o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivido que, depois, é revelado por meio da escrita, é necessário ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial. Que ela apenas “diz” e “descreve”, como base na relação entre uma palavra e uma coisa. Ao contrário, as palavras *fazem* coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. E palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira os outros sentidos (olfato, visão, paladar, tato) têm implicações que é necessário olhar e analisar. Dito de outra forma, é preciso colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi ação vivida. Este talvez seja um dos maiores desafios da etnografia – e não há receitas preestabelecidas de como fazê-lo.

Como aponta Peirano, (2014, p. 10), a palavra não se configura como o único meio de se chegar a um objetivo, é preciso estar atento para os outros sinais que também comunicam, por isso o uso da etnografia neste trabalho se torna necessário e até imprescindível. Para este trabalho, considere as memórias das pessoas mais experientes da comunidade e também de jovens que vivem a realidade local. Homens e mulheres que vivenciaram e vivenciam as festas quilombolas desde a tenra idade até os dias atuais. Estas fontes me proporcionaram

compreender a importância de tais manifestações religiosas, culturais e como estas memórias são de suma importância para toda comunidade quilombola e também para os estudos acadêmicos.

Através das narrativas e relatos das pessoas pesquisadas, busquei compreender como são vistas contemporaneamente as festividades de Santa Luzia e do Marambiré, no Quilombo Pacoval e, após a análise, realizei a verificação e sistematização dos dados trabalhados para que apontasse como os sujeitos do Pacoval percebem as dimensões educativas presentes nestas festividades. Além disso, busquei perceber como estas manifestações em si contribuem para a organização sociocultural da comunidade, como ocorre a construção cotidiana da simbologia presente desde a organização até o encerramento da festa e também das apresentações do Marambiré e, sobretudo, como os jovens e crianças da comunidade recebem ou não o repasse.

Para tanto, o diário de campo foi um outro aliado na construção dos dados e na realização da pesquisa em si, pois nele estão contidas as observações do pesquisador diante dos mais diversos aspectos, nos quais através das entrevistas, poderiam deixar de serem notados. Foi através das anotações do diário que pude considerar aspectos que estão muito além das falas dos entrevistados. Além do diário de campo, tive auxílio de dados imagéticos que também fazem parte da pesquisa, pois se entende que a visualização das pessoas entrevistadas, a preparação das festas, a realização dos festejos, o cotidiano da comunidade, corroboram para melhor compreensão da pesquisa realizada.

As festas de santo em comunidades tradicionais podem exercer inúmeras funções que ultrapassam o campo religioso. Podem educar através de suas múltiplas dimensões e dos inúmeros saberes e fazeres que estão imbricados em sua realização. Podem ser fortes elementos de sociabilidade, pois, em certos casos, podem até determinar comportamentos que vão além de sua prática cotidiana. E as festas de Ramada de Santa Luzia no Quilombo Pacoval estão inseridas neste contexto. Assim como o Marambiré, mesmo não envolvendo diretamente alusão a uma festa de santo somente, possui, em sua composição a louvação a São Benedito, à Nossa Senhora, ao menino Jesus, à Santíssima Trindade, elementos marcadamente pertencentes ao catolicismo, porém não esquecendo da origem de seus ancestrais, trazidos da África: O Rei e a Rainha de Congo, por exemplo.

No decorrer da pesquisa, pretendi perceber a importância que as pessoas dão para a realização de festejos tradicionais dentro da comunidade, através de suas memórias, da vivência em tempos idos e atuais, do que foram as festas e como a forma de realização se mantém ou se modificou (adaptou) no decorrer do tempo (HOBSBAWM, 1984). Como se dá

o aprendizado, a educação de maneira informal, dentro da realização das festas no Quilombo Pacoval.

### 1.3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

No contexto da seleção dos entrevistados, afirmo que a seleção das pessoas entrevistadas se baseia na forma de como estas pessoas convivem com suas memórias, pois são pessoas que possuem conhecimento sobre a temática abordada e valorizam a cultura de seus antepassados, os ensinamentos recebidos, além de manterem vivas, em suas melhores lembranças, o seu modo de viver e também a vontade de manter viva a cultura e as memórias de seus ascendentes. Com relação a seleção das pessoas a serem entrevistadas Alberti (2004) pondera que:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participam, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2004, p. 31-32)

Diante deste critério, alcancei pessoas que realmente puderam fornecer informações significativas para compreensão do que chamamos de *repasse*, que é a categoria nativa que explica um processo educativo ritual vindo dos mais velhos para os mais novos. Além disso, inseri nesta pesquisa também a fala de 3 informantes jovens da comunidade que não são ou não estão diretamente envolvidos nas atividades religiosas e culturais dentro do quilombo. Estes três jovens, cujas idades são, respectivamente, 15, 17 a 21 anos, vivem na comunidade desde o nascimento. Eles não fazem parte diretamente de nenhuma atividade que envolve a realização do Marambiré e participam de forma pouco ativa das festas de Ramada de Santa Luzia. Para este fim, utilizei-me de rodas de conversa com esses 3 jovens para que eu pudesse registrar seus pensamentos e sentimentos diante do objeto de análise. Estes jovens serão identificados na pesquisa com nomes fictícios de Ana, Maria e José.

Como uma das metodologias, utilizei-me rodas de conversas realizadas com pessoas mais novas, considerando que a metodologia utilizada pode trazer informações que, através de entrevistas, poderiam não serem alcançadas. Com o objetivo de perceber como estes recebem as informações, o ensino, o *repasse* da cultura e tradição do povo quilombola, considerando, nestas observações, se apenas recebem as informações de forma passiva ou se

questionam, rejeitam, gostam, não gostam; enfim, observar a visão da juventude diante da temática abordada. Considerou-se também a adoção do sigilo diante das informações prestadas pelos jovens nestas rodas de conversa.

Em dois grupos divididos, pude ouvir e perceber as falas diante do tema pesquisado. A dinâmica trabalhada utilizei-me de um ambiente familiar para que os informantes pudessem expor suas visões e opiniões acerca dos objetos estudados. Esta metodologia, utilizada principalmente em pesquisas narrativas, foi considerada como maneira de alcançar os jovens sem que houvesse intervenção dos mais velhos, para que pudessem falar sem se sentirem pressionados a falarem o que os mais velhos queriam ouvir. Considero que este método contribuiu para que os jovens participantes da conversa pudessem interagir de maneira mais aberta comigo enquanto pesquisador. Já que quando as rodas de conversa são “utilizadas como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam partilhar e escutar, de modo que o falado, o conversado seja relevante para o grupo e suscite, inclusive, a atenção na escuta” (MOURA E LIMA, 2014, p. 100)<sup>3</sup>. Neste sentido, os conflitos entre as gerações tornaram-se mais evidentes no que tange a forma de ver o mundo dos mais jovens e a dos mais velhos.

Estes conflitos entre gerações veem à tona quando se percebe a fala dos mais velhos afirmando que os jovens não estão interessados na manutenção da cultura principalmente. No entanto, através da realização da pesquisa, das observações, vi que os jovens adquirem as informações e ensinamentos à maneira deles, não necessariamente como os mais idosos gostariam. Com relação a este conflito geracional, Pais (1990, p. 156) aponta que

Para a corrente geracional, os signos de continuidade e descontinuidade intergeracional poderão manifestar-se de duas formas: por um lado, e na medida em que são alvo de processos de socialização através das instituições específicas, como a família ou a escola, as gerações mais jovens interiorizam e reproduzem na sua vivência cotidiana toda uma série de crenças, normas, valores e símbolos próprios das gerações adultas, isto é, todo um conjunto de signo de continuidade geracional. Por outro lado, e na medida em que essa interiorização de signos não é feita de uma forma nem indiscriminada, nem passiva, gerar-se-iam fraccionamentos culturais entre várias gerações, fraccionamentos esses, que teriam a ver, entre outras razões: com a própria consistência da cultura transmitida pelas instituições sociais dominantes pelas gerações mais velhas, com os comportamentos e atitudes do mundo adulto >> tal como são percebidos pelos mais jovens; e, finalmente, com os próprios processos de transformação social e de integração funcional das várias gerações.

---

<sup>3</sup><https://www.google.com/search?client=firefox-e&q=rodas+de+conversa+como+metodologia+de+pesquisas+narrativas> > Acesso em 20/03/2023



Este conflito geracional está presente nas falas dos idosos e também dos jovens, pois, de certa maneira, cada um tem a sua forma de ver o mundo e de interferir neste mundo. Se por um lado há os idosos dizendo que os jovens não querem participar das manifestações culturais do quilombo, por outro estão os jovens inseridos, participando ora de maneira mais efetiva, ora de maneira mais discreta das atividades realizadas dentro da comunidade.

Com relação ao tipo de pesquisa, utilizei-me de uma pesquisa qualitativa, visto se pretendia extrair destas pessoas detentoras de saberes, e que contam, com uma valorosa riqueza em detalhes, suas memórias vividas e que buscam manter preservadas a cultura do lugar, do seu lugar, sua ancestralidade, sua identidade negra quilombola. Assim como os ensinamentos que lhes foram repassados durante suas infâncias, convivendo com os saberes do mais velhos e a maneira como repassavam os conhecimentos adquiridos.

O exercício é ouvir, compreender e registrar e, como parte da vida do Pacoval, ser um instrumento de receber e *repassar* a memória de alguém, uma forma desse alguém se valer para transmitir suas lembranças. Além de se perceber que a maioria das pessoas moradoras de comunidades tradicionais sentem prazer em compartilhar suas histórias de vida, as lembranças que trazem consigo e o sentimento saudosista que têm dos tempos de outrora. Porém sem deixar de considerar também a fala dos jovens que são figuras importantes na transformação/modificações/adaptações da cultura local.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, entrevistei pessoas que vivenciaram e vivenciam a história da comunidade e que possuem interesse de falar sobre o tema abordado para, através de suas informações, possibilitarem a busca de respostas às questões levantadas, a partir da observação poderemos chegar a estas pessoas, através das conversas informais também poderemos alcançar estas fontes. Sobre os estudos qualitativos e a importância do pesquisador, Godoy (1995, p. 62) destaca que:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. [...] Para estes pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação e interpretação dos dados coletados.

Os dados coletados, como aponta Godoy (1995), têm um valor imensurável diante da metodologia adotada para a realização de tal pesquisa, pois foram estas informações que subsidiaram este trabalho e exerceram função importantíssima para a realização desta.

Ainda sobre os entrevistados, posso dizer que são pessoas que mantêm a sua crença desde o nascimento e através de sua devoção a Santa Luzia, nos forneceram informações que mostraram a grande importância que exercem em sua vida a realização das festas de santo das comunidades tradicionais, quilombola como neste caso. São pessoas que por muito tempo vêm acompanhando e participando de alguma forma nas festividades. E quanto ao Marambiré, as pessoas entrevistadas também possuem uma forte ligação à dança, fazem parte, pertencem a famílias que sempre fizeram parte do Cordão do Marambiré e suas responsabilidades dentro da dança. Além de buscarmos informações também com pessoas que já participaram destas manifestações, mas que por algum motivo deixaram de fazer parte. Neste sentido, apresento abaixo, o quadro demonstrativo das pessoas que foram entrevistadas durante a pesquisa. O quadro 1 apresenta uma síntese sobre a idade, sua profissão e a função que exercem dentro do Marambiré. Os nomes dos entrevistados foram demonstrados no quadro, no sentido de dar visibilidade a estas pessoas que por muito tempo estiveram invisibilizados e não tiveram a oportunidade de contar suas histórias.

**Quadro 1** – Lista geral de entrevistados - integrantes da festa do Marambiré

<b>Rainhas/ Rei de Congo/ Valsares</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Função</b>
Maria da Cruz de Assis	83	Aposentada	Rainha auxiliar
Maria Pimentel	85	Aposentada	Rainha auxiliar
Maria Orcideia	76	Aposentada	Rainha Mestra
Benedita Viana	84	Aposentada	
Maria Edivilges	78	Aposentada	
Yanez da Silva Ribeiro	46	Agricultor	Pandeirista
Oswaldo Nascimento Neto	39	Agricultor	Rei de Congo
Maria Lucila Caripuna	43	Agricultora	Rainha auxiliar
Luzia Viana de Sena	25	Dona de casa	Rainha auxiliar
Telma Luz	59	Aposentada	Coordenadora
Irene Marques	52	Agricultora	Coordenadora do Marambiré das mulheres
José Caipuna	63	Pescador	Caixeiro
Maria Vanessa Barbosa	41	Agricultora	Rainha auxiliar

Fonte: Elaborado pelo autor

As festividades de Santa Luzia são mantidas vivas na história e na memória do povo quilombola de Pacoval, pois esta é a única festa de santo, nesta formatação, que se mantém dentro da comunidade. A festividade é realizada por uma família herdeira da festa, os chamados *donos do Santo*, no caso desta festa, a família Nascimento. Vale também ressaltar que as festas de santo em comunidades tradicionais exercem um papel sociocultural muito importante, pois fazem parte do calendário festivo da comunidade e se tornam um momento esperado durante o ano todo. E também a sua preparação, por envolver pessoas que não são da família responsável

pela realização da festa, pode envolver preparativos que antecedem o período festivo. Portanto, são as pessoas direta ou indiretamente envolvidas nesta festividade que nos forneceram informações que nos revelaram o valor da realização da festa e também seu caráter identitário presente em sua manutenção até a atualidade.

O quadro abaixo, apresenta os entrevistados que falaram especificamente sobre a festa de ramada de Santa Luzia e também de outras festas que eram realizadas no Quilombo. Optou-se por utilizar os nomes dos entrevistados para que se possa demonstrar que são os próprios moradores do quilombo que estão compartilhando suas histórias e memórias. O referido quadro apresenta também a função de cada pessoa na festa, além de sua idade profissão e o parentesco ou não com o *dono da santa*.

**Quadro 2** – Entrevistados de participantes da festa de Ramada de Santa Luzia

<b>Devoto</b>	<b>Função na Festa</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Parentesco com o dono do Santo</b>
Raimundo Renildo Nascimento	Dono do Santo	56	Agricultor	Dono do santo
Marcela Lopes Nascimento	Organizadora	32	Professora	Filha
Maria Orcinei Pimentel	Organizadora	53	Agricultora	Cônjuge
José Pimentel	Folião	62	Aposentado	Compadre
Jardison Garcia	Folião	33	Agricultor	Comunitário
Jobson Lopes dos Santos	Folião	35	Agricultor	Sobrinho
Maria José Viana	Rezadeira	64	Aposentada	Comadre
Maria do Carmo Nascimento	Devota	58	Manipuladora de alimentos	de Comunitária
Manoel Carlos Santos	Folião	21	Agricultor	Afilhado
Luciana Alves	Foliã	34	Professora	Comunitária

Fonte: Elaborado pelo autor

E com relação ao Marambiré, o sentimento dos moradores do local não é diferente. Há forte presença da memória dos moradores, principalmente os mais idosos, sobre os momentos em que a dança é apresentada dentro da comunidade. Porém há também a possibilidade de se perceber o pouco engajamento de pessoas mais jovens na dança do Marambiré. E nesse sentido também será preciso um olhar bem apurado para se perceber relações de poder que ocorrem nesse contexto da realização da dança. Além de conflitos que podem surgir durante a construção dos dados nas entrevistas.

Vale ressaltar a utilização de entrevistas semiestruturadas na pesquisa, pois se indicou o caminho para que os entrevistados pudessem, de maneira despreziosa, porém seguindo uma espécie de roteiro prévio, mostrar-nos suas visões sobre a temática, de forma a fornecerem as informações de forma mais levemente possível. Neste sentido, o local da realização das entrevistas também foi levado em conta, pois se realizou em ambientes do dia a

dia dos entrevistados, de preferência em suas casas, ou até mesmo em seu local de trabalho, como as casas de farinha, o roçado, por exemplo, desta forma, pode-se considerar que

Estes discursos também revelam algo sobre os valores do grupo assim como os múltiplos atos do cotidiano: estilo da decoração, o padrão de compras, a escolha de uma estação de rádio, o arranjo de camas... a abordagem etnográfica exige uma atenção especial a essas outras linguagens que técnicas de entrevistas têm mais dificuldade de alcançar. (FONSECA, p. 6-7, 1998)

Pode-se dizer que as entrevistas responderam perguntas de forma mais geral para todos, porém, de acordo com cada entrevistado, as entrevistas se direcionaram a caminhos diferentes apontando seus saberes e memórias sobre a festa de Ramada de Santa Luzia e sobre o Marambiré. A ponto de responderem: “Como estas festas tradicionais quilombolas educam?”

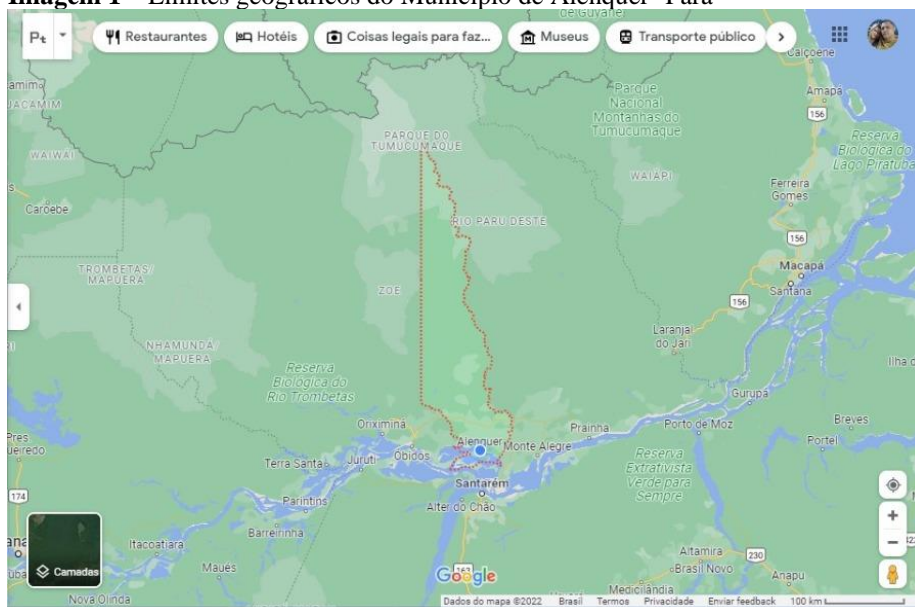
## CAPÍTULO 2 - O QUILOMBO PACOVAL: LOCALIZAÇÃO, SABERES E FAZERES

### 2.1 LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA DO QUILOMBO PACOVAL

A comunidade de Pacoval é composta por remanescentes de quilombo e foi oficialmente reconhecida através de título de terra quilombola. Localizada às margens esquerdas do Rio Curuá, a 58 km da cidade de Alenquer, no oeste do Pará, na região amazônica, o Quilombo Pacoval abriga cerca de 1.000 habitantes, distribuídos em aproximadamente 270 famílias<sup>4</sup>. Suas principais atividades econômicas incluem a agricultura familiar, a coleta de castanha do Pará, cumaru e açaí, além da pesca e pequenas criações de gado<sup>5</sup>. Além de pequenos comércios que movimentam a economia da região. É relevante ressaltar que muitas famílias na comunidade dependem exclusivamente dos programas sociais do Governo Federal, como o Bolsa Família, atualmente denominado Auxílio Brasil, como fonte de renda fixa.

O município de Alenquer-Pará está localizado geograficamente com as seguintes coordenadas: Latitude: -1.94247, Longitude: -54.7374 1° 56' 33" Sul, 54° 44' 15" Oeste<sup>6</sup>. Na região Oeste do Pará. A cidade de Alenquer recebeu o nome de uma das cidades portuguesas, devido à grande influência dos colonizadores que ocuparam a região. E tem como superfície 2.364.537 hectares, abrangendo uma área de 23.645,37 km<sup>2</sup>, como aponta a imagem 01 e 02.

**Imagem 1** – Limites geográficos do Município de Alenquer- Pará <sup>7</sup>



Fonte: Pesquisa de campo, 2021-2022

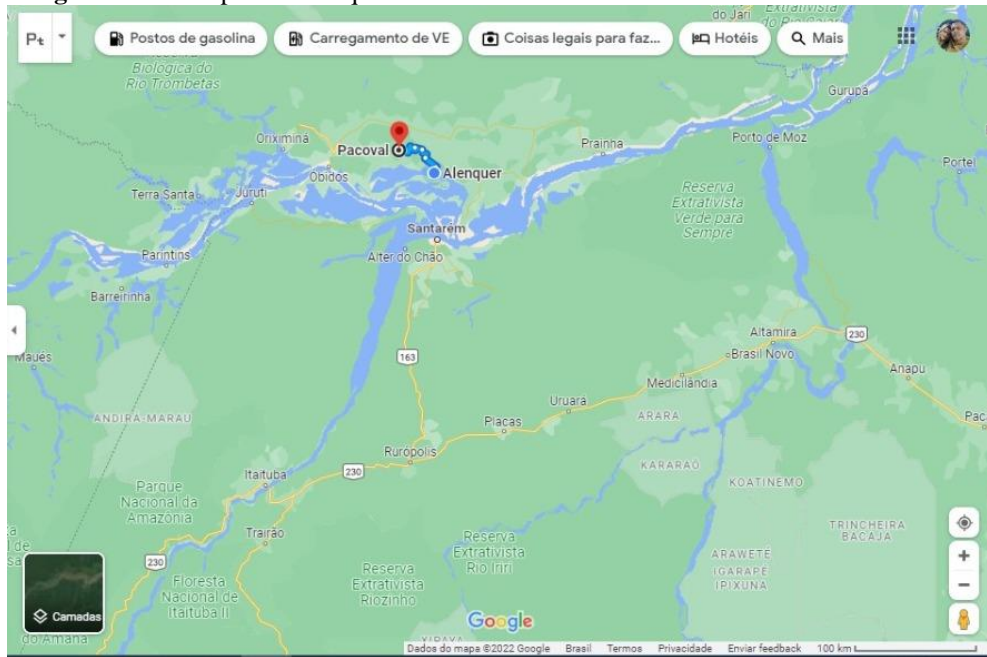
<sup>4</sup> Informações fornecidas pelo Sr. Roberto Carlos Nascimento Leitão, Agente de Saúde da Comunidade.

<sup>5</sup> Dados estabelecidos mediante levantamento próprio, visto que o autor é morador do lugar (professor).

<sup>6</sup> <https://pt.db-city.com/Brasil--Par%C3%A1--Alenquer> – Acesso em maio de 2023.

<sup>7</sup> **Fonte:** <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=quilombo+pacoval+alenquer+para>

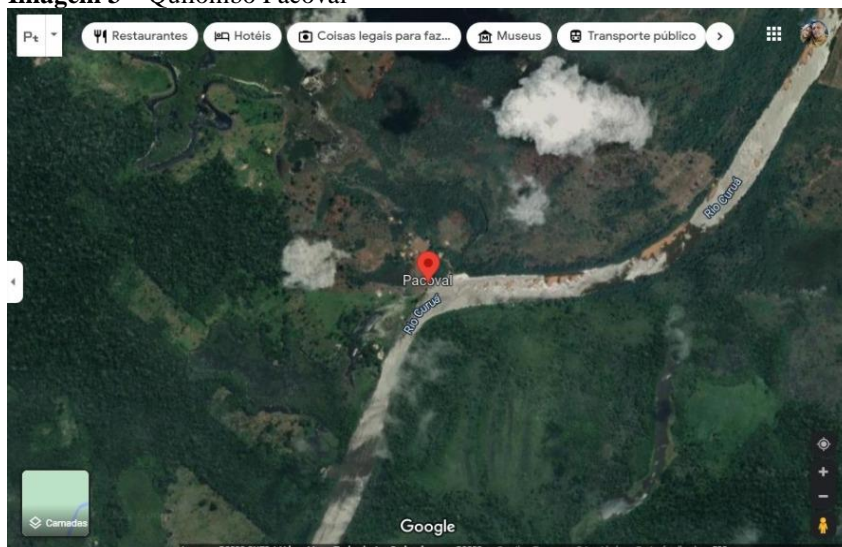
**Imagem 2 - Município de Alenquer- Pará<sup>8</sup>**



Fonte: Pesquisa de campo, 2021-2022

Pacoval está situado às margens do Rio Curuá (Imagem 03), um rio caracterizado por um ciclo sazonal de grandes enchentes durante o inverno amazônico, que ocorre de meados de dezembro a junho, seguido por longos períodos de estiagem de julho até meados de dezembro. Os membros da comunidade possuem um profundo conhecimento sobre esse ciclo, incluindo os momentos em que certas espécies de peixes aparecem, entre outras informações consideradas relevantes para a sobrevivência desta população.

**Imagem 3 – Quilombo Pacoval<sup>9</sup>**



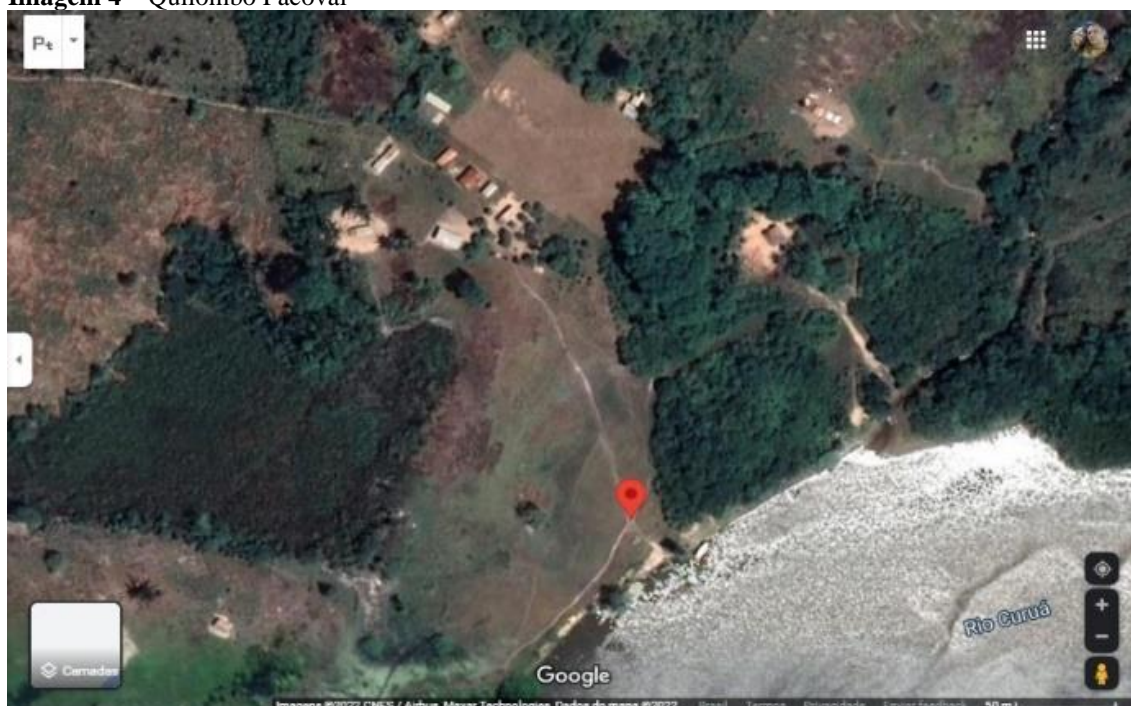
Fonte: pesquisa de campo, 2021-2022

<sup>8</sup> **Fonte:** <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=quilombo+pacoval+alenquer+para>

<sup>9</sup> **Fonte:** <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=quilombo+pacoval+alenquer+para>

Com relação ao espaço geográfico de Pacoval, a comunidade, até recentemente, estava dividida em dois grandes setores distintos de moradias: *a ponta de cima e a ponta de baixo*<sup>10</sup>. Todavia, com o crescimento da mesma, as casas foram sendo construídas nos entornos do quilombo, o que permitiu com que se fossem criados os pequenos bairros como Centro, Santa Luzia, Laguinho, Mapiri, São Pedro e Betônio (uma junção dos nomes de São Benedito e Santo Antônio). Como se vê na imagem abaixo (Imagens 04 e 05), a comunidade dividida em ruas que compõe os pequenos bairros do quilombo.

**Imagem 4** – Quilombo Pacoval<sup>11</sup>



Fonte: Pesquisa de campo, 2021-2022

<sup>10</sup> Os termos nativos, categorias, vocábulos, expressões, utilizados pelos moradores do quilombo Pacoval, serão, neste texto, destacados em itálico.

<sup>11</sup> Fonte: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=quilombo+pacoval+alenquer+para>

**Imagem 5** – Vista aérea do Quilombo Pacoval<sup>12</sup>



Fonte: Pesquisa de campo, 2021-2022

O nome "Pacoval" foi atribuído ao quilombo devido à abundância de plantações de banana Pacovan<sup>13</sup> que existiam no lugar no período da chegada dos primeiros moradores:

A denominação “Pacoval” é dada ao lugar onde se planta a Banana Pacovan. O sufixo “al” denomina coletivo de alguma coisa, exemplo de “Guaranazal” (local onde se planta guaraná em Maués/AM) e “Castanha” (lugar onde se produz castanha). Ainda sobre o Pacoval, sabe-se que foi uma comunidade fundada por “um grupo de negros liderados por Manoel Rodrigues de Oliveira, que fugiu da propriedade de Maria Macambira, em Santarém (700 Km a oeste de Belém), no fim do século 18” (MARIA, 1995) (MONTEIRO, 2021, p. 371).

A comunidade de Quilombo Pacoval é oficialmente reconhecida<sup>14</sup> por meio do título de reconhecimento de domínio emitido pelo INCRA, sob o número 001/96, denominado Pacoval de Alenquer. O quilombo está inscrito no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ, com o número 23.040.538/0001-25. Localizado no interior do município de Alenquer,

<sup>12</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/07/27/quilombo-do-pacoval-em-alenquer-sera-beneficiado-com-projeto-aprovado-em-edital-ufopatnc.ghtml>

<sup>13</sup> Banana-da-terra ou plátano (em inglês: *plantain*) é uma fruta utilizada como ingrediente na preparação de receitas doces ou salgadas, pode substituir qualquer vegetal rico em amido, pois possui em torno de 25% de amido. Esta banana que tem formato grande e alongado com pouca curvatura, possui casca fina com coloração entre o amarelo e o verde. No Brasil, a banana-da-terra é consumida madura de forma cozida, frita ou assada. As principais variedades deste grupo são: **Banana da terra ou pacova** (em inglês: *French plantain*) <https://www.cozinhatecnica.com/2019/01/banana-tipos-de-banana/>

<sup>14</sup> <https://cpisp.org.br/pacoval/> acesso em 27 de nov. 2021.



abrange uma área de 7.472.8790 hectares, com as seguintes delimitações geográficas: a Leste, o rio Curuá; ao Norte, a comunidade de Praia Grande; ao Sul, as comunidades de Barra Mansa e Igarapé Piquiá; a Oeste, a comunidade Massaranduba. É importante ressaltar que tanto os habitantes de Pacoval quanto a associação fundada em 1989, denominada ACONQUIPAL – Associação Comunitária de Negros do Quilombo Pacoval, tiveram interações diretas com outros quilombos na região oeste do Pará, em especial aqueles localizados ao longo dos rios os dos rios Trombetas, Cuminã e Erepecuru, no município de Oriximiná e a comunidade do Silêncio do Matá, no município vizinho de Óbidos.

O direito dos remanescentes de Quilombo permanecerem em suas terras já havia sido garantido a partir da Constituição Federal de 1988, através do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que estabelece: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”. Além disso, após a Constituição Federal de 1988, outras leis foram promulgadas para garantir direitos específicos aos remanescentes de quilombo.

## 2.2 O TRABALHO COLETIVO, HERANÇA CULTURAL

Na comunidade de Quilombo Pacoval, a prática de *puxirum*, mutirões realizados para a limpeza, plantio ou colheita de mandiocas, principalmente, para a fabricação da farinha, podemos dizer que é uma prática comum de “*ganhar dia*” ou “*trocar dia*” com outros comunitários; na construção ou cobertura de casas, no ato de colocar a “*bajara*” (pequena embarcação) no rio, entre outras. Neste momento de trabalho comunitário as trocas de conhecimentos, através de informalidade é garantida.

Para melhor compreensão sobre os termos “*ganhar dia*” e “*trocar dia*”, faz-se necessário melhor explicitar que durante o período de plantio, a família inteira se mobiliza para realizar a tarefa. Adultos, jovens e crianças participam dos *puxiruns*. As famílias marcam o dia da semana e convidam alguns vizinhos e parentes para juntos trabalharem na plantação ou limpeza. Durante o dia do trabalho, as tarefas são divididas entre os participantes: alguns limpam, outros cavam (fazem a cova ou *manicujá*), outros plantam e outros servem água. A alimentação é por conta do dono do *puxirum*, que já leva a refeição pronta para servir aos participantes. E estes, por sua vez, já têm garantida a participação dos donos do *puxirum* para a realização do seu trabalho que será agendado. Este é um exemplo das *trocas* ou *ganhos* de

dia, que podem ser realizadas nas mais diversas tarefas, como dito anteriormente e são formas de se ensinar e aprender realizando trocas de conhecimento.

[...] lugares onde ao lado do que se faz como motivo principal do grupo (jogar futebol, reunir-se para viver uma experiência religiosa, trabalhar em prol da melhoria da qualidade de vida do bairro e assim por diante) as pessoas estão também inter-trocando saberes entre elas. [...] no entanto, no interior de qualquer grupo humano que seja criado para viver ou fazer qualquer coisa, todas as pessoas que estão ali, são fontes originais de saber. Cada um dos integrantes do grupo humano trabalha, convive e/ou participa, através daquilo que traz como conhecimentos, a sensibilidade e os sentidos de vida originados de suas experiências pessoais e interativas. E em cada uma ou um de nós elas são únicas e originais (BRANDÃO, 2005, p.87-88).

No entanto, essas atividades tradicionais estão se tornando cada vez mais raras na organização do quilombo. Segundo relatos de um membro da comunidade durante uma conversa informal, na calçada da Plenária - local onde se realiza os principais eventos dentro da comunidade – Barracão Comunitário da comunidade, em uma das reuniões realizadas na comunidade, “*cada vez mais as pessoas não querem mais realizar este tipo de trabalho, querem sim receber diárias*” – como se costuma chamar ao dia de trabalho de forma remunerada; segundo este morador, é cada vez menos frequente o trabalho em forma de *puxiruns*, pois devido à falta de trabalho e a necessidade de sustentar a família, dentre outros motivos, “o ganhar e trocar dia” estão ficando cada vez mais escassos.

Neste sentido, podemos dizer que uma grande forma de *repassé* de conhecimento fica ameaçada, pois, como já afirmamos, nestes momentos de trabalhos as trocas realizadas podem ficar ameaçadas pela ausência da realização desta forma de trabalho. O caráter coletivo que orienta a formação do povo quilombola e como garante o título de terra concedido aos moradores e seus descendentes – por possuir o caráter de terra ser de todos os herdeiros quilombolas de Pacoval, muda a medida em que mudam as relações de trabalho.

Os trabalhos comunitários também possuem forte presença no dia a dia do quilombo, as atividades coletivas fazem parte do cotidiano do Quilombo, da tradição da comunidade. A comunidade é mobilizada para realizar a limpeza das ruas e travessas já existentes, assim como abertura de novas. Na limpeza da área que circunda o Barracão Comunitário, vejo que a participação dos comunitários sempre é efetiva. A limpeza do cemitério da comunidade também é realizada durante o ano com a mobilização dos moradores da comunidade, assim como a limpeza da praça e a frente da comunidade. Em todos estes *puxiruns*, há sempre a realização de um almoço comunitário, que é feito a partir de doações e coletas dos próprios moradores, e também de uma cachaça para animar e movimentar os participantes.

As manifestações culturais também desempenham um papel significativo na vida da comunidade. Festividades tradicionais como o Boi Bumbá, aqui chamado de Boi Famoso, que se apresenta nas festividades juninas (que no quilombo podem ocorrer até o mês de agosto); a Pastorinha, realizada principalmente no período natalino, por se tratar de um auto de Natal; o Carnaval do Século, que relembra os grandes carnavais, através das marchinhas de outrora; a festividade do padroeiro da comunidade Santo Antônio, que é realizado no mês de julho para não coocorrer no mesmo período das comemorações realizadas em Alenquer, durante o mês de junho do também padroeiro do município Santo Antônio; os torneios tradicionais dos clubes de futebol São Domingos e Santo Antônio, em fevereiro e março respectivamente; e mais recente, as comemorações alusivas ao dia da Consciência Negra, que acontecem no mês de novembro, é principalmente neste período que ocorre a chamada missa afro, celebração que apresenta uma junção de elementos do catolicismo, do Marambiré, da Pastorinha e da herança africana; além de outras que são tradições da comunidade. E é também no período das comemorações alusivos à Consciência Negra que se consome no Pacoval a “*Catira*”, bebida feita de uma mistura de caju, cachaça, açúcar e um ingrediente especial pouco divulgado, mantido em segredo pelas pessoas que a preparam<sup>15</sup>, possui sabor suave, adocicado, com pouca percepção do álcool, porém pode embriagar a quem exagerar no consumo. Assim, a riqueza cultural, o trabalho colaborativo e as tradições comunitárias desempenham um papel vital na vida da comunidade de Quilombo Pacoval.

### 2.3 O ESPORTE TAMBÉM EDUCA

As tradições esportivas também desempenham um papel fundamental na vida diária do Quilombo, contribuindo para a transmissão de conhecimento e valores educacionais. Dentro da comunidade, existem dois clubes tradicionais: São Domingos, fundado por volta dos anos 1940 a 1950, localizado na ponta de baixo, e Santo Antônio, localizado na ponta de cima, fundado por volta de 1960 a 1970. Há certa rivalidade entre os dois clubes que dura mais de 50 anos, desde a fundação do Santo Antônio Esporte Clube. Os torneios tradicionais são realizados uma vez por ano, Santo Antônio no segundo sábado de fevereiro e o de São Domingos um mês depois, no segundo sábado de março.

---

<sup>15</sup> A “*Catira*” é uma bebida que se tornou típica do Quilombo Pacoval após Dona Cruzinha participar de um evento fora da região que se serviu uma bebida, que, após adaptações no Pacoval, tornou-se a *Catira*. (*Informação levantada em conversa informal com Dona Cruzinha em sua residência 17/11/2021*)

Desde muito jovens os moradores da comunidade começam a fazer parte de um dos dois clubes, pois o futebol é a maior expressão esportiva da comunidade - inclusive uma seleção formada por jogadores dos dois clubes do Pacoval, já ganhou títulos em campeonatos municipais em Alenquer - geralmente passam a fazer parte por incentivo dos pais que já fazem parte daquele clube. Os jovens passam a fazer parte do clube e durante a realização do torneio estão diretamente envolvidos desde os preparativos para a festa, até o encerramento do movimento. Os membros do clube participam durante a preparação do torneio durante todo o decorrer do ano, pois fazem visitas a outras comunidades para *ganharem visita* para o torneio do clube. Participam das festas nos interiores de Alenquer, Curuá e também de Óbidos para que os clubes visitados possam ir até o quilombo participarem do torneio.

Já na organização do torneio em si, os preparos iniciam com pequenas reformas na sede do clube, limpeza do campo de futebol, limpeza em geral, nas semanas que antecedem o torneio, a chegada do da bebida, do som, da banda, da divisão das tarefas das pessoas que ficarão no bar, na organização do jogos amistosos, no torneio de pênaltis, na venda de ingressos, na entrada, na pensão (local onde se vendem refeições aos visitantes), na segurança durante a festa, enfim, os afazeres são distribuídos para que todos possam participar e ajudar para o bom andamento do torneio, nesta divisão homens e mulheres participam. As tarefas não terminam ao final da festa, pois os componentes da banda, assim como suas aparelhagens precisam retornar aos seus locais. A bebida, caso sobre, precisa ser devolvida, a sede precisa ser limpa, dentre outros afazeres que são realizados. Após uma semana ou mais é realizada a prestação de contas do torneio, momento em que se é explanado os rendimentos da festa em si. Neste momento, após a constatação de que a festa gerou lucros, os membros presentes que trabalharam para a organização do evento, comemoram ou melhor se confraternizam tomando cervejas e realizando os acertos sobre em que vai ser revestido o lucro adquirido, geralmente se guarda o dinheiro conseguido para a realização das visitas no decorrer do ano. Portanto, é um ciclo que se repete durante os anos, que já fazem parte do calendário da comunidade e que a movimentam, geram expectativas e fazem com que a comunidade se mobilize para a participação no movimento. Há, portanto, um processo de socialização, de educação ocorrendo dentro do cotidiano da comunidade, nos mais diversos grupos sociais.

[...] e não apenas durante a infância e adolescência – convivemos em e entre diferentes grupos sociais. E dentro deles aprendemos: nossos grupos de idade (como uma “turma de amigos”), nossos grupos de interesse (como um time de futebol), nossas equipes de e de trabalho. Cada um deles aponta uma fração daquilo através do que, aos poucos e ao longo de toda vida, nós nos socializamos. Nós aprendemos em diferentes e integradas dimensões de nós mesmos, os diversos saberes, as sensações, as

sensibilidades, os sentidos, os significados e as sociabilidades que, juntas e em interação de nós e entre nós, nos tornam seres capazes de interagir com uma cultura e em sociedade (BRANDÃO, 2005, p. 85).

Percebo, que mesmo através das práticas esportivas, também é possível existir o *repassé* de conhecimento através da responsabilização que é dada aos mais jovens durante a realização dos torneios e festas dançantes dentro das comunidades tradicionais; no quilombo não é diferente, há um envolvimento de homens e mulheres, os mais novos assumindo as responsabilidades que outrora foram de seus pais e avós. A educação não formal ocorre nesses ambientes, mesmo que não sejam formalmente institucionalizados, contribuindo para a formação dos jovens e para a coesão da comunidade.

#### 2.4 O ENCONTRO RAÍZES NEGRAS E CONSCIÊNCIA NEGRA

O Quilombo Pacoval desempenhou um papel significativo ao sediar o primeiro Encontro de Raízes Negras em 1988, ano do centenário da "abolição da escravatura" no Brasil. Este evento foi fortemente impulsionado pela professora Idaliana Marinho de Azevedo, do município de Óbidos, que estava envolvida em trabalhos nas comunidades quilombolas da região oeste do Pará. O encontro não foi apenas uma festa; também se tornou um espaço para debates que abordaram questões políticas, direitos civis, demarcação de terras quilombolas, educação e outras necessidades das comunidades quilombolas<sup>16</sup>.

Em 2018, a comunidade celebrou os 30 anos da realização do primeiro Encontro de Raízes Negras, realizando o décimo encontro. Quilombolas de várias regiões do baixo Amazonas se reuniram no Pacoval para discutir o que havia acontecido nos trinta anos desde o primeiro encontro. Foi um momento único, pois quilombolas de Pacoval e outras comunidades negras de Alenquer, Óbidos, Santarém, Oriximiná e de outros lugares se reuniram para apontarem caminhos na busca de melhorias para as comunidades quilombolas da região. A partir do I Encontro de Raízes Negras no Quilombo, em 1988, a comemoração do dia Nacional da Consciência Negra passou a ser inserida no calendário de eventos locais e se tornou uma das maiores e mais esperadas realizações da ACONQUIPAL dentro da comunidade. Este ano de 2023 foi realizado o XII Encontro de Raízes Negras, no mês de julho, no quilombo de Arapucu, município de Óbidos, no qual se deu continuidade às temáticas abordadas neste encontro.

---

16 <https://periodicosletronicos.ufam.edu.br>. 2021 Festa do Marambiré do Quilombo Pacoval (Pa) | MONTEIRO, Ygor Saunier Mafra Carneiro. In: REH – Revista em Educação e Humanidades, Vol. II, n. 2, jul-dez, 2021, pág. 365-393. Acesso em 01 de dez. 2021.

Como dito acima, o evento em comemoração ao dia da Consciência Negra surgiu a partir do Encontro Raízes Negras e já se tornou uma tradição na comunidade quilombola de Pacoval. A comunidade para e todos se reúnem no Barracão Comunitário para se discutir temas voltados para as demandas da comunidade, assim como para celebrar o dia de Zumbi, 20 de novembro. O evento é marcado por apresentações culturais das comunidades locais e vizinhas, com muita dança, comida, bebida e a apresentação do Marambiré do Pacoval, do São José e do Benfica, formando um grande Cordão que enriquece ainda mais o evento.

Geralmente, o evento se estende por três dias, de 18 a 20 de novembro. Durante esse período, a participação é significativa e abrange todas as faixas etárias. No entanto, observa-se uma distinção na participação dos diferentes grupos em cada etapa das comemorações. Segundo Benedita Viana, os jovens não participam tão intensamente nos momentos de palestras, rodas de conversas, no entanto durante as festas, a presença dos jovens é bastante grande. Neste sentido, os mais velhos destacam que os jovens, por não estarem presentes nestes momentos citados acima, não têm interesse em aprender sua cultura. Já grande parte dos mais jovens considera estes momentos “pouco interessantes”, segundo a Maria, jovem participante da roda de conversa, pois não conseguem ver nada de importante nestes momentos. No entanto, no decorrer da programação, nos momentos de festas dançantes, a presença de jovens é majoritária.

## 2.5 OS SABERES E FAZERES DO QUILOMBO PACOVAL: O QUE SE SABE, SABE-SE!

Pacoval também possui outras manifestações típicas do lugar, e que também fazem parte do contexto cultural, o campo medicinal. Ao longo de muitos anos, os antigos moradores da comunidade guardam conhecimentos de cura através de remédios feitos de ervas medicinais, apreendidos durante toda uma vivência de fugas e de distanciamento dos recursos médicos, desde os primeiros moradores.

A arte de curar é de domínio de muitas pessoas no Pacoval; são as parteiras que tem o dom de saber “puxar criança”, curar o “mal de sete dias”; são os consertadores de ossos, hábeis ortopedistas que têm impedido que muitos fiquem com aleijões, em consequência de fraturas; e os curadores de cobra, o “contraveneno”, ou *Pauxis*, uma infusão feita de folhas, raízes e cascas, utilizada contra a picada de bichos peçonhentos (cobra, escorpião) e ferroadada de arraia (FUNES, 2022, p. 416) (grifos do autor).

Além da presença de parteiras, há pessoas que “*consertam*” “*desmentiduras*”, benzedoras ou rezadeiras para o chamado *quebranto*, orações para quem engole espinhas de peixes, para “*vermelha*” ou “*fogo selvagem*” que são inflamações que surgem ao redor de ferimentos, dentre outros saberes que também são repassados de geração a geração. Há também entre estes saberes as pessoas que *costuram rasgaduras*. São aqueles que possuem o saber que, através de orações, realizam um pequeno ritual de cura para fazer com que as dores causadas por *rasgaduras* sejam curadas. Durante a realização da pesquisa, tive acesso a muitas informações sobre os ritos de costura, formas de realizar a *benzeção*, os dias de tratamento, enfim, são inúmeras informações que estão na memória dos entrevistados, porém muitos destes ritos já se perderam, pois os conhecedores das orações e segredos da cura, segundo os entrevistados, não deixaram para ninguém ou ninguém se dedicou a aprender.

É comum, por exemplo, durante jogos de futebol dentro da comunidade, acontecerem alguns incidentes entre os jogadores e alguém se machucar com torções, distensões, entre outros e, ali mesmo, à beira do campo, algum conhecedor das práticas de “*consertar*” atende o jogador machucado e as crianças, os jovens e adultos veem como essa pessoa age diante da situação e de alguma forma, é um momento em que o conhecimento se torna visível a todos, mostrando à comunidade que os saberes locais estão vivos e disponíveis para quem os quiser aprender. Posso dizer que há repasse de conhecimento mesmo nestas horas de lazer e diversão dentro da comunidade e que os jovens estão tendo acesso a esse saber.

A comunidade também possui parteiras que fazem o acompanhamento das gestantes da comunidade. Elas *puxam* a barriga, indicam remédios caseiros, acompanham a gestante desde o início da gravidez, ao parto e até mesmo no pós parto. São mulheres que aprenderam o ofício com alguém da família, geralmente mãe ou avó, que repassaram os conhecimentos adquiridos por anos para suas descendentes. Por muitas vezes, as parteiras indicam que a gestante precisa ser levada ao *recurso maior*, o hospital da cidade. Principalmente quando se trata do primeiro filho, pois pode haver o risco de a mulher não possuir *passagem* e assim sofrer problemas sérios tanto para ela quanto para a criança ou mesmo para ambos. Segundo alguns relatos, é comum crianças nascerem na “*estrada*” durante o traslado para a cidade.

As parteiras do Pacoval assistem às mulheres grávidas da comunidade e das comunidades vizinhas. Por vezes passam dias nas casas das mulheres aguardando a hora da chegada do bebê. Certas vezes são chamadas “*tarde hora da noite*” para acompanharem a parturiente durante o momento de espera da criança que vai nascer. É um trabalho, considerado pelos comunitários, de grande valor, pois pelas mãos das parteiras muitas crianças já vieram ao

mundo. E como já citado, as parteiras geralmente acompanham a mulher até o sétimo ou oitavo dia após o parto.

**Imagem 6** - Tia Biruca, Raimunda Benedita, em mais um parto no Quilombo



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

O conhecimento de algumas parteiras e outras pessoas da comunidade se apresenta também na preparação das chamadas *garrafadas*. As *garrafadas* possuem inúmeros usos, de acordo com a necessidade da pessoa que dela precisar. Há preparos para diversos males, porém a procura maior entre os preparos, são aqueles que fazem com que mulheres que tenham dificuldades de gerarem um filho, possam engravidar tomando o remédio. Em muitos casos, segundo relatos de moradores, basta uma garrafa para a mulher ter seu problema resolvido e assim se tornar mãe. Não se tem comprovação científica, mas o que se sabe é que em muitos casos a *garrafada* funciona.

### **2.5.1 Os saberes dos curadores de cobra: quem está aprendendo o que sabemos?**

Quando o assunto é a cura, o caso que se pode considerar mais intrigante, é o de pessoas que possuem o segredo da fabricação do chamado “*contra-veneno*”. Um importante remédio caseiro, possivelmente feito de ervas e outros elementos, utilizado para a cura de picadas de animais peçonhentos, as de cobras principalmente. Este remédio tem uma fórmula



que é, como dito acima, guardada em segredo pelas famílias que o fabricam. Muitas pessoas de outras comunidades veem até o quilombo para receber o tratamento dos “*curadores de cobra*”, que são os detentores do saber e que realizam um trabalho de cura, o qual pode durar vários dias, dependendo da gravidade do problema. Dizia-se que na comunidade há muito tempo não se ouvia falar de que alguém faleceu por ter sido picado por cobras.

Porém, recentemente, uma criança foi uma vítima fatal da picada de cobra. Segundo Chico Índio, o curador que tratou da criança, “*é difícil tratar de crianças, elas não resistem muito, não conseguem tomar o contra-veneno sem provocar e isso faz que o veneno da cobra não seja combatido*”. A criança ficou muito enfraquecida, pois não conseguia tomar o remédio ensinado e também não conseguia se alimentar e veio a óbito. A comunidade ficou muito abalada com a perda da criança que tinha menos de 3 anos de idade.

Além do uso em pessoas, o remédio é usado também para cura de animais como cavalos e do gado, assim como também é utilizado para “*curar*” os campos onde estes animais são criados. Há também a utilização da cura como preventivo a possíveis picadas de cobras, o “*curador de cobra*” realiza uma espécie de rito na pessoa que deseja ser curada. A partir desta cura, a pessoa recebe uma proteção que faz com que se for picada por cobra ou outro animal peçonhento, não terá muitos danos, estará protegida. Este saber é *repassado* pelos pais aos filhos mais novos. Porém, este *repasso* ocorre apenas entre os membros da família, no caso do Pacoval, da família “Assis” e para aquele que realmente deseja tomar para si esta responsabilidade. Para melhor entendimento sobre o saber da cura, detido por alguns moradores do quilombo Pacoval, decidi expor de forma mais detalhada, o saber e fazer do “*curador de cobras*”.

Escolhi o dia 18 de agosto como data simbólica de início de minha pesquisa no Quilombo Pacoval. Dia em que os acontecimentos que vinham ocorrendo na comunidade fazem reforçar a crença local que diz que o mês de agosto não é um mês muito auspicioso. Neste dia, a comunidade já estava assustada pelo fato de ter ocorrido um acidente, no início da tarde, com uma carroça de boi que virou machucando um casal de idosos, os quais foram levados para a cidade para buscar recursos. Os dois ficaram machucados, ele quebrando um dos braços e ela tendo dois dedos do pé amputados. Por volta das quatro e vinte da tarde, estávamos na escola, terminando o quarto tempo das aulas, quando nos chegou a notícia do falecimento de uma comunitária que estava recebendo cuidados médicos na cidade de Curuá e que havia sido transferida para a cidade de Óbidos devido ao agravamento de seu estado de saúde. A jovem, mãe de cinco filhos, faleceu vítima de um AVC – Acidente Vascular Cerebral, deixando toda a

comunidade consternada com sua partida precoce e principalmente pelas crianças que agora se tornavam órfãs de mãe.

Já no período da noite, continuando a minha função de observar o que acontecia na comunidade, fui surpreendido com o chamado do rapaz que faz o tratamento para picadas de cobra, o *curador de cobras*, para que fossemos até ele para que realizasse o processo de *cura*, o qual faz com que os danos ocasionados pela picada de cobra ou quaisquer outros animais peçonhentos, tornem-se mais amenos, menos danosos. Ao chegar até a casa de meus sogros, onde ele se encontrava, já envolvido no processo, realizando o ritual de cura, fiquei observando sua habilidade e a forma descontraída como ele conduzia o rito. Era a primeira vez que via esse processo. Fiquei atento a cada detalhe. Eu o observei realizando o rito em quatro pessoas e em seguida foi a minha vez. Apesar de ser um tanto quanto cético com relação a certos assuntos, a cura de cobra é algo que me intriga e fascina ao mesmo tempo.

Chegou a minha vez de receber a primeira seção de cura, de três que são realizadas. Os demais componentes de minha família já estavam encerrando o seu tratamento, enquanto eu estava apenas no início. O curador pediu que eu sentasse em um banco que estava a sua frente, pediu que eu ficasse com o pé direito descalço e posicionou seu pé sobre o meu. Inicialmente ele pôs uma porção de contra veneno em sua boca e jogou sobre os meus pés e perna, do joelho para baixo, em seguida me deu meio copo do contra veneno para que eu tomasse, o gosto não é ruim, porém possui certo teor alcoólico, devido a utilização da cana ou da cachaça como um de seus ingredientes. Apanhou uma agulha que estava de molho no remédio e fez uns riscos pelas minhas pernas e pés, se ele fazia algum tipo de oração, não se percebia, pois não se ouvia nenhuma palavra ou mesmo o movimento na boca. Pegou uma linha que também estava embebida no remédio e atou em minha perna, deixando como se fosse uma tornozeleira, vale salientar que a linha é colocada no lado esquerdo, não sei se é norma ou uma opção do *curador*. Em seguida, apanhou uma vela, acendeu a vela, passou em volta de seu corpo por três vezes, passou as mesmas três vezes em volta de sua perna e da minha perna, fez o movimento de colocar a vela acesa três vezes dentro de sua boca e me deu a vela para que eu repetisse o movimento. Finalizando o processo de cura, o curador, com contra veneno, ungiu minha testa com o movimento em forma de três cruces, fez o mesmo movimento em meu peito e novamente um pouco abaixo de minha nuca e finalizou derramando uma pequena porção em minha cabeça.

**Imagem 7** - Os fios que simbolizam as três seções de cura preventiva



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Perguntava-me como ele aprendeu esse ritual? quem o ensinou? como se chegou a esse processo? e a esses instrumentos utilizados? enfim são perguntas que somente com uma boa conversa poderemos saber ou não devido o mistério contido nessa prática. Daí se percebe, em sua performance, as particularidades que caracterizam aquele momento e que envolvem todos os participantes em sua construção, fazendo com que o processo de cura seja realizado com sucesso (LANGDON, 2006). Neste sentido, percebi o quanto o repasse de uma tradição, mantida por uma família, está sendo continuado por alguns de seus herdeiros, visto ele não ser o único da família que realiza esse processo de tratar pessoas picadas por cobras, que aprendeu com seu pai e este com seus pais.

O processo de cura como dito acima, é realizado em três seções, esta foi a primeira. E quem o faz também deve seguir algumas recomendações como: não pode sentar-se na porta da casa; não pode passar por debaixo de varais de estender roupas; não pode comer em panelas, além do contato do contra veneno com mulheres menstruadas é totalmente proibido, pois segundo o curador, o remédio estraga somente da mulher olhar para ele, assim como as mulheres menstruadas ou grávidas não podem ter contato com pessoas picadas por cobra, enfim

são recomendações que devem ser seguidas para que a cura não seja quebrada. As recomendações com os cuidados com o antiofídico fabricado no Pacoval, com relação às mulheres, é tanto que até mesmo as garrafas em que se armazena o contra-veneno devem ser escuras e guardadas embrulhadas em folhas de bananeiras, longe do olhar das mulheres em seus dias, isto segundo o curador e também os moradores locais.

Funes (2022), em sua pesquisa realizada no início da década de 1990, relata sua cura preventiva e aponta inúmeros elementos que fazem parte de uma “dieta” para que a cura não seja quebrada que de alguma forma refletem alguns costumes da época:

Não comer macaco prego e nambu por oito dias; não comer arraia e poraquê pelo resto da vida; não se senta em batente da porta e em pilão; tomar banho só no dia seguinte à cura, se fumar, não pegar na lamparina para acender o cigarro e sim acendê-lo na lamparina; não comer direto da panela; não passar por debaixo do varal e, de forma alguma, manter relações sexuais com mulher menstruada, pois quebra-se o efeito, e aí, só outra cura. A mulher nesses dias não pode sequer olhar para o remédio que ele se estraga (FUNES, 2022, p. 418).

Neste processo, percebo a crença dos comunitários nesta nobre e valorizada função do *curador* dentro e fora da comunidade, pois realiza este tipo de trabalho em outras comunidades quando é chamado ou mesmo as pessoas veem até a comunidade para receber o tratamento contra a picada de cobra. Neste sentido, percebo que a função de curador de cobra dentro da comunidade, envolve fatores que ultrapassam a crença dos comunitários no poder de cura. A crença, no poder do curador, está fortemente relacionada à crença da comunidade local, ou seja, está fortemente ligada “as dores que o corpo se recusa a tolerar” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 228) e, com isso, mesmo que “a mitologia no xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é um membro de uma sociedade que acredita nela” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 228). Assim, o ritual faz parte da cultura inserida na comunidade há muito tempo, desde os primeiros moradores até a atualidade. Vale aqui ressaltar que o curador de cobra não possui nenhum status que o torne uma pessoa dita “*especial*”, é um quilombola como todos que mora e vivencia o cotidiano da comunidade, está inserido no fazer comunitário e posso dizer que é um cidadão comum como todos os outros quilombolas de Pacoval.

Chico Índio, como é conhecido o curador de cobra, o qual tenho acompanhado, é um exímio contador de histórias e causos. Na noite do dia 22 de setembro de 2022, estávamos na casa de meus sogros jantando. O curador é afilhado do meu sogro, portanto aparece na casa dele com grande frequência. Vai até lá acertar algum trabalho, às vezes conversar e certas vezes até tomar “*uma cervejinha gelada*”, pois minha sogra vende bebidas alcoólicas. Nesta noite,

meu sogro estava tomando banho no rio quando Chico Índio chegou. Ele, Chico Índio, entrou, sentou-se e pediu uma cerveja a minha sogra o serviu e ele começou a beber e a conversar.

Em certo momento da conversa, minha sogra relatava que o trabalho de roçar seu campo havia sido interrompido quando os trabalhadores de meu sogro encontraram um couro de cobra que ao que tudo indicava já estava muito grande, contaram eles que seria uma cobra “surucucu pico-de-jaca”, uma espécie das mais venenosas que existe nesta região. Desde o momento que os trabalhadores avistarem aqueles restos da cobra, ficaram com medo de dar continuidade ao serviço. Daí, Chico Índio falou que “*quem sabe se ela ainda está lá, porque quando este tipo de cobra cresce, vira paca*”, fiquei intrigado com o que ele havia dito, e seguiu dizendo que “*a paca, quando entra na toca, se ela pular três vezes, pode contar que não mais encontram ela, acham a cobra, mas não acham a paca*”, então ele começou logo narrar uma história contada por sua avó Mimita (já falecida), que era também detentora do saber de cura.

Certa vez vó Mimita criava uma paca, desde filhote, ela colocou um pequeno brinco na orelha da paca estimação, mas após um tempo, o animal já crescido sumiu. Algum tempo depois vó Mimita encontrou em um lugar uma surucucu pico-de-jaca morta, no terreiro da casa, mas como era noite, não foi mexer no local. Ao amanhecer a senhora foi até o lugar onde estavam os restos da cobra e então percebeu que a cobra usava o mesmo brinquinho que a paca de estimação usava, o brinco estava enterrado no couro da cobra. Então veio a constatação de que a cobra virava paca e a paca virava cobra. (*Chico Índio em conversa informal na residência de Sr Renildo, ago. de 2022*)

E as estórias do curador de cobra continuam ocorrendo no dia a dia da comunidade. No dia do primeiro turno da eleição majoritária, 02 de outubro de 2022, outro “*causo*” ocorreu na comunidade, envolvendo a pessoa do Chico Índio. Na noite que antecede a eleição, no sábado dia 01, as pessoas que não moram na comunidade vieram de outros lugares para exercer o direito ao voto.

Nesta noite, na casa da Tia Nazita, os filhos dela que moram em Santarém vieram votar e se reuniram em frente à sua casa para confraternizar com os amigos. A polícia, nesse dia, já se encontra presente na comunidade para manter a segurança em período de eleição. Em algum momento dessa confraternização a polícia chegou até o local e conversou com os presentes para que evitassem estar em frente da casa, podiam ficar no quintal ou dentro de casa, com o som mais baixo que não haverá problema. Neste momento da conversa entre os policiais e os donos da casa, Chico Índio não estava presente, chegou de repente e meio “*quente*” da bebida perguntou “*o que tava pegando?*”. Os amigos explicaram para ele o ocorrido e ele então concordou. Mas disse que se fosse outra coisa iria mandar uma cobra picar na garganta do guarda. Em tom de brincadeira, após dizer isso, o policial ficou todo temeroso e disse que não

era para tanto. Alguns chegaram a dizer que um dos policiais foi picado por uma cobra do outro lado do rio.

Neste sentido, observei que o *curador* usa de toda uma mística que há em torno de seu conhecimento com a cura. De alguma forma, este misticismo é usado para, de alguma forma, “intimidar” que lhe contraria. É o conhecimento desses saberes que fazem com que o Quilombo Pacoval seja visto, de forma pejorativa, como terra de feiticeiros e de grandes conhecedores de magia. Assim, a estória do fato ocorrido com os policiais já se tornou mais um caso a ser contado pelos moradores do Quilombo. Sobre a temática da visão preconceituosa tida sobre o quilombo Pacoval, Funes (2022), aponta que

Essa imagem acompanhou o Pacoval por muito tempo, medo das puçangas que os pretos faziam para segurar as moças, porque dizem que quando butavam o olho e gostavam, fazia as rezas deles lá, a gente tinha medo de passa por lá”. Era o medo do branco “sujo”, revelando a imagem da terra de negros no imaginário popular e um preconceito, embutido nesse medo, e de ter que se casar com um negro. (FUNES, 2022, p. 410)

A visão pejorativa do quilombo e quilombolas, pela população de Alenquer, ainda permanece, mesmo que em menor incidência, mas continua em brincadeiras de mau gosto abordando a terra de feiticeiros, as características do povo negro, enfim brincadeiras de cunho discriminatório e racista, segundo moradores do quilombo. Como se observa na letra da música de um poeta alenquerense: “[...] o remédio desses pretos, basta só uma colher, pois se doma até a cobra, quanto mais uma mulher”. O reforço dessa concepção cantado em letra e música.

Como pude observar durante a pesquisa e também durante a vivência no Quilombo, vi que Chico Índio é uma pessoa bastante comunicativa e conta suas estórias para todos que queiram ouvi-las. Adultos, jovens e crianças ouvem as estórias e de alguma forma a replicam e guardam consigo algumas informações que são repassadas durante os momentos de descontração dentro da comunidade. Chico Índio é um comunitário que participa dos serviços da comunidade e vivencia todas as dinâmicas sociais dentro do quilombo. Com relação ao repasse das informações sobre os segredos da cura, do contra veneno, o curador não deixa claro para quem está repassando o conhecimento, não insisti em perguntar, pois percebi certo desconforto nele em ter que falar sobre este assunto, por isso, respeitei sua opção de não falar sobre o assunto. Já que se trata de um segredo de família e que requer muita responsabilidade a quem herdar esse saber, segundo o próprio entrevistado.

Por se tratar de um segredo de família, o repasse dos conhecimentos acerca deste saber permanece, dentro do quilombo, na família Assis, pois segundo relatos, o conhecimento

iniciado com Dona Mimita, foi repassado ao seu filho Seu João Assis e posteriormente ao neto Chico Índio, que iniciaram ainda jovens na arte da cura. O saber é repassado aos descendentes da família e isso demonstra a efetividade do repasse, mesmo, com já mencionado, dentro de uma família quilombola de Pacoval.

### **CAPÍTULO 3 – AS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA E O MARAMBIRÉ DO QUILOMBO PACOVAL**

Das inúmeras manifestações culturais/religiosas presentes no Quilombo do Pacoval, destaco neste capítulo os objetos que serviram de escopo para esta pesquisa. A festa de Ramada da Santa Luzia e o Marambiré. Apresento estas manifestações como grandes elementos que geram conhecimentos tradicionais e conhecimentos compartilhados com as gerações mais novas, de crianças e jovens, da comunidade quilombola do Pacoval.

#### **3.1. AS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA**

Levando em consideração a riqueza da cultura local, é importante destacar a festa de Ramada de Santa Luzia. Na comunidade, essa festa se estrutura em uma forte relação entre o sagrado e o profano, pois no decorrer dela há a participação dos comunitários em toda a programação que envolve atividades religiosas, como ladainhas e rezas, esmolação e a celebração do culto de encerramento da festividade, quanto ações profanas, como a festa dançante e o consumo de bebidas alcoólicas. Mesmo que esses aspectos estejam separados na mente do povo, não fazem oposição durante a realização da festa religiosa, mas sim, complementam-se, mesmo havendo uma hierarquia que valorize o sagrado (MAUÉS, 2011).

As festas de Ramada do Pacoval, como muitas outras festas religiosas realizadas em diversas comunidades tradicionais, é uma festa religiosa tradicional sem a interferência da Paróquia local, sem Prelazia ou Diocese, ou seja, são realizadas sem ligação direta com a instituição católica do município. Em um dos primeiros estudos sobre esta festa GALVÃO (1953, p. 2)<sup>17</sup> já destacava que:

As comemorações em honra do santo são organizadas pelas irmandades religiosas, entidades constituídas por leigos que, nos centros mais afastados, são inteiramente independentes da autoridade eclesiástica e se orientam apenas por normas tradicionais.

A própria comunidade organiza toda a programação e é responsável pela realização tanto das celebrações religiosas quanto da parte profana. A família herdeira da Santa realiza a festa, mas recebe a ajuda de muitos comunitários que têm devoção à Santa Luzia, além de apreço a família herdeira, são laços estabelecidos durante anos de realização da festa na

---

17 O referido texto de Eduardo Galvão foi publicado no Boletim do Museu Nacional. No entanto, nós o acessamos mediante um arquivo PDF cuja paginação não segue a da revista.



comunidade, com a comunidade e para a comunidade. Com relação a essa duplicidade, MELO (s/d, p. 3), afirma que:

Fora das igrejas ou dos salões governamentais, o povo celebra à sua maneira os santos católicos e os patronos civis ou militares, dando caráter coletivo às festas do calendário cívico-religioso, o que significa deselitizá-las. Em certas circunstâncias tais iniciativas se caracterizam como atos de resistência cultural.

Neste sentido, posso indicar que as festas de Ramada de Santa Luzia e o Marambiré no Quilombo Pacoval possuem uma gama de elementos que se constituem como forma de resistência, pois mesmo com a modernidade e o avanço tecnológico, mantêm-se ativas, como uma atividade forte de *repasse* de cultura e educação para toda a comunidade, além de serem uma modalidade ritual de reforço ao caráter identitário de uma comunidade tradicional quilombola, através da realização destas festas que fazem parte do pertencimento ao lugar. Também nesse sentido, Glória Moura (2005, p. 70) destaca a importância das festas no repasse desse conhecimento e lança mão do que ela chama de *currículo invisível*.

[...] Nas festas, os valores que a comunidade reputa essenciais e que condensam esse saber são constantemente reafirmados e renegociados, constituindo assim, um *currículo invisível* por meio do qual são transmitidas as normas do convívio comunitário. Sem uma intenção explícita, esse *currículo invisível* vai sendo desenvolvido, dando às crianças o necessário conhecimento de suas origens e do valor de seus antepassados, mostrando quem é quem no presente e apontando para as perspectivas futuras. (destaque da autora)

Percebo, que as festas de santo em comunidades tradicionais, em especial na comunidade quilombola de Pacoval, exercem um papel educativo que vai muito além dos aspectos que são ensinados nos ambientes formais, na escola, principalmente. A realização da festa faz com que a comunidade se prepare e espere a festa realizando projeções de como será e de como irá participar. Os pais por muitos anos, segundo relatos dos entrevistados, compram roupas novas para os filhos, as crianças por sua vez vivenciam a expectativa da chegada do mês de dezembro para participarem da festa de Ramada, a escola se programa para que não tenha aula nos últimos dias de festa, as pessoas trabalham anteriormente para terem dinheiro para gastar durante a programação, enfim, há grande mobilização social dentro da comunidade até o encerramento da festa, que marca o início de um novo ciclo, um novo recomeço.

Neste sentido, vejo que esta pesquisa está consonância com o pensamento de Glória Moura percebo o alinhamento do que ora apresento à tese da autora. É inegável a importância de se realizar esta análise cultural sob uma ótica educacional, visto a relevância deste estudo para a comunidade quilombola e as demais comunidades tradicionais. O que quero dizer é que

o ato de educar está presente no cotidiano, nas falas corriqueiras sobre a comunidade, nos fazeres do dia a dia, nas conversas informais, nos festejos, enfim na vivência da comunidade. Deste modo, vou demonstrar que quando se pensa em currículo invisível, entendo-o “como um conjunto de valores, princípios de conduta e normas de convívio, ou seja, padrões socioculturais inerentes à vida comunitária de maneira informal e não explícita”. (MOURA, 2005, p. 17), que estão operando os mecanismos de socialização e de pertencimento, mesmo que estes mecanismos não sejam totalizantes, ausentes de conflitos e relativamente descontínuos.

De todo modo, meu objetivo consistiu em analisar e descrever como ocorrem as práticas educativas de transmissão de saberes e fazeres na festa de Ramada de Santa Luzia e no Marambiré, no Quilombo de Pacoval, Alenquer-Pará. Identifiquei como ocorre o *repassé* de valores culturais como saberes educacionais nestas festividades e descrevi os elementos de sociabilidade que configuram uma relevante forma de *repassé* de conhecimentos, organização social e elementos educacionais não escolares. Enfim, pretendi apresentar como estas festas tradicionais ensinam e educam.

Considero que abordar os saberes tradicionais nas manifestações culturais podem revelar grandes informações relevantes que estão contidas nas práticas de sua realização. Pude observar que as festas fortalecem as relações da população com as heranças culturais presentes, fazem com que nasça e se perdue um sentimento de valorização dessa cultura, além de revelar a religiosidade dos povos amazônicos e afrodescendentes. Assim, fica evidente a necessidade de se conhecer, preservar e valorizar estas manifestações. O conhecimento e saberes culturais presentes neste tipo de festividade colaboram para a manutenção da realização das festas populares/religiosas nas comunidades tradicionais.

Karl Arenz (2017) apresenta, com base em Galvão (1953) um resumo do que seria a festa de santo em comunidades quilombolas elencando quatro pontos que se correlacionam entre as comunidades que realizam estas festas, envolvendo inúmeros elementos que constituem a vivência do povo amazônida e a relação com a fé. Assim como ocorre no quilombo Pacoval.

O antropólogo, na sua etnografia das festividades populares celebradas, sobretudo, em honra de São Benedito, nos arredores do Gurupá, no Baixo Amazonas, estabelece os seguintes elementos que também podem ser observados nas comunidades quilombolas da região. Primeiramente, o período das festas segue – como já foi assinalado acima – o calendário católico oficial, mas adapta-se tradicionalmente ao ritmo da enchente por ser a época de maior abundância de alimentos. Segundo a organização das festividades está inteiramente nas mãos dos comunitários devotos, prevalecendo, assim, uma clara dimensão laica. Conforme observa Galvão, a presença ou a interferência do padre é, muitas vezes, percebida como sendo incomoda. Terceiro, em muitas comunidades a festividade em si é precedida por uma esmolação,

isto é, uma peregrinação de organizadores acompanhados de foliões – músicos devotos tocando instrumentos tradicionais como tambor, rabeca e reco-reco – que levam a imagem do santo para casas e sítios, pedindo contribuições em forma de víveres, sobretudo farinha e animais de pequeno porte (galinhas e porcos). Quarto, a festa em si segue um roteiro de cunho ritualístico que se estende, conforme a comunidade, por nove (novena), sete (semana) ou três (tríduo) dias. O levantamento e a derrubada do mastro constituem, em geral, os marcadores, respectivamente, do início e do fim da festividade. No interstício, “rezas” tradicionais como a recitação cantada de ladainhas por “rezadeiras” – muitas vezes, ainda em latim -, eventualmente precedidos por uma procissão, marcam as noites do período festivo. Ao ato devocional seguem socializantes de caráter lúdico, como bingos, vendas de iguarias e danças; estas últimas acontecem, geralmente, no final da festividade ou, devido orientações mais recentes por parte dos párocos, uma semana ou quinzena após as homenagens religiosas. Está aparente complementariedade de oração e diversão realiza-se em dois ambientes distintos, a saber, a capela e o barracão, também conhecido como “ramada”. Durante todo o tempo as pessoas fazem ou cumprem promessas, fazendo delas a manifestação mais recorrente das devoções individuais. Geralmente, os fiéis pedem tocando na imagem do santo ou santa, melhoras concretas para sua vida particular ou familiar. Uma veneração de caráter abstrata ou espiritual, como mero “louvor”, é pouco usual. (ARENZ, 2017, p. 144-145)

Em relação ao Quilombo de Pacoval, há relatos existentes no trabalho de Costa e Caripuna (2015, pp. 17-23) que afirmam que em meados dos anos 1970, quatro festas de Ramada eram realizadas homenageando os seguintes santos da Igreja Católica: São Miguel, no mês de setembro; Santa Ana, no mês de novembro; Santa Luzia, no mês de dezembro; e São Sebastião, em janeiro. Com o passar do tempo, foram deixando de ser realizadas, restando viva apenas a festa de Santa Luzia, protetora da visão. Todavia, de acordo com Nascimento (2020, p. 28), esta diminuição nos santos homenageados e no número de festas envolve um número maior de festas e santos que deixaram de ser realizados desde o começo do século XX:

Segundo alguns moradores idosos da comunidade quilombola, eram realizadas oito festas de ramada, homenageando santos da igreja católica como: São Benedito, no mês de janeiro; São Silvestre, no mês de dezembro, que era realizada pela família da dona Silvéria Andrade; São Miguel, no mês de setembro, pela família Viana; Santa Ana, no mês de novembro, pela família Oliveira; São Sebastião, em janeiro realizada pela família Marques; Santo Antônio, no mês de junho pela família Bela, o qual veio a tornar-se padroeiro da comunidade e deixou de ter a festa de ramada; São José no mês de março pela família Assis e Santa Luzia, no mês de dezembro, pela família Nascimento. (NASCIMENTO, 2020, p. 28)

Essas festividades eram cuidadosamente organizadas por famílias específicas, que assumiam a responsabilidade de realizar a festa como parte do cumprimento de promessas e como tradição transmitida de geração em geração, muitas vezes herdada de seus pais ou avós. No entanto, por variadas razões, essas celebrações foram gradativamente interrompidas. No Quadro 3, é possível visualizar a sistematização das festas de Ramada que costumavam ser realizadas no Quilombo, até por volta de 1970, com a identificação dos meses em que era realizadas incluindo os meses em que ocorriam e as famílias que eram encarregadas de

homenagear um santo específico, mantendo a responsabilidade de promover a festividade anualmente.

**Quadro 3** – Festas de Ramadas no Quilombo do Pacoval durante o século XX.

FESTA DE RAMADA	REALIZAÇÃO (MÊS)	FAMÍLIA RESPONSÁVEL
São Benedito	Janeiro	-----
São Sebastião	Janeiro	Família Marques
São José	Março	Família Assis
Santo Antônio	Junho	Família Bela
São Miguel	Setembro	Família Viana
Santa Ana	Novembro	Família Oliveira
Santa Luzia	Dezembro	Família Nascimento
São Silvestre	Dezembro	Família Silvéria Andrade

Fonte: Elaborado pelo autor

As festividades obedeciam à forma de tríduos, novenas ou trezenas ou um dia apenas, com realização de rezas, ladainhas, folias (pessoas entoando cantos e batuques esmolando na comunidade no período de realização da festa), cantos em homenagem a estes santos e nos últimos dias da festividade eram realizadas as chamadas festas dançantes, nas Ramadas. Eduardo Galvão (1953, p. 02) fornece uma breve descrição de como ocorria a festa da Ramada em meados do século XX:

Ao lado da capela ergue-se a *ramada*, grande barracão onde se realizam os bailes que sempre se seguem à ladainha na capela e constituem uma das principais atrações das festas. Algumas vezes, capela e *ramada* estão combinadas em uma única estrutura. Nesse caso, o Altar é isolado do local de danças por uma cortina que somente se afasta durante as orações. (grifos do autor)

Percebo que as festas de ramada acontecem em diversos lugares, não apenas no Pacoval. Assim, em distintos locais no interior da Amazônia, é possível verificar a realização de outras festas de ramada. Vale registrar que, apesar da distância geográfica entre os locais onde elas são realizadas, existem muitas semelhanças na estrutura de organização, que também envolve a guarda das/dos santos por famílias, bem como transmissibilidade geracional. Também existem similaridades nos elementos que as constituem, como: as rezas ou ladainhas, o levantamento de mastros com frutas e a bandeira com a imagem do santo padroeiro, o cumprimento de promessas pelos realizadores das festas e devotos, dentre outras atividades que aconteciam e ainda acontecem nestas comemorações religiosas que estão intimamente ligadas às práticas culturais e religiosas de outros lugares (ARENZ, 2017).

Sabemos que há pesquisas voltadas para as festividades religiosas e culturais no interior de outras regiões na Amazônia<sup>18</sup>. Porém, destaco o Quilombo de Pacoval, município de Alenquer-Pará, e suas manifestações religiosas, culturais e sociais, abordando as Festas de Ramada da comunidade e a dança do Marambiré, numa ótica que considera o *repass*e de conhecimento através da festividade de santo dentro da região amazônica e também de uma dança típica que envolve inúmeros elementos do sincretismo religioso<sup>19</sup>. Costa e Caripuna (2015, p.24-25) já destacam, em suas pesquisas, alguns elementos que poderiam chamar de educativos e, dentro da perspectiva do que se entende sobre educação quilombola, pelo menos, nas Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola (CNE/CEB nº 16/2012), presentes nas Festas de Ramada de Santa Luiza:

De fato, o envolvimento da comunidade – para além dos “promesseiros” ou devotos – nas festas de ramada é um assunto fundamental. Percebemos nos relatos como a mesma, durante os períodos das festas, mobilizava-se inteiramente para realizá-las. As funções eram “distribuídas” entre os moradores: uns pescavam, outros faziam farinha, outros organizavam as ladainhas e rezas, outros ainda tomavam conta da festa dançante, dentre outras atividades. Havia uma organização que nos faz perceber o forte caráter social e sociável imbricado nestas manifestações.

Presença constante também nos relatos é a valorização dos costumes repassados durante estas festividades. De alguma maneira, acreditamos que somente o fato da realização da festa já se torna um meio de repasse cultural. Percebemos na fala dos entrevistados as inúmeras referências ao respeito aos mais velhos, às pessoas que visitavam a comunidade durante a festa e aos rituais que ocorriam nas festividades.

Os elementos educativos presentes nas festas de Ramada de Santa Luzia abrangem os aspectos social, histórico e cultural. o repasse desse conhecimento em torno da festa, a experiência vivenciada durante o período de preparação e realização, tudo está inserido em um processo de repasse de conhecimento e responsabilidades que se iniciam muito cedo, de acordo com as falas de pessoas da comunidade.

Segundo Benedita Viana, conhecida como dona Tapuia (já falecida) a festividade originou-se da comunidade chamada Uruxi, no município de Alenquer, por volta da década de 1890.<sup>20</sup> A festa foi trazida ao Quilombo Pacoval por seus avós, os mocambeiros, como eram

---

18 <https://ces.uc.pt/publicacoes/outras-publicacoes-e-colecoes/oficina-do-ces/numeros/oficina-288>

19 Os negros escravizados foram trazidos de diferentes partes África, por isso tinham culturas diferentes. Ao serem misturados nas senzalas, campos, plantações e casas-grandes, mesclaram também suas culturas e, levando em conta que a religião faz parte da cultura (no sentido mais amplo), elas também foram misturadas, transversalizadas. Por outro lado, os negros foram obrigados a professar o cristianismo, para o Prof. Eduardo Fonzeca Júnior e outros: “na impossibilidade de cultuar seu próprio Deus abertamente, disfarçou-o com santos católicos para fugira das perseguições”. A essa mistura, de princípios religiosos, muitas pessoas chamam de “sincretismo religioso”. (Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará – CEDENPA. Cuias de Axé. Aspectos importantes de religiões de matrizes africanas no Pará. Belém. Outubro de 2013)

20 COSTA, Roberh Luiz Nogueira da e CARIPUNA, Ruth Elena. As festas de ramadas no quilombo Pacoval, Alenquer (1960-1970). Alenquer/Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) / Plano

chamados neste período. Sabemos que a memória das pessoas depende de suas relações, durante sua vivência com a família, com a classe social a que pertence, com a escola, com a igreja que frequenta, com a profissão que exerce, ou seja, com os grupos com os quais convive. (BOSI, 1994).

Deste modo, Dona Tapuia era uma mulher que vivia na comunidade quilombola desde seu nascimento e praticava sua fé de acordo com os ensinamentos de seus pais, avós. A descrição realizada por ela demonstra como a responsabilidade de continuidade da realização das festividades da santa era um compromisso com sua fé e também com sua família. Pude conviver com Dona Tapuia e em inúmeros momentos a ouvi contando estórias de seus pais e avós a respeito dos sucessos e dificuldades que era a realização da festa de Ramada. Segundo ela, houve muitas ocasiões em que sua mãe Felipa custeava as despesas de seu próprio bolso, mas que não a desanimava e fazia com que a festividade fosse realizada. Portanto dona Tapuia descrevia o momento do repasse da responsabilidade dada a ela como um momento de continuidade e de comprometimento com a Santa de devoção.

Esta festividade foi iniciada por Ana Maria da Conceição, em seguida assumiu a responsabilidade Felipa Lopes dos Santos e Sebastião Lopes dos Santos mãe e tio de dona Tapuia respectivamente; até que chegou à responsabilidade de dona Tapuia. A festividade da Santa encontra-se atualmente sob a responsabilidade do filho de dona Tapuia, Raimundo Renildo Nascimento e esposa e da filha dele Marcela Lopes Nascimento e marido. Os atuais herdeiros da festa não têm a informação do período em que as mudanças de responsabilização da festividade ocorreram, pois, os herdeiros anteriores já estão falecidos e não há nenhum registro que apresente essa cronologia dos responsáveis pela realização da festa de ramada. O herdeiro da festa disse, em conversa informal, que começou a assumir a responsabilidade da realização da festa por volta dos 17 anos de idade, o que data no ano de 1984. No quadro 4, apresenta-se a genealogia dos organizadores da Festa desde o início, com o nome da primeira liderança responsável pela festa, Ana Maria da Conceição, desde a década 1890, até o atual nome responsável pela configuração familiar que cuida da realização da festa, na atualidade:

**Quadro 4** - Genealogia dos organizadores da Festa de ramada de Santa Luzia

<b>Início da Festa</b>	Ana Maria da Conceição (falecida) – Mãe – 1890
<b>Herdeiros 1</b>	Felipa L. dos Santos e Sebastião L. dos Santos – (falecidos) Filhos
<b>Herdeira 2</b>	Benedita Viana (Tapuia) – (falecida) – Neta
<b>Herdeiro 3</b>	Renildo Nascimento – 56 – Bisneto
<b>Herdeira 4</b>	Marcela Lopes Nascimento – 33 anos – Tataraneta

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Ressaltamos que, historicamente, as festas de ramada no quilombo Pacoval foram (ou deveriam ser) *re-passadas* de pais para filhos, dentro de uma tradição familiar na qual os pais ensinam e os filhos aprendem para, depois, reproduzir e, quando se tornarem os pais, ensinar novamente aos filhos. No relato de Dona Tapuia, na ocasião do repasse da responsabilidade da realização da festa, a mãe da entrevistada disse a filha: “Olha Tapuia quando eu partir desta terra para a outra, minha filha, uma coisa eu vou te pedir, por favor: você não deixe de fazer a festa de Santa Luzia, o ano que você puder fazer grande, você faz, o ano que você puder fazer ‘gita’, você faz”. Esta fala é contada pelos moradores mais antigos do quilombo e apresenta uma maneira bem particular de *repasse* de responsabilidade para a continuidade da realização da festa.

No contexto das festas de Ramada de Santa Luzia se percebe a apresentação de inúmeras práticas que se desenvolvem em um processo de ensino e aprendizagem dentre as pessoas que dela participam. Os rituais praticados e a forma como se expressa a religiosidade dos fiéis tudo isso faz parte de um conjunto de repasses de conhecimento que estão inseridos na tradição popular da comunidade e na prática do catolicismo, que é preponderante na comunidade e que por muito tempo foi quase que em sua totalidade a única religião no quilombo.

As festas de ramada não estão somente intimamente ligadas à história cultural do Quilombo de Pacoval, mas também de outras comunidades tradicionais como exemplos: a festa de ramada de Santa Luzia, comunidade Apolinário, Curuá-Pa; a festa de ramada de São Tomé, comunidade Arapucu, município de Óbidos-Pa; em Boa Vista do Cuminã, localizada às margens do rio Erepecuru, município de Oriximiná<sup>21</sup>. Percebemos também que estas manifestações estão muito vivas na memória e na oralidade dos moradores mais antigos do lugar, além de reconhecermos que a história oral estará de forma mais presente em nosso trabalho devido à metodologia utilizada para esta pesquisa.

21 <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2019/04/16/comunidade-quilombola-celebra-a-vida-e-a-fatura-na-tradicional-festa-da-ramada.ghtml>. Acessado em: 03/08/2022.

Destacamos ainda que estas festividades demonstram a identidade de uma comunidade tradicional, que, de alguma forma mantém vivos seus costumes e tradições que são repassados aos descendentes ao longo do tempo, através de histórias orais, de mitos, de comportamentos e também através de práticas que fortalecem a identidade negra, neste caso específico, quilombola.

As festas de ramada, por muitos anos, parecem exercer um papel de grande importância na comunidade de Pacoval, segundo relatos de comunitários, pois fazem parte da história da população mais idosa e refletem nos mais jovens, principalmente nas crianças. Desde muito cedo estas crianças e adolescentes começam a participar dos festejos, fazem parte dos ritos e vão adquirindo conhecimento de forma significativa que irão acompanhá-los por toda vida.

Parafraseando Moura (2005) a transmissão dos valores se dá nas festas, no desenvolver do currículo invisível, mesmo não se sabendo descrevê-lo, mas que é perceptível na participação das crianças e dos jovens em processos sociais da comunidade, “permitindo uma afirmação positiva da identidade dos membros de um grupo social” (MOURA, 2005, p. 17). O conhecimento é passado aos mais jovens através da realização, na prática, das festas de santo, nas danças, nas conversas, nos contos, dentre outros instrumentos que de alguma maneira colaboram para a formação do ser, da identidade coletiva das crianças e jovens da comunidade, da percepção de um pertencimento ao quilombo e da aprendizagem de elementos culturais que reforcem o pertencimento.

O conhecimento escolar, quando se trata da educação escolar quilombola, está além das atividades escolares formais, oficialmente curricularizadas, uma vez que está presente nos mais diversos campos de vivência e experiência social que extrapolam as salas de aula (RIBEIRO, 2021). Em todo lugar se aprende, se ensina (BRANDÃO, 2005), se repassa conhecimento e as manifestações de cunho cultural e religioso estão inclusas nestes lugares de conhecimento. E nesse sentido, faz-se necessário aqui destacar, segundo Glória Moura (2005, p. 72-73), o conceito de currículo invisível.

O que chamamos de currículo invisível é a transmissão dos valores, dos princípios de conduta e das normas de convívio, ou, numa palavra, dos padrões sócio-culturais inerentes à vida comunitária, de maneira informal e não explícita, permitindo uma afirmação positiva da identidade dos membros de um grupo social. Essa transmissão internalizada, que se desenvolve sob formas diversas, proporciona um sentimento de pertencimento, ampliando-se gradualmente à medida que se alarga a experiência cotidiana, na vida familiar e nas celebrações grupais, esses valores que são passados de geração a geração.



O repasse dos valores, a convivência no dia a dia das comunidades, fazem com que este currículo invisível, citado pela autora, torne-se palpável diante da vivência da comunidade. As práticas diárias são um reforço para a transmissão de conhecimentos que são passados dos mais velhos aos mais novos no decorrer do tempo.

A região Amazônica, onde está localizada o quilombo Pacoval, é rica em biodiversidade, porém não se restringe a imensa floresta com seus biomas; está muito além destes aspectos. Há em seu interior uma rica diversidade cultural, social, artística, entre outras; não podemos esquecer de seu povo composto por diversas etnias, seu conhecimento, seus valores culturais, seu modo de vida e visões de mundo. A população amazônica é grande produtora de conhecimento que estão presentes principalmente no aspecto não formal, pois é através da vivência de seus habitantes que o conhecimento vai sendo repassado e perpetuado no decorrer do tempo e das gerações.

As festas de Ramada fazem parte de costumes locais cuja origem e execução são bem memorizados pelos moradores mais antigos de determinado lugar. Estes costumes vão além de simples práticas religiosas. Podemos dizer que elas possuem uma dimensão política, econômica, social, educacional, além da religiosa. Estas práticas se baseiam em tradições repassadas pelos mais velhos aos mais jovens. Tais tradições têm origem muitas vezes desconhecida e foram literalmente inventadas com o passar do tempo. Hobsbawm (1984, p. 10), em sua obra “A invenção das tradições”, destaca que:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

De acordo com Hobsbawm, estas festividades têm um caráter muito importante dentro das comunidades tradicionais, pois fazem parte de um *repassé* de ensinamentos e conhecimentos que permanecem com o passar do tempo, mesmo que não em sua totalidade, mas que são mantidos, reinventados ou readaptados à realidade atual. Este *repassé* de normas de comportamento é percebido na fala dos comunitários quando relatam sobre as festas de ramada que ocorriam no quilombo e outros festejos realizados na comunidade em tempos idos e atuais.

Muitas pessoas da comunidade lembram que em período de festa não se podia fazer “*malcriações*”, precisavam respeitar os mais velhos, “pedir a benção” ou “*tomar bença*”, aliás, pedir a benção dos mais velhos é um dos costumes que permanece até os dias de hoje na

comunidade quilombola de Pacoval. Pessoas de todas as idades têm o costume de pedir a bênção, principalmente dos mais velhos, padrinhos e madrinhas, parentes próximos ou mesmo não sendo parentes. Faz parte da tradição e segundo os moradores locais “*é um costume que temos e que faz parte de nossa cultura*”.

O respeito às tradições do catolicismo também é muito grande dentro da comunidade de Pacoval. Os sacramentos da igreja, o Batismo principalmente, é levado muito a sério pelos moradores locais. Ao serem batizadas, as crianças ganham padrinhos e madrinhas, e esses, por sua vez, serão pessoas que assumirão responsabilidades na vida do batizado, não só religiosamente falando, mas também na vida pessoal deles. Os pais também ganham compadres e comadres que também terão todo o respeito que a função requer. Comadres e compadres não brigam, não podem ter inimizades, “*ficar de mal*”, não podem ter relações conjugais “*de homem e mulher*”, dentre outras. Criam um laço para a vida toda.

Guardar os “*dias santos*” dentro da comunidade de Pacoval também é um costume herdado pela população. Durante os dias de alguns santos da igreja católica, assim como a partir da quarta-feira da semana santa, as pessoas não realizam trabalhos forçados, como ir para a roça, fazer farinha, trabalhar em construção, lidar com gado, entre outros. Os mais idosos possuem o hábito de não pegarem em dinheiro nos últimos dias da semana santa. Nestes dias os comunitários costumam ficar em casa guardando o dia santo. Temem os “*castigos*” por descumprirem essa regra tão antiga e tão respeitada. Costuma-se associar os acidentes que possam acontecer nestes dias ao descumprimento desse costume local. Portanto, é melhor ficar em casa do que se arriscar a sofrer algum dano a saúde ou até mesmo à vida.

O costume de as pessoas sentarem-se em frente as suas casas, embaixo de uma árvore, nas esquinas, ainda faz parte do cotidiano do quilombo. Nestas rodas de conversas, as pessoas interagem de forma a comentar os mais diversos assuntos, causos, acontecimentos, relatos, enfim são momentos de descontração que são típicos de comunidades interioranas rurais. Estes momentos de sociabilidade, de alguma forma, contribuem para a o repasse de saberes, cultura, modos de viver e de falar “dos mais velhos aos mais novos”, pois a presença de pessoas de todas as idades, nestes momentos, faz com que os conhecimentos sejam de fato repassados. A manutenção das tradições depende de inúmeros fatores que variam de lugar para lugar. Muitas vezes, o relativo isolamento de um lugar pode contribuir com a manutenção de determinados costumes e tradições próprias da comunidade.

No caso de Pacoval, por se tratar de um quilombo, isto é, um lugar de refúgio de negros ex-escravizados, a distância ao centro urbano mais próximo, contribuiu para a relativa longevidade das festas de ramada. Visto que somente a partir dos anos de 1990, após a abertura

de estradas e ramais, a comunidade passou a ter um contato mais frequente e mais próximo ao município de Alenquer. Porém, não estamos aqui afirmando que o isolamento geográfico seja a explicação para a longevidade da festa de Ramada. Podemos dizer também que o interesse ou a falta dele dentro da família herdeira do santo pode também ser um fator que tenha contribuído para a manutenção ou não da festa. Já que das festas que eram realizadas na comunidade, apenas uma permanece: a Festa de Santa Luzia.

A festa de Santa Luzia é realizada durante quatorze dias, iniciando-se no dia 01 de dezembro e encerrando no dia 14 do mesmo mês, contando os treze dias de ladainhas, e o dia de encerramento que fica por conta do “*juiz da festa*”. De forma resumida, pode-se dizer que a função do juiz da festa é ficar responsável pelo mastro com as frutas, pela bandeira, pela realização das ladainhas durante a trezena de festa, pelos fogos e as velas das noites de ladainha; pelo almoço comunitário do dia quatorze e pela realização da festa de encerramento também no dia quatorze sem que haja cobrança de ingresso.

No decorrer da trezena, todas as noites se realiza a ladainha na capela que fica ao lado da ramada. A festa se inicia com a levantamento do mastro. Os juízes do mastro enfeitam o mesmo com frutas da época como: abacaxi, bananas, coco, dentre outras frutas, além da cana-de-açúcar. No alto do mastro é colocada uma bandeira com a imagem de Santa Luzia; Santa considerada a protetora dos olhos, esta é muito popular entre a população rural que precisa de uma “vista clara” para suas diferentes tarefas, para seus afazeres. A bandeira exerce um papel fundamental no processo de realização da festa, pois, a pessoa que vai apanhá-la durante a derrubada do mastro será responsável pela realização dos festejos no ano seguinte. A responsabilidade de quem pegar a bandeira também será a de organizar e de realizar as noites de reza, assim como de providenciar os fogos e as velas utilizados durante a festividade.

Dia 13 de dezembro, dia reservado às homenagens a Santa Luzia. No período da tarde é realizada uma procissão, com os devotos conduzindo a imagem de Santa Luzia pelas ruas da comunidade, cantando hinos, ladainhas e orações em louvor a Santa, acompanhados ao som dos caixeiros que são chamados de foliões, promesseiros que realizam a “esmolação” na comunidade e em comunidades vizinhas, no período que ocorre a festa, estes foliões, em sua maioria homens, realizam durante dias a esmolação e após cada dia de coleta, almoçam na residência da família dona do santo. Durante a esmolação são arrecadados alimentos, animais vivos como: galinhas, patos, porcos; pequenas quantias em dinheiro, além frutas e farinha de mandioca. Os alimentos arrecadados são utilizados para a alimentação dos foliões e também são colocados como prêmios em bingos realizados nos últimos dias da festividade. Uma das funções dos foliões é de anunciarem que naquele ano haverá a festa de ramada de Santa Luzia,

pois a presença deles realizando esta tarefa, indica que os preparativos da festa já iniciaram e a visitas às casas servem para convidar os comunitários a participarem da trezena.

Após a chegada da caminhada da procissão, celebra-se um culto de encerramento e logo depois, reinicia-se a festa profana, pois a mesma é paralisada para que ocorra os ritos religiosos. Geralmente antes do início da festa dançante, há a realização de um bingo entre os presentes. A renda do bingo é revestida em benfeitorias na igreja e na ramada da santa.

Já no dia 14, realiza-se um almoço comunitário oferecido pelos promesseiros que no ano anterior se comprometeram em tomar para si as responsabilidades inerentes a esta função dentro das festividades, os chamados juízes da festa. No fim da tarde, é realizada a derrubada do mastro, que possui toda uma simbologia, pois os devotos da Santa realizam um pequeno corte de machado no mastro, considerando uma ordem de chamada, os promesseiros que não estiverem presentes são representados por um parente próximo, um tio, um irmão, pelo pai, pelo filho, entre outros, e, em seguida os juízes das festas, realizam o corte até a queda do mastro.

As crianças e jovens participam ativamente deste momento, pois seus nomes são chamados para realizarem o simbólico corte no mastro, e esse gesto já marca o início de suas participações no desenvolver da festividade, neste momento há um processo de repasse da tradição que se faz sem pressão, de forma espontânea e significativa na vida dos presentes, como se nota na imagem 08, as crianças, adolescentes e adultos ao redor do mastro aguardando a sua vez de cortá-lo. Ao cair, as pessoas se acumulam para pegar as frutas que ainda restam no mastro, como se pode ver na imagem 09, no entanto, como são colocadas no primeiro dia da festa, a maioria já apodreceu ou caiu, neste momento as crianças, os jovens e também alguns adultos apanham as frutas e alguns se jogam uns nos outros, ato repudiado pelos mais velhos e pelos organizadores da festa. Porém com o decorrer dos anos isto vem mudando, pois, os organizadores, antes a queda do mastro, solicitam que não seja mais realizado este momento.

**Imagem 8** – O mastro de Santa Luzia sendo cortado pelos devotos



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

**Imagem 9** – O mastro de Santa Luzia ao chão



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Os devotos interessados em pagar alguma promessa ou agradecer uma graça alcançada, apanham a bandeira e se tornam responsáveis da realização da festividade no ano seguinte, tornam-se os juízes do mastro e desde então passam a ter a responsabilidade de planejar as tarefas correspondentes ao juiz do mastro. Como vimos, há outros cargos e responsabilidades nesta festividade em honra à Santa Luzia que acontece até hoje e são repassados e realizados pelos comunitários devotos da Santa.

Logo depois é realizado um último momento em que os homens presentes carregam o mastro e fazem pequenos círculos onde o mesmo estava de pé, com rezas e cantos, até a condução da imagem da Santa para dentro de sua pequena igreja. Já dentro da capela, os promesseiros entoam cantos e ladainhas, até a benção final. Dá-se, portanto, por encerrada a parte religiosa da festa. A noite é realizada uma festa dançante patrocinada pelos juízes da festa, até por volta da meia noite, sem que haja cobrança de ingressos.

Estas festividades estão incluídas no calendário local das comunidades, pois são realizadas anualmente e mobilizam a comunidade muito antes do período da realização da festa, visto que ao final já se fazem encaminhamentos para a festa do ano vindouro. A realização destas festividades possui um caráter de muita relevância dentro das comunidades tradicionais, pois elas fazem parte de um *repassé* de ensinamentos e conhecimentos que permanecem com o passar do tempo, mesmo que não em sua totalidade, mas que são mantidos, reinventados ou readaptados à realidade atual, são socializados dentro deste espaço (HOBSBAWM, 1984). Adquirindo novas formatações, porém sem deixar os elementos tradicionais que fazem parte de sua essência.

### 3.2. O MARAMBIRÉ DO QUILOMBO PACOVAL

O Quilombo de Pacoval é conhecido dentro do Estado do Pará como a terra do Marambiré, Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará<sup>22</sup>, reconhecido através da Lei 7.113 de 19 de março de 2008, como forma de expressão artístico/cultural de Alenquer (PARÁ, 2008), que é uma dança marcadamente religiosa, referindo-se ao universo católico, mas contendo também elementos da cultura africana – como o personagem do Rei do Congo –além da cultura indígena. Assim, as letras das músicas da dança, embora sejam em português, incluem também múltiplos termos em nheengatu, a língua mais falada da Amazônia colonial e imperial (AZEVEDO, 2002, p. 55).

Loureiro (2000, p. 145) faz alusão que o Marambiré teria sido primeiramente chamado de “Merambiré”, mas que foi modificado pelo uso, tornando-se o que é hoje. Ainda sobre o nome “Marambiré”, Loureiro (2000, p. 146), apresenta estudos apoiados em outros autores para falar sobre origem desse nome:

---

22 Disponível em: [http://www.ioepa.com.br/pages/2008/03/24/2008.03.24.DOE\\_1.pdf](http://www.ioepa.com.br/pages/2008/03/24/2008.03.24.DOE_1.pdf). Acesso em 17 nov. 2021

Para Vicente Sales a palavra “Marambiré” soa como legitimamente africano, constituído de ma. prefixo plural no quilombo, diante do termo bamba (do quimbundo mbamba) donde bambaré ou bambaê, dança de tambor no Maranhão, e mais especificamente a formação “bamba ô arirê” nos versos:

*Olha o marambirá, ambirá, ambirá, bambamarerê  
O gurupema maxi, olha o Marambiré, bambamarerê  
(Paes Loureiro)*  
*Ou*  
*Ambirá, ambirá, ambirá, bamba ô arirê  
Ê urupembaxi, olhe o marambiré, bamba ô arirê  
(Lygia Teixeira)*

“Bamba ô arirê”, como “bambamarerê”, têm sentido mítico ou religioso, associado ao panteão dos voduns, tradição mina-gêge presente no baixo Amazonas, talvez pela expansão dos cultos afro de São Luís e Belém, também presentes entre os negros do Caribe. (LOUREIRO, 2000, p. 146)

Durante as entrevistas realizadas, os atuais moradores entrevistados não souberam explicar sobre a origem do nome Marambiré, respondem de maneira genérica dizendo que “veio da África”. E dizem que o Marambiré faz parte da origem da comunidade, remete a seus primeiros moradores e que devem ter trazido consigo a cultura do Marambiré. Figueiredo (1995, p. 210), discorre sobre o significado da dança para os que vem de fora e sobre como os nativos o veem.

O Marambiré é, para um analista de fora da comunidade, apenas mais um ritual afro-brasileiro, com caracteres dramático-religiosos, dentre tantos existentes no Brasil. Contudo, para o nativo do Pacoval, o Marambiré transcende os domínios do folclore e assume o significado da própria memória social da vila, que, através de sua tradição oral e visual, transmite aspectos referentes à saga do negro na Amazônia e, mais do que isto, revela aos mais novos a história de seus antepassados.

Com relação ao surgimento da dança nós nos apoiamos ao que aponta Lygia Teixeira (1989) na obra: Marambiré, o Negro no folclore paraense. A autora aponta que o Marambiré surgiu através dos longos sofrimentos enfrentados em decorrência de fugas realizadas das fazendas do município de Santarém- Pa. E que a dança faz reverência a São Benedito, santo de devoção dos negros fugidios, que, segundo eles, é o grande responsável pelo êxito durante a fuga.

Dança surgida em decorrência dos sofrimentos vividos pelos negros, escravos fugidos da casa de Maria Macambira, senhora de fazendas no município de Santarém (PA). depois de longa e penosa viagem para atravessar o rio Amazonas até Monte Alegre; atravessaram o Maicurú, Igarapé do Inferno, nome dado por Maria Macambira, saíram terra a fora até varar no rio Curuá; como este rio estava seco, prosseguiram viagem alcançando o rio Cuminã, hoje Cuminã Panema, na cabeceira do qual fizeram suas malocas. Era o primeiro mocambo daqueles escravos e que recebia o nome de Mocambo de São Benedito, santo de devoção daquela gente. Ao evento da instalação do primeiro mocambo, os seus membros passaram a reverenciar o São Benedito com

mais ênfase, por admitirem que o sucesso da fuga e a possibilidade de terem chegado com vida até aquele lugar, resultaria de um verdadeiro milagre (TEIXEIRA, 1989, p. 33).

Como vemos, o surgimento da dança, segundo a autora, remete-nos a perceber que está inteiramente envolvido com a fé dos primeiros moradores do lugar que posteriormente veio a se tornar o Quilombo Pacoval. A fé em São Benedito é enfatizada no trecho acima citado, pois responsabilizam ao poder do Santo o êxito das fugas e do encontro de um bom lugar para morarem. Funes, 2022, apresenta o Marambiré como uma junção de significados que destacam esse caráter religioso e profano ao mesmo tempo.

*Cordão do Marambiré, ou Sangambira, é um culto, uma dança, uma brincadeira ou uma simples manifestação de fé? Na verdade, é tudo isso e muito mais. É símbolo das vivências religiosas e culturais da história de gente do Pacoval. Como e quando começou o Marambiré? As considerações sobre essas indagações são difusas. “Quando eu me entendi por gente já estava aí esse Marambiré” é a resposta dada pelos mais velhos, ou seja, nasceu no Pacoval ou foi trazido pelos antigos, aqueles dos tempos dos mocambos. (FUNES, 2022, p. 392)*

Para Loureiro (2000, p. 144), o Marambiré

é uma espécie de ritual religioso e dança dramática e de grande formalidade, com ritmo bem marcado por instrumentos como: caixas, chocalhos, pandeiros, violões, viola, rabeça, reco-reco, caracaxá, etc. A dança se constitui um cortejo real ao qual se liga uma parte que representa a Embaixada. Presume-se que o Marambiré seja uma dança inspirada nos festejos de coroação dos Reis Magos. O Marambiré apresenta-se majestoso e solene, por grupos de indivíduos que dançam, produzindo riqueza de movimentos na execução dos passos. As cantigas são simples e belas, numa mistura de língua africana, portuguesa e indígena.

Esta dança típica do lugar remonta aos moradores mais antigos da comunidade que lutam para manter essa manifestação cultural viva e atuante dentro e fora da comunidade. Em outras palavras, o Marambiré possui em sua essência uma invocação de entidades católicas centrais como a Santíssima Trindade, a Nossa Senhora e a São Benedito, “o santo dos pretos”. Teixeira (1989) corrobora esta leitura dizendo que:

Na dança, Marambiré ou Sangambira, eles cultuavam e ainda hoje cultuam São Benedito através de cantos simples, mas bonitos, que retratavam e ainda retratam o seu cotidiano; a imagem da Santíssima Trindade e o estado de tensão em que eles viviam por causa da perseguição de Maria Macambira (TEIXEIRA, 1989, p. 11).

A dança, que é claramente ritualizada, também faz referência a forças e elementos da natureza. Nesse sentido vale considerar que Turner (1974, 119) aponta que há dois grupos principais de rituais: os “sagrados” e os “seculares”. Os rituais sagrados, se relacionam com os



aspectos religiosos presentes na vida social, já os rituais seculares remetem à traços relacionados a vida ordinária, como por exemplo, àqueles relacionados aos “rituais de passagem” como é o caso do casamento e da festa de aniversário. Neste caso, analisamos um tipo de ritual que, ao que parece, predomina o religioso, ou “ritual sagrado”, sem deixar de considerar aspectos relacionados aos “rituais seculares”. Este ritual é percebido nas vivências cotidianas das pessoas, objetivando responder os “dramas da vida social”. Um evento que permite uma descrição deste drama, entendida a partir da noção de encenação da vida real, vindo da dramaturgia para pensar um processo ritual, uma passagem que atualiza o cotidiano organizado pelos mais velhos aos mais novos, pode ser visto no Marambiré, onde o passado é atualizado pelos adultos para inserir os jovens e crianças na vida cultural, na contação da história e na aprendizagem dos saberes locais:

O Marambiré é um rito sagrado, deslumbrante, dinâmico, alegre, fascinante, sedutor e cheio de evoluções. Maravilhoso na criativa imaginação humana e divino no seu poder mítico da natureza. Maior símbolo de resistência de vida cultural e de liberdade de todos os negros da Amazônia que, invocando Olorum, nunca aceitaram a tortura nem a morte imposta pela sociedade “branca” na pessoa dos senhores de fazendas e senzalas e principalmente, na perseguição e na brutalidade cerrada do governo. É uma celebração de confraternização, com uma imensa expressão de humanidade da raça negra. Conta a história dos negros da África, com sua horticultura, e a memória dos ancestrais arrancados do seu chão cultural, jogados nos porões de navios e que morriam em protesto a tamanha violência. Seus corpos, para o consolo dos irmãos negros e familiares, eram atirados ao mar, mais tarde recolhidos por tubarões. Por isso, a festa do Marambiré encerra o seu ciclo de lembrança com um passeio ao rio Curuá. Onde são depositados milhares de flores coloridas ao som de músicas que exprimem angústia, paixão, lamento e dor (AZEVEDO, 2002, p. 54)

A exaltação da fé em São Benedito, como já mencionado, é também um ponto de destaque na dança do Marambiré. Os moradores do lugar o consideram como uma dança religiosa, não profana. Como demonstra, em um trecho de uma das músicas do Marambiré: “*choraremos, com grande alegria*”, que é remetido ao grande sofrimento dos negros escravizados fugindo de suas amarras e encontrando, finalmente, um lugar para se estabelecerem longe dos castigos impostos pela escravidão.

O Marambiré é um canto de angústia, dor e lamento. Mas também um canto de alegria e esperança de uma vida livre como a dos pássaros. Não é só uma dança ou festa religiosa, é muito mais. Traduz toda a cultura, homogênea e unificada, a sabedoria e a luta dos negros na Amazônia. (AZEVEDO, 2002, p. 57)

Idaliana Azevedo, da obra *O Puxirum, memórias dos negros do oeste paraense*, (2002) descreve com encantamento o Marambiré e todo um contexto histórico que contempla a luta do povo negro fugidivo que encontrou na dança a forma de demonstrar a resistência de

uma comunidade que vem conquistando seu espaço em meios às lutas, à persistência e a manutenção de sua cultura que são repassadas entre gerações.

As águas do mar ou do rio são sagradas, uma vez que serviram de campo santo para os que se foram. O Marambiré é a materialização da solidariedade e do sofrimento dos negros. Traduz também a luta nos quilombos, onde a única reivindicação era: “deixe-nos livres!” expressa a garra, a vontade negra, o suor dos que nunca se entregaram, lutando bravamente contra os malvados e tiranos capitães-do-mato ou policiais da guarda civil imperial. É um patrimônio histórico, cultural, social, político, filosófico e religioso do município de Alenquer, na medida em que simboliza todo o sincretismo cultural e religioso característico da região e de todas as outras, na América Latina e Caribenha, que tiveram essa mistura de raças, trazendo as culturas do Congo, Angola Moçambique à mitologia da fauna e da flora da Amazônia (AZEVEDO, 2002, p. 55).

Neste sentido, vê-se que o Marambiré possui um grande valor, percebido nas falas de seus participantes e pela maioria da comunidade de Pacoval, que está envolto em uma história de lutas, de resistência, de identidade de um povo que fugiu das grandes fazendas para viver a liberdade que lhe foi tolhida durante anos de exploração, castigos e humilhações: a escravidão. Com relação à dança em si, Teixeira (1989, p. 37), destaca a organização dos componentes do Marambiré durante a apresentação:

A arrumação dos componentes é feita dentro de um espaço imaginário, ao qual chamam de “Caixa Grande”. Tal espaço é estabelecido pela disposição em que se arrumam o Rei do Congo, as Rainhas e os tocadores; sendo que, embora também componentes do Marambiré, os Valsares ficam dispostos em duas filas de igual número de participantes, logo atrás de “Caixa Grande” e encerrando a arrumação do grupo fica o Contramestre, aparentemente com a precípua finalidade de orientar e alinhar os Valsares (TEIXEIRA, 1989, p. 37).

Vale salientar que esta formação descrita na obra pode ser que já não possua todos os elementos e personagens citados, pois, ao longo dos anos, a dança pode ter sofrido alterações, adaptações. Ao que parece, pode ser um sinal de que o Marambiré também vem se reformulando de acordo com as mudanças das novas gerações, o que indica que a cultura vem sendo repassada aos mais novos, com resquícios de mudanças (PAIS, 1990). Quando os comunitários percebem a beleza e o encantamento que o Marambiré traz consigo para os que o dançam e para os que o assistem, esta mudança não parece ser algo que retira essa percepção. Por sua vez, com relação aos componentes, Lygia Teixeira (1989, p. 37), aponta-os como sendo: “Um Rei de Congo; uma Rainha Mestre e no mínimo três Rainhas Auxiliares; um Contramestre; doze Valsares, no mínimo, sendo seis de cada lado; tocadores: um na viola, um no violão, um no cavaquinho, quatro pandeiristas e um na caixa grande ou bumbo”. Atualmente a dança apresenta-se com os pandeiristas e o caixeiro, caixa grande ou bumbo, como aponta a autora.

O Marambiré do Pacoval carrega consigo todo um valor simbólico, pois há uma crença em forças maiores que interagem com os moradores da comunidade, desde os moradores mais vividos até os mais jovens. A presença de São Benedito, como se demonstra na imagem 10, na realização da dança é muito forte, há uma grande relação de respeito, crença e confiança neste santo dentro do ritual que é o Marambiré. Podemos, portanto, dizer que o Marambiré e a grande devoção ao “santos dos pretos” fortalecem a herança e os valores históricos presentes no ritual e também permitem perceber a simbologia dos gestos, cantos, danças e orações que remetem a constituição de uma comunidade negra tradicional, que, através de suas manifestações culturais, buscam manter vivas suas lembranças dos tempos da conquista da liberdade por seus ascendentes.

**Imagem 10** – São Benedito, santo presente nas apresentações do Marambiré



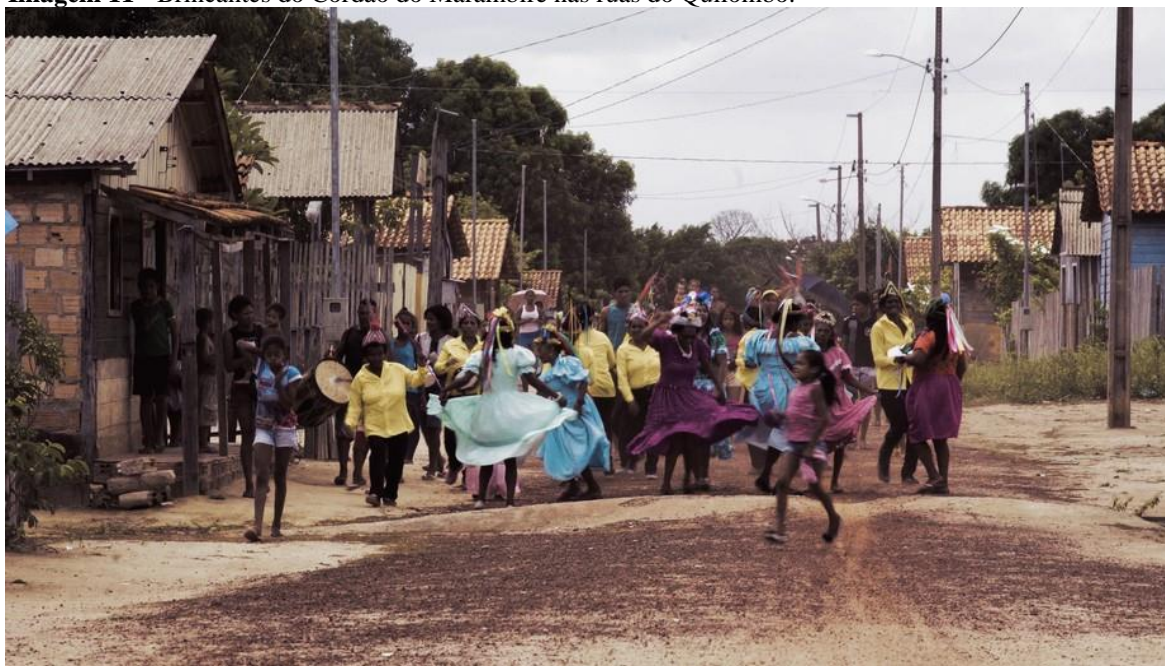
Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo 2021-2022.

Em conversa informal com o Raimundo Renildo Nascimento, em sua residência, percebi que o Marambiré vem, ao longo dos anos, sofrendo alterações, pois o mesmo relatou que *“antigamente, quem se atrasava para a apresentação do Marambiré precisava ‘pagar*

*vaqueta*<sup>23</sup>, para que aprendesse a respeitar os horários marcados pelo Rei de Congo”, atualmente esse “castigo”, como afirma o Senhor, já não é aplicado. De acordo com essa informação, vê-se que o Marambiré também possuía uma espécie de regimento interno que fazia com que seus participantes cumprissem as regras e com isso aprendiam a ter respeito e compromisso com a dança e com suas responsabilidades enquanto participantes. No entanto, atualmente não mais se vê este tipo de *intertício*.

Uma das principais datas de apresentação do Marambiré, dentro da comunidade, é no dia 06 de janeiro, dia de São Benedito. Neste dia, o Cordão do Marambiré realiza um circuito de apresentações em casas, sedes, bares, dentre outros locais durante todo o período da manhã, dançando nas ruas da comunidade, na companhia de pessoas de todas as idades, crianças e jovens também acompanham o cordão como se vê na imagem 11, até os lugares que seus moradores queiram a visita do Marambiré, pedindo licença para entrar nas casas, estabelecimentos comerciais, sedes, quintais, dentre outros.

**Imagem 11** - Brincantes do Cordão do Marambiré nas ruas do Quilombo.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo 2021-2022.

O almoço deste dia é em uma das casas visitadas, previamente, o dono da casa faz um convite ao Cordão, oferecendo um almoço aos componentes da dança, para que possa pagar sua promessa com São Benedito. O Marambiré vai até o local, dança no *terreiro* (quintal) e em

23 Segundo o Senhor Raimundo Renildo Nascimento, a expressão “pagar vaqueta” significa que a pessoa que não cumprisse as ordens estabelecidas pelo Rei de Congo precisava ficar de joelhos no “cetro” do Rei de Congo e rezar, cumprindo com isso seu castigo.

seguida faz a refeição. Antes da refeição em si, o Rei de Congo conduz o oferecimento e agradecimento do alimento que irão receber. Neste momento o dono da casa conduz a imagem de São Benedito enquanto os brincantes realizam a oração. Este momento é considerado pelos participantes do Cordão como muito especial, pois congrega os elementos de fé, gratidão e a esperança em um futuro cheio de fartura e a garantia da continuidade da tradição quilombola, segundo Maria da Cruz Assis, Rainha Auxiliar do Marambiré. Como se vê na imagem 12.

**Imagem 12-** Brincantes do Cordão do Marambiré agradecendo o alimento ofertado.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo 2021-2022.

Com relação aos brincantes do Marambiré, percebemos, através de entrevistas, que possuem um sentimento que parece estar além dos aspectos religiosos que a dança imputa. Na fala de Luzia Viana de Sena, 25 anos de idade, uma das Rainhas auxiliares mais novas a participar do Cordão atualmente, percebemos esse sentimento, além da forma de repasse do prazer de dançar, por sua mãe.

Quando eu comecei a dançar o Marambiré, foi em 2015, devido a mamãe participar da dança, ela sempre me incentivava, eu participava do Marambiré mirim, que era coordenado pela Raimunda Benedita, que nós dançava nos quintais, daí eu fui tendo o gosto de valorizar a nossa cultura e até hoje estou aí dançando. Quando começam a chamar o cordão do Marambiré, a primeira batida da caixa chega eu sinto aquele “arrupio”, assim, nem sei explicar a sensação, uma sensação muito boa mesmo. (M9, 25 anos, Rainha auxiliar do Marambiré, entrevista realizada em agosto de 2022)

Dando continuidade a entrevista, Luzia Viana de Sena falou da tradição de sua família em dançar o Marambiré, assim como a vontade de repassar o gosto de participar à sua

filha. Demonstrando, com isso, a preocupação em manter a cultura local, de seus pais e avós e repassa-la às gerações vindouras. A entrevistada destaca ainda que as manifestações culturais do Pacoval devem ser mantidas como garantia de valorização das lutas e conquistas de seus ancestrais.

Atualmente participam da dança eu, minha, mãe e minha filha de 9 anos de idade, mas antes minha vó e meu pai também participavam. Minha vó já é falecida e meu pai de um certo tempo deixou de dançar [...] como minha mãe já participa há muitos anos, ela tentava repassar para mim e hoje eu quero repassar para a minha filha, para que ela não deixe de valorizar essa cultura, pois é de suma importância valorizar a nossa cultura. (*Luzia Viana de Sena, 25 anos, Rainha auxiliar do Marambiré, entrevista realizada em agosto de 2022*)

Ainda sobre o início da participação dos brincantes no Marambiré, Maria da Cruz, 83 anos, revelou que iniciou ainda criança no Cordão e até os dias de hoje participa da dança. A entrevistada destaca que sua participação possuía a autorização de seus pais assim como também destaca a responsabilidade dos componentes do Marambiré em inserir novos participantes, jovens e crianças na dança. Neste contexto, destaco que a inserção de participantes desde muito jovens, dão um caráter de continuidade à dança, no entanto, esta preocupação em inserir novos participantes na dança, não é efetivada pelos dançarinos atuais.

Eu tinha onze anos quando comecei a dançar o Marambiré. Minha mãe me preparou e me entregou para os responsáveis pela dança. O Rei de Congo era Eusébio, lá na Festa de São Silvestre, que era uma coisa muito bonita e era bem preparado, era um baile, tinha banho de cheiro, a comida era farta, ainda lembro até hoje. (*Maria da Cruz, 83 anos, Rainha auxiliar do Marambiré, entrevista realizada em agosto de 2022*)

Como já citado, as manifestações culturais podem sofrer modificações, alterações e adaptações durante sua existência, com isto inferimos que mesmo a tradição se reinventa para ajudar em sua manutenção. No caso do Marambiré, recentemente houve a criação do chamado Marambiré das mulheres. No qual todas as personagens do Marambiré são exercidas por mulheres, porém os valsares o Rei de Congo, são caracterizados por mulheres representando as figuras masculinas na dança. O ritual é o mesmo, os cantos, o toque da caixa, o Lundun - parte específica da dança em que o Rei e Rainha de Congo iniciam a apresentação e em seguida os demais adentram na dança em uma forma de desafio - tudo é reproduzido com a mesma alegria e empolgação do Marambiré principal. A primeira apresentação do Marambiré das mulheres foi no dia 08 de março de 2016, por ocasião do dia internacional das mulheres. Como se vê na imagem 13, na qual as mulheres do Quilombo Pacoval em apresentação do Marambiré das

Mulheres que é apresentado nos eventos da comunidade, principalmente durante as comemorações realizadas pela passagem do dia internacional das mulheres.

**Imagem 13-** Apresentação do Marambiré das Mulheres.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Durante a apresentação do Marambiré, tanto do principal, quanto o das mulheres, é comum a presença de crianças acompanhadas de seus pais e também de jovens assistindo as apresentações, observando os passos da dança, o som dos pandeiros e da caixa, a animação do dançarinos, enfim, do Cordão em si, como se nota na imagem acima. Neste contexto, posso afirmar que a visualidade da dança faz com que os mais jovens possam ver a cultura se manifestando em sua frente o que posso dizer que fortalece, de alguma forma, a ideia de repasse a qual estou abordando nesta pesquisa. O simples ato de acompanhar a dança do Marambiré configura em uma criação de memória que vai acompanhar os mais novos por toda vida e assim como o sentimento de valorização da cultura quilombola local.

Em outras ocasiões foi realizado também o Marambiré mirim, apresentado apenas por crianças e adolescentes, no entanto o projeto de inserir as crianças e adolescentes na dança não é levado adiante. E isso faz com que os mais idosos digam que a juventude não tem interesse pela cultura do lugar. Porém, cabe pontuar que a prática de culpar a juventude pelo descaso das tradições dentro da comunidade é percebida não somente no que tange à dança do Marambiré, mas também em outras manifestações culturais da comunidade, como nas festas religiosas, nos eventos da Associação Comunitária.

O que se vê é que os próprios idosos, ou os organizadores da dança não realizam eventos como ensaios da dança, alegando que todos devem saber; no entanto, isso não acontece. As apresentações do Marambiré acontecem atualmente no início do ano, 06 e 20 de janeiro dias de São Benedito e São Sebastião, respectivamente e voltam acontecer novamente no mês de novembro, por ocasião das comemorações da Consciência Negra e às vezes em outras ocasiões como aniversários ou funeral de alguém que participava da dança, ou em alguma comemoração ou visita de alguém importante para a comunidade ou para a história do quilombo, como foi o caso da recente (12/10/2022) visita de Eurípedes Funes para o lançamento de seu livro no qual contém a pesquisa realizada no Quilombo e que faz parte deste trabalho. E nesse sentido, posso dizer que é necessário que se busque alternativas para que esse repasse de conhecimentos seja garantido através da realização do Marambiré.

Recentemente, no ano de 2019 foi criado o festival do Marambiré, sua realização, segundo a coordenadora da dança, tem como objetivo valorizar a cultura local por meio do Marambiré e de outras formas de manifestações da cultura do Quilombo Pacoval como: a Pastorinha, A folia de Santa Luzia, os Cordões de Pássaros como a Dança da Iraúna, dentre outras, além de dar destaque aos cantores e tocadores locais. A imagem 14 apresenta um convite do Festival realizado no ano de 2023.



Imagem 14- Convite para o Festival do Marambiré.



**Realização**



**Apoio:**



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2023.

O festival passou a ocorrer anualmente no período da festa de São Benedito, dia 06 de janeiro ou de São Sebastião, dia 20 de janeiro. Este dia é totalmente dedicado à cultura do Pacoval. A responsabilidade da realização deste Festival é Associação Cultural ACONQUIPAR, que organiza a festa, arrecada premiações, dentre outras funções. Como pesquisador, vejo que este momento é de muito valor, pois tem como objetivo trazer as manifestações culturais do Pacoval aos olhos de todos, principalmente dos mais jovens que têm a possibilidade de ver o Marambiré e as outras manifestações e também podem participar do evento de forma efetiva. Com isso, há a possibilidade de se fazer com que a cultura se perpetue e se mantenha viva dentro do quilombo.

## CAPÍTULO 4 - EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, NO PACOVAL

As comunidades quilombolas presentes na região amazônica compartilham com outras populações a vivência da natureza, dos seus recursos, de sua biodiversidade. Mas compartilham também seus conflitos e dificuldades próprias de viver nessa região. Esta convivência, por vezes, pode ser considerada salutar, mas, por outro lado, pode ser conflituosa e até mesmo danosa. Diante disso Benchimol (2009, p. 13) discorre que “as matrizes culturais do povo amazônico foram sendo formadas por justaposição, sucessão, diferenciação, miscigenação, competição, conflito, adaptação, por diferente levas e contingentes de diversos povos, línguas, religiões e etnias”.

É nesse contexto que a educação na região Amazônica está inserida. E abordar as questões conflituosas entre fazendeiros, grileiros, madeireiros, garimpeiros, povos indígenas, quilombolas, entre outros não é tarefa fácil, se considerarmos toda essa diversidade que faz parte desse imenso território. A educação está diante deste grande desafio que é fazer parte de toda essa realidade e ainda buscar meios de atender a toda essa diversidade que se apresenta diante da imensidão amazônica. E nesse conjunto está inserida também a educação escolar quilombola como uma modalidade de ensino que também está presente na imensidão amazônica.

Considerando a educação escolar quilombola, percebemos um nítido avanço na legislação que ampara esta modalidade de ensino, pode-se citar a Lei nº 10.639/2003 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que vem estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” nas escolas do país, assim como a Lei nº 11.645/2008 que altera a Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Incluindo, portanto, a questão indígena nesta discussão.

Além destas, destacamos a Lei nº 12.288/2010 que institui o Estatuto da Igualdade Racial, no campo das relações étnico-raciais. E a o Parecer CNE/CEB nº 16/2012 de 05 de junho de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e a Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Portanto, podemos afirmar que a Legislação que ampara a educação escolar quilombola, como uma modalidade de ensino, está presente, porém falta implementá-la em nossas escolas, na formação

inicial e continuada de nossos professores, enfim, colocá-la em prática no ambiente escolar. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, são apresentadas da seguinte maneira por Costa, Dias e Santos (2016):

No Brasil, no que diz respeito aos quilombolas, o segundo ano do início do segundo decênio do século XXI culminou com a definição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, consolidada em termos formais, pela Resolução CNE/CEB, nº 8, de 20 de novembro de 2012. Essas diretrizes, fundamentadas em centenas demandas sociais assentadas em ampla base legal nacional e em documentos internacionais dos quais o Brasil é signatário, estabelece que o ensino em escolas quilombolas ou que atendem estudantes quilombolas, a ser ministrado em todas as etapas da educação básica (seja em área rural seja em área urbana), se organize alimentando-se “da memória coletiva”, “das línguas reminiscentes”, “dos marcos civilizatórios”, “das práticas culturais”, “das tecnologias e formas de produção do trabalho”, “dos acervos e repertórios orais”, “dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país”, “da territorialidade”, devendo “ser implementada como política pública educacional” (Art 1) (COSTA, DIAS E SANTOS, 2016, p. 92)

A educação escolar quilombola é fruto da necessidade de se inserir na prática docente os saberes e os fazeres dessa população dentro do currículo escolar. Pois sabemos que, por muito tempo, a população em questão esteve esquecida e não contemplada no ambiente escolar, nos livros didáticos, no dia-a-dia das escolas. Por isso, urge a necessidade da desconstrução de um currículo eurocêntrico que busca impor uma homogeneidade dentro das escolas que todos sabem que não existe. E a construção de um currículo que contemple a diversidade, a realidade local, as particularidades de cada povo, enfim um currículo que abarque a imensa diversidade presente na Amazônia é matéria considerada urgente e muito necessária para se modificar esta realidade. E a escola precisa se apropriar-se de todo esse conhecimento e colocá-los em prática no dia a dia da instituição.

Mas como toda esta legislação está sendo implementada nas escolas quilombolas? Como os currículos contemplam a educação escolar quilombola? O que se vê nas escolas quilombolas é a utilização de um currículo e um calendário escolar unificado, elaborado dentro das SEMEDs – Secretarias Municipais de Educação – que não levam em conta as particularidades das comunidades tradicionais. Um calendário elaborado dentro de “gabinetes” que desconsideram, por exemplo, o período de coleta do castanha e do cumaru, que por vezes levam as famílias inteiras para os chamados “centros”, como se diz no Quilombo Pacoval, para que todos possam ajudar no aumento da renda familiar. Um currículo que não contempla, por exemplo, as manifestações culturais que acontecem dentro do território quilombola, dando-lhes

a devida importância para a comunidade local, não é um currículo que consegue dar conta da complexa vida da comunidade. Nesta perspectiva Alan Ribeiro et Al (2021) assinalam que:

Na educação escolar quilombola, tais saberes deve(riam) se tornar parte do espaço socioeducativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho coletivo e individual e a luta pelo direito à terra e ao território e à diferença cultural (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2021, p. 29-30).

É no dia a dia dos comunitários que os saberes se fazem presentes nas mais diversas manifestações e das mais diversas formas. E estas manifestações se dão principalmente fora do ambiente escolar e fazem com que os quilombolas demonstrem toda sua relação com o meio que o circunda, seja a natureza, seja o território. A transmissão de conhecimentos se dá através das relações que se estabelecem no cotidiano e que são repassadas de geração a geração (MOURA, 1999). Para tanto, percebe-se a necessidade de se inserir, nas escolas quilombolas, a educação que se realiza no dia a dia das famílias, no trato com a natureza, no reforço do caráter identitário, no respeito aos mais idosos, na valorização de suas raízes, nos afazeres domésticos, na produção da agricultura familiar, enfim na vivência da comunidade.

A necessidade de uma modificação ou adequação do currículo, considerando contemplar essa imensa diversidade é assunto relevante para a efetivação de um currículo que venha a contemplar toda essa realidade. E a educação não formal também é um elemento que deve ser considerado nessa mudança de ótica a qual nossas escolas precisam realizar. Considerar a educação não formal dentro do ambiente escolar também pode ser uma alternativa para se adequar o currículo e o calendário escolar frente à notável diversidade presente nas comunidades quilombolas.

E é também nesta perspectiva que a pesquisa realizada no quilombo Pacoval em Alenquer-Pa, percebeu como a educação não-formal está inserida no contexto escolar, na escolarização formal. Sabemos que em todo lugar se ensina e em todo lugar se aprende. Seja na sala de aula, seja nas ruas, no clube, nas festas populares, nas manifestações culturais, enfim, a educação está além dos ambientes formais de ensino. Parafraseando Brasileiro (2011, p.114), é necessário pensar que a sociedade brasileira é multicultural, e que a escola tem, por muito tempo, produzido a exclusão dos grupos que não correspondem aos padrões étnico-culturais não dominantes e isso significa partir para formas de atuação que ultrapassam os muros das escolas.

Abordar uma temática que contemple a educação vista a ponto de transitar entre o formal e o informal pode ser o caminho para se reconhecer a importância das populações

tradicionais e todo seu conhecimento para um bem comum: educar o cidadão considerando seus saberes produzidos na informalidade, inseridos nas escolas, enquanto ambientes formais de educação. Gohn (2006) defende que a educação formal e educação informal estão conectadas no que concerne à educação escolar quilombola.

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, a percepção, motricidade, etc. A educação formal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de se pensar e se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou se pertence por herança, desde o nascimento. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas do conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (GOHN, 2006, p. 29)

Portanto diante desta assertiva da autora, posso afirmar que estas duas formas de educação estão intimamente ligadas ao que pensamos sobre educação escolar quilombola que é o de unir os conhecimentos de vivência do alunado quilombola, às práticas escolares. É considerar as práticas culturais, as sociais, sua vivência cotidiana, seus saberes como forma de entender sua história e suas contribuições para a construção de uma identidade quilombola. Nesse sentido vale ressaltar a necessidade de se considerar a educação quilombola, para que se possa ser inserida na educação escolar quilombola.

Ainda segundo Gohn (2016), há caminhos para que seja possível a compreensão das dimensões educativas formal e informal no âmbito escolar. Mesmo admitindo a complexidade de conversão destas dimensões no dia a dia das escolas, a autora aponta algumas diferenças entre a educação formal e não-formal, indicando caminhos a serem percorridos na utilização destas formas de educar.

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. ela tem caráter metódico, e, usualmente, divide-se por idade/classe de conhecimento. A educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiências anteriores, usualmente é o passado orientando presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado. A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques na educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do *empowerment* do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grup. (GONH, 2006, p. 30).

A identidade coletiva de uma comunidade quilombola tem sua realização nas ações que são vivenciadas na escola, em seu cotidiano. Considerar as singularidades de uma população tradicional, quilombola como em questão, é manter viva as relações que estes povos estabelecem com a natureza, com sua religião, com seus costumes é considerar sua cosmovisão. Levar em conta a vivência quilombola frente aos desafios que se apresentam no cotidiano escolar é pensar essa população como protagonista de sua história e que participa do processo educativo, é poder adquirir conhecimentos em consonância aos conhecimentos que os próprios alunos já trazem consigo que são ensinados por seus avós, pais, tios, enfim pela comunidade em que vivem.

#### 4.1 A ESCOLA NO/DO QUILOMBO PACOVAL: A BUSCA POR UMA IDENTIDADE QUILOMBOLA

O processo educacional institucionalizado do Quilombo Pacoval data da década de 1950, aproximadamente, os moradores mais antigos não sabem precisar o ano em que as aulas institucionalizadas passaram a ser ministradas no Quilombo. No entanto as experiências vivenciadas nos anos de outrora, demonstram uma educação com uma base tradicional que impunha aos alunos inúmeras tarefas que iam além do ensino-aprendizagem formal. Os castigos eram comuns assim como a realização de trabalhos para os professores da época. Isso tudo com o aval dos pais, segundo os moradores mais antigos que vivenciaram essa época.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Martinho Nunes (EMEIEFMN), do Pacoval, recebeu este nome em homenagem a dois moradores antigos que iniciaram o povoamento da comunidade. Eram dois irmãos, pescadores que moravam em outro lugar, mas que vinham trabalhar na terra onde é a comunidade hoje por ser considerada terra firme, lugar que não ia para o fundo, segundo relatos de Maria do Carmo Nascimento, manipuladora de alimentos, em uma conversa informal nos corredores da escola.

A coordenação administrativa da Associação Comunitária do Pacoval, segundo relatos do ex coordenador Edilton Vilhena, busca intervir, junto à Secretaria Municipal de Educação no processo de lotação dos funcionários da escola. Neste processo, a coordenação participa intensamente ou tenta participar para que não haja intervenção de outrem – políticos e afins - na lotação do Quilombo. A comunidade atualmente já possui pessoas com nível superior que podem atuar em sala de aula, como rege a Resolução 08, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, e essas pessoas são contratadas

para trabalharem durante o ano letivo na escola, porém todo início de ano há esse enfrentamento junto à Secretaria de Educação de Alenquer. Visto que o município não realiza um processo seletivo para contratação de funcionários temporários. Assim, essa intervenção garante, de alguma forma, que os saberes quilombolas sejam inseridos em sala de aula pelos próprios quilombolas, e isso, ainda segundo o ex coordenador, é um avanço para o campo educacional do Quilombo.

No entanto, a intervenção de autoridades externas à comunidade, nesse processo de lotação por vezes é inevitável. Mesmo dentro da comunidade, segundo relatos de alguns moradores, há pessoas que são lotadas dentro da escola que não são “do agrado” da Associação, mas que são inseridas na escola e por serem da própria comunidade, continuam trabalhando normalmente. Outro conflito ocorre por intervenção de vereadores que, por terem relações com o governo municipal, conseguem lotar funcionários na escola.

É sabido que em comunidades do interior a presença de profissionais contratados é muito recorrente, e em Alenquer não é diferente. Por algum tempo, a presença de funcionários contratados era muito grande, pois não havia profissionais formados para assumir turmas e isso gerava a presença constante de professores que vinham até a comunidade, mas não cumpriam o seu dever de ensinar, faltavam muito e isso causava muita revolta aos comunitários, ainda segundo a fala dos moradores. E essa ausência de profissionais locais comprometiam de certa maneira o que rege as Diretrizes da educação escolar quilombola que é de considerar a educação quilombola dentro do ambiente escolar.

A EMEIEFMN busca preservar o caráter identitário e a história da comunidade e busca também fortalecer os laços de pertencimento a uma ancestralidade africana. Para tanto a escola adota as cores amarelo, vermelho, verde e preto, as chamadas cores afro, em sua bandeira, em seu uniforme, em seu dia a dia. Durante as apresentações culturais da escola e outros eventos como refeições, aniversário da escola e projetos, na ornamentação do ambiente onde se realizam estes eventos, é predominante a utilização das *cores afro*, elementos que remetem à afrodescendência, além das roupas afro usadas pelos funcionários da escola, como se nota nas imagens 15 e 16.

**Imagem 15** - Cerimônia de Autorização da Escola.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

**Imagem 16** - Cerimônia de Autorização da Escola.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Durante o processo de autorização da EMEIEFMN, do Quilombo Pacoval, eu estava membro do Conselho Municipal de Educação de Alenquer – COMEA, que possui vagas cativas para professores quilombolas e, neste período, participei diretamente de todo o encaminhamento do processo, desde a organização de documentos da Escola, passando pela exposição e votação deste, até o dia da cerimônia de autorização. Observei, durante as autorizações das escolas do município de Alenquer, que em todos os lugares que íamos



participar deste cerimonial, notávamos o empenho dos gestores e corpo docente em organizar as escolas para o evento, em oferecer um coquetel aos presentes, enfim, demonstrarem a felicidade de estarem alcançando o objetivo de ver a escola autorizada para emitir a documentação de seus alunos.

Mas, o ponto a destacar, em conversa informal com os componentes do Conselho Municipal de Educação – COMEA, diz respeito a identidade quilombola durante cerimônia de autorização da escola, as cores escolhidas para a ornamentação, as vestes dos funcionários, trajando roupas “*afros*” – como se costuma chamar - e o oferecimento de um “*café quilombola*” – café somente com alimentos regionais, na verdade locais, com bolos, bejus, doces, frutas, mingaus, sucos, entre outros, - configuraram o envolvimento da escola com a ancestralidade local, com os costumes, com as cores, com a vivência da comunidade, enfim, com identidade negra quilombola. No processo da primeira autorização, o Marambiré foi convidado para a cerimônia por se tratar de um momento de celebração e conquista para a nossa comunidade escolar. Na segunda autorização isso não foi possível devido as restrições impostas pela pandemia do COVID-19.

Com relação à pesquisa realizada com os professores da escola, ao serem questionados acerca da participação dos pais nas atividades escolares, a maioria dos professores apontou para a grande ausência destes nos eventos, assim como no dia a dia da escola. Os professores apontam que a participação dos pais na vida escolar dos filhos pode ser considerada como forma de demonstração de que os alunos não estão sozinhos, possuem o apoio e o incentivo dos pais e responsáveis.

Para tanto, segundo as entrevistas realizadas com os professores, a escola promove projetos que incentivam a participação da família na escola. No decorrer do ano, há por exemplo, o projeto de “Consciência Histórica”, projeto Lei que torna obrigatório a realização do resgate histórico da história do município de Alenquer. Na semana que antecede o aniversário de elevação de Alenquer à categoria de cidade, todas as escolas do município, sejam municipais, estaduais e particulares, realizam atividades com os alunos que abordam o município de Alenquer desde o período que antecede sua fundação até os dias atuais.

Já na escola quilombola, estas comemorações se voltam para a história da comunidade: sua formação, seu patrimônio artístico e cultural, assim como as personalidades que ajudaram a constituir o que é o Pacoval. Durante esta semana que ocorre no mês de junho, devido ao aniversário de fundação da cidade de Alenquer que acontece dia 10, a escola realiza trabalhos que se voltam à pesquisa da vivência da comunidade. Os costumes (imagem 17), as crenças, as lendas, os mitos, as danças - como o Marambiré, a Capoeira (imagem 18), as festas

de santos, os clubes esportivos, as personalidades, a culinária, os saberes, dentre outros são representados pelos alunos através de música, dança, poemas, paródias, teatro, apresentação de fotografias, figurinos, uma infinidade de atividades que marcam as comemorações ao aniversário de Alenquer.

**Imagem 17** – Projeto de Consciência Histórica - A prática de se lavar roupas na beira do rio.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

**Imagem 18** – Projeto de Consciência Histórica – A Capoeira enquanto manifestação da cultura negra.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

As apresentações durante o Projeto de Consciência Histórica são, segundo relatos dos professores, uma demonstração de como, no decorrer do tempo, os costumes por muitas vezes se modificam, enquanto que outros se mantêm, fortalecendo o caráter hereditário do *repassé* dos conhecimentos através das práticas cotidianas e da vivência em comunidade. A presença do Boi Famoso durante os trabalhos escolares também é marcante, segundo os professores da escola, como se demonstra na imagem 19, os alunos se divertem ao som das músicas e da apresentação do Boi e seus personagens como: A mãe Catita e Pai Francisco, o vaqueiro, os indígenas, os tocadores e cantores que animavam e animam os arraiais quilombolas. É um momento de diversão, mas também de muita troca de experiências e conhecimento, ainda segundo a professora.

**Imagem 19** -Apresentação dos alunos durante o Projeto de Consciência Histórica – O Boi Famoso.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

A culminância do projeto de Consciência Histórica acontece com o chamado “Café Quilombola”, como já citado anteriormente. Um café organizado pelos funcionários da escola, alunos e pais/responsáveis e que já se tornou uma marca nos projetos da escola e da comunidade em si. Neste café se marca a tradição do compartilhamento, da coletividade e também da fartura de alimentação nas festas quilombolas (AZEVEDO, 2002). O cardápio possui os mais diversos sabores locais, como se nota na imagem 20, *bejus* de tapioca, de farinha d’água, de farinha de trigo; doces de castanha, mingaus de *crueira*, de milho, de tapioca, de farinha; sucos de diversos sabores, chás, bolos, farinhas; frutas como *mari*, cacau, caju, melancia, laranja, tangerina,

abacaxi, fruta-pão; tubérculos como batata doce, cará, *areá*; raízes como macaxeira, bolinhos dos mais diversos, dentre outros sabores que fazem parte do cotidiano da comunidade e que neste dia estão reunidos para que todos possam saborear.

*Imagem 20 – Café Quilombola*



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Vale salientar que, neste sentido, vê-se o esforço da escola em realizar atividades voltadas à realidade local, à valorização da Cultura, da ancestralidade, dos costumes, dos saberes e fazeres do povo negro quilombola, como apontam os objetivos contidos nas Diretrizes da Educação Escolar Quilombola, em seu Artigo 6º, incisos III e IV, dão destaque às práticas realizadas pela escola local, considerando as especificidades da comunidade.

- III – assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e suas formas de produção e de conhecimento tecnológico;
- VI – zelar pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola às comunidades rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais;

A educação escolar quilombola deve se pautar na realidade vivida dentro das comunidades quilombolas, todas as formas de saberes e transmissão destes devem ser

consideradas na educação escolar. A escola quilombola não deve se constituir apenas em um espaço dentro de uma comunidade quilombola, mas fazer com que a realidade local faça parte do cotidiano escolar, nessa perspectiva, lê-se em Ribeiro, A. A.; Santos, P. (2021).

As diretrizes da educação escolar quilombola estabelecem que o ensino ministrado nas escolas quilombolas deve ser informado pela memória coletiva da comunidade, pelas especificidades linguísticas remanescentes, pelos marcos civilizatórios e práticas culturais, pelas tecnologias e formas de produção do trabalho, pelos acervos e repertórios orais, festejos, usos do espaço e tradições culturais, pelos demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país e, em especial, pela territorialidade como referencialidade identitária. Pensar a educação escolar quilombola, é, portanto, mobilizar para dentro dos espaços escolares os processos socioculturais de uso do território, compor territórios curriculares que não tornem a escola quilombola somente pautada em uma referência geográfica. (RIBEIRO, A. A.; SANTOS, P. 2021, p, 29).

Neste sentido, podemos dizer que a educação escolar quilombola deve estar inserida nos espaços educacionais institucionalizados, levando em conta toda a sabedoria que estas populações possuem. Ainda de acordo com as Diretrizes, vemos como a escola busca alinhar-se ao que estas regem. Os projetos realizados no decorrer do ano letivo contemplam a educação quilombola, o modo de vida da comunidade, as manifestações culturais, a forma de vida das famílias, a economia local, os costumes, lendas e tradições são abordados nestes projetos e estão inseridos na programação anual da EMEIEFMN.

Os professores destacaram em suas falas um projeto realizado recentemente na escola, com alunos das turmas do 6º e 8º anos. O projeto, segundo eles, consistia na confecção de um elemento que faz parte do figurino do Marambiré. O “Projeto *carrapatinhos*” foi inserido na escola em um projeto maior sobre a participação da família na escola. Cada um dos participantes do Marambiré utiliza coroas (as Rainhas e o Rei de Congo) e capacetes (os Varsares), estes adereços são confeccionados pelos próprios brincantes do cordão, porém nem todos conhecem as técnicas utilizadas na produção destes elementos. Mas afinal o que são os “carrapatinhos”? Os carrapatinhos são pequenos enfeites confeccionados de papel crepom coloridos e cola que são colados nas coroas e capacetes dos participantes do Cordão do Marambiré, dando cor e beleza aos elementos que compõem o figurino dos participantes da dança.

E para ensinar aos alunos nesta confecção destes adereços, como se pode ver na imagem 21, uma mãe de alunos foi convidada a demonstrar a técnica de confeccioná-los. Os professores consideram que a participação dos alunos foi bastante positiva, pois notaram a interesse destes na oficina e sentiram que foi um momento de encontro entre o conhecimento das tradições locais com a educação escolar.

*Imagem 21– Mãe de alunos ensinando os alunos a confeccionar o carrapatinho.*



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Os saberes fazem parte de toda uma dinâmica social e estão nos mais diversos campos. Segundo os professores da escola, é comum se ouvir, principalmente de pais de alunos, dizerem que não sabem nada e não querem que os filhos sejam “como eles”. No entanto, através dos projetos na escola, é possível demonstrar os saberes dos pais a partir desta participação no cotidiano escolar. Essas trocas de experiências entre pais/professores/alunos, fazem com que a educação escolar e a educação quilombola fortaleçam ainda mais os laços que a nós parecem indissociáveis. Como se vê nas imagens 22 e 23, os alunos envolvidos nos trabalhos realizados nas oficinas.

**Imagem 22**– Alunos confeccionando os carrapatinhos.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

**Imagem 23** – Alunos confeccionando os carrapatinhos.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

A participação da família na escola é vista pela coordenação da escola como um ponto bastante positivo, porém esta participação ainda é considerada pequena diante da demanda de alunos que há, no ano de 2022 foram matriculados aproximadamente 300 alunos

<sup>24</sup>, mas a participação das famílias ocorre de maneira baixa, mesmo em reuniões e projetos, segundo professores da escola. Na imagem 24, vê-se a produção do capacete e coroas já com os carrapatinhos confeccionados pelos alunos da EMEIEFMN.

**Imagem 24-** Coroas e capacete, com a utilização dos carrapatinhos confeccionados pelos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo 2021-2022.

Os desfiles alusivos às homenagens à Pátria Brasileira também se voltam para a realidade local. Segundo alguns professores, durante a semana da Pátria são dados destaques às riquezas existentes na comunidade: a história local, as danças – como o Marambiré, os Cordões de Pássaros, o Boi Famoso, a Pastorinha, a Capoeira, dentre outras - , as festas de santo, a agricultura familiar, a pecuária, as manifestações religiosas, o esporte local, as personalidades, enfim as homenagens são feitas à nossa terra, ao nosso quilombo.

Os alunos durante o desfile apresentam-se usando o uniforme oficial da escola, mas também trajam roupas típicas fazendo alusão às manifestações culturais, esportivas, econômicas, a prática do extrativismo, dentre outras, voltados a vivência do Quilombo. As homenagens referentes à semana da Pátria refletem, segundo a fala da coordenadora da escola, uma busca de manter sempre em evidência a cultura local, os valores, os saberes da comunidade, a valorização do conhecimento praticado a gerações pelos mais velhos e que vão sendo repassados aos seus descendentes.



A coordenadora pedagógica da escola destacou que no ano de 2022, o tema trabalhado no desfile foi: “Comunidade quilombola: nossa terra, nossa cultura, nossos saberes, nossos sabores, nossos valores”. O tema fazia um percurso na história do povo quilombola, destacando toda sua riqueza material e imaterial, colocando em prática os saberes adquiridos em sala de aula e os saberes repassados pelas gerações anteriores na vida cotidiana do povo. As imagens abaixo demonstram essa intenção em valorizar os saberes da comunidade pela escola, além da junção entre os saberes escolares e os saberes comunitários. A imagem 25 retrata alunos trajando vestes típicas da dança do Marambiré, representando a cultura local.

**Imagem 25** - Crianças homenageando o Marambiré nos desfiles da Semana da Pátria.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

A Capoeira também está presente nas apresentações relacionadas à Semana da Pátria, pois, de acordo com a coordenadora pedagógica da escola, é um elemento que faz parte da história dos ancestrais do povo negro quilombola. As crianças e jovens praticam a Capoeira e aprendem como historicamente ela está ligada a ancestralidade negra, a valorização da identidade, assim como os elementos educacionais contidos nela. Na imagem 26, as crianças representando os capoeiristas que praticam a dança de seus ancestrais.

**Imagem 26** – Crianças representando a Capoeira



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

O contato com as práticas medicinais, segundo os moradores da comunidade, inicia-se bem antes do nascimento das crianças quilombolas: banhos, chás, *benzeções*, defumações, dentre outras práticas, estão no cotidiano de praticamente todos no quilombo. Neste sentido, o *repasse* deste conhecimento, através da utilidade das ervas medicinais, inicia-se muito cedo e acompanha toda a vida dos comunitários. Segundo alguns moradores, todos sabem ensinar algum remédio utilizando-se do conhecimento com ervas medicinais, raízes, cascas, óleos, *sumos*. E isso, ainda segundo os moradores faz parte da cultura quilombola de Pacoval e esse saber é apresentado nos trabalhos escolares e também nos desfiles de independência pelos alunos da EMEIEFMN, como se demonstra na imagem 27.

**Imagem 27**– Alunos apresentando os Saberes através do uso de Ervas Medicinais



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Outro projeto destacado nas falas dos professores é a participação da escola na Consciência Negra, programação realizada pela Associação Comunitária – ACONQUIPAL - em parceria com as organizações da comunidade, nos meses de novembro de todo ano. Durante os dias de programação que geralmente são realizados em três dias, culminando no dia 20, Dia Nacional da Consciência Negra, a comunidade se volta para a realização do evento e a escola não é diferente. Toda a comunidade mobiliza-se para os trabalhos que são realizados no Plenário Antônio Názio Viana, tanto para a organização do evento quanto para realização. Como se destaca na imagem 28 os alunos e professores participando das atividades da semana da Consciência Negra.

**Imagem 28**– Alunos participando de eventos durante a programação da Consciência Negra.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

No período que antecede a Consciência Negra, de acordo com coordenadora da escola, são realizadas: palestras sobre o tema a ser abordado no evento; rodas de conversa com as pessoas mais velhas da comunidade; pesquisas de campo; ensaios para as apresentações. São dadas orientações aos alunos acerca da participação da escola no evento, assim como são feitos trabalhos de pintura, desenhos, colagens, realizados pelos alunos para que sejam expostos no evento da comunidade. Estas atividades escolares iniciam em outubro ou no começo de novembro. A programação do evento contempla os dias 18, 19 e tem seu encerramento dia 20 de novembro: dia de Zumbi dos Palmares. Na imagem 29, os alunos realizando apresentação de danças de origem africana, preparados pelos professores da escola.

**Imagem 29** – Alunos realizando apresentações durante a programação da Consciência Negra.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Equipes de trabalho são formadas para a Consciência Negra: cozinheiros(as), ornamentação, animação, matança de gado, credenciamento, apresentações culturais, missa afro e suas personagens que realizam apresentações de dança e teatro dentro da celebração, festa dançante, bar, dentre outras atividades que são realizadas pela própria comunidade e para a comunidade, assim como para os visitantes.

Os alunos e os funcionários da escola são inseridos na programação do evento. Os alunos são convocados para participarem das palestras, rodas de conversa, a contação de histórias pelos mais velhos, dentre outras atividades durante a programação. Mesmo havendo esta programação, os professores destacam que muitos alunos não participam das atividades e, de alguma forma, deixam de valorizar o evento.

Uma crítica que é feita por alguns professores acerca da programação da consciência negra é com relação à alimentação durante a realização do evento. Faz parte da tradição da comunidade a distribuição da alimentação de forma gratuita para todos os participantes do evento, segundo dona Maria da Cruz, a prática de distribuir alimentação é uma tradição que acompanha a comunidade há muitos anos e representa a fartura de alimentos que existia antigamente. Porém a crítica consiste no sentido de que toda a comunidade, na hora das refeições, vai buscar a comida, com panelas, pratos, tigelas. Jovens, idosos e crianças, mesmo não estando participando do evento, vão até a *Plenária* (como se costuma chamar para o local

do evento), buscar refeição, fazendo reclamações da comida, da fila, da demora, enfim não participam da programação, mas fazem questão de participar da alimentação que é servida.

Neste espaço, a *Plenária* (Imagem 30), é o local onde a comunidade se reúne para as mais diversas programações. É um espaço de socialização, de transmissão de conhecimento, de trocas, de *repasse*, enfim é um lugar de onde os saberes da comunidade estão/são difundidos. É um local que possui um valor simbólico muito representativo. É na Plenária que o Marambiré se apresenta, onde se discute os rumos da comunidade, onde se realizam as festas da Consciência Negra, onde ocorre a *Kizomba*, onde crianças estudam – já que não têm prédio próprio para estudarem a educação infantil, onde se acessa a internet de forma gratuita quem não possui acesso em casa, onde ocorrem festas de aniversário, formaturas, enfim segundo uma das moradoras da comunidade “ *a Plenária é o coração do Pacoval*”.

**Imagem 30** – Barracão Comunitário – “Plenária”



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

A EMEIEFMN exerce na comunidade uma função de reforço ao caráter identitário da população quilombola. Em outras palavras, em comunidades tradicionais a escola possui a função de indicar os caminhos, não somente educacionais, mas também sociais, culturais, dentre outros. E neste contexto, no Quilombo Pacoval, mesmo com as dificuldades educacionais enfrentadas no dia a dia, o papel de fortalecimento da educação quilombola é efetivado pela comunidade escolar, pois esta realiza um diálogo entre esta educação quilombola e educação escolar quilombola como aponta a legislação vigente.

## CAPÍTULO 5 - AS DIMENSÕES EDUCATIVAS PRESENTES NA FESTA DE SANTA LUZIA E NO MARAMBIRÉ

Como já mencionado, entendo que dimensão ou elemento educativo, são relações que envolvem o processo de ensino-aprendizagem ou um processo de aprendizagem-aprendizagem, pautado em relações comunitárias, culturais, sociais, tradicionais em um determinado ambiente em que estas ocorrem cotidianamente, corriqueiramente. Além de envolver uma relação de construção da tradição, uma tradição que muda, no decorrer do tempo e de acordo com as pessoas daquele tempo, tradição esta que se adapta, que acrescenta novos elementos ou suprime outros, mas que mesmo assim não deixam de ser tradições.

Em cada ano o ciclo se repete. A festa de Santa Luzia, que ocorre anualmente em dezembro, as apresentações do Marambiré, que ocorrem no decorrer do ano e em ocasiões especiais, revelam as formas de uma população tradicional quilombola de manter vivos seus costumes e suas tradições que estão sendo *repassadas* no decorrer dos anos aos seus descendentes. A realização destas manifestações religiosas/culturais reforça e reinventa as maneiras de transmitir conhecimento entre a população da comunidade.

Os ensinamentos nestas manifestações contemplam a vida cotidiana, inserem novos caminhos e fazem com que os laços de pertencimento sejam reforçados entre o povo do quilombo. O *repass* dos costumes, saberes, fazeres, práticas, danças, lendas, mitos, estão presentes na cultura do quilombo e estão presentes antes, durante e depois da realização destas festividades e apresentações. Sem deixar de mencionar o caráter lúdico que estas manifestações apresentam. Não somente as festas de santos, mas as mais diversas formas de cultura de um local configuram um momento de diversão e aprendizado.

Rituais de pajelança, torneios de futebol, festas de santo, levantamento e derrubada de mastro de santos, tirações de apelos ou esmolações para os santos, festas dançantes, carnavais, bois-bumbás, grupo de pássaros e de dançarinos de quadrilhas, folias, grupo de carimbó, comícios políticos, ladainhas (sobretudo as de estilo antigo, dirigidas por capelões e as cantadas em latim) festas cívicas (na ocasião da Semana da Pátria), tudo isso constitui motivo e faz parte da diversão popular, especialmente do povo do interior. (...) Festas religiosas e populares constituem, ademais, por sua própria natureza ritualística, momentos extraordinários da vida da população ou comunidade que se realizam, possuindo aquele caráter de fato social total [...] uma grande quantidade de fenômenos, não só de natureza religiosa, mas também de fenômenos jurídicos, morais, políticos, econômicos, estéticos, etc. (MAUÉS, 1995, 316)

Complementando a fala do autor, inferi também que as festas mobilizam elementos educacionais na vida dos comunitários. Os cantos, as rezas, a ladainha, a organização da festividade, as funções dos participantes, a ornamentação do local, a esmolação, dentre outras

atividades, fazem parte de um conhecimento que está há muitos anos sendo transmitido aos mais novos, pelos mais velhos da comunidade. A festa de Ramada de Santa Luzia traz consigo uma gama de fazeres e saberes que contemplam o que nós chamamos de educação quilombola, pois são saberes que estão no dia a dia da comunidade e que são *repassados* oralmente ou mesmo na prática, na realização, no fazer, mesmo que haja algum tipo de rejeição pelos mais jovens nesse processo de transmissão de saber. Assim, posso inferir que parte desse conhecimento passa a fazer parte de um aprendizado significativo que servirá de base para a manutenção (ou transformação) desses saberes entre as gerações.

Durante as 13 noites de arraial, as ladainhas ficam por conta de Dona Maria José. É ela quem coordena a noite, “*puxa*” os cantos e “*tira*” a ladainha. Dona Maria José é devota de Santa Luzia. Sua filha caçula, inclusive, possui o nome da santa, Luzia. Ela, Dona Maria, é uma das Rainhas auxiliares do Marambiré. No decorrer das noites poucas pessoas fazem parte desse momento religioso. Geralmente estão presentes, além dela, alguns poucos devotos, alguém da família dona da Santa e o juiz da festa ou alguns de seus familiares. Na imagem abaixo, número 31, vemos dona Maria José e alguns participantes da ladainha que ocorre durante as noites da trezena de Santa Luzia.



**Imagem 31** – Dona Maria José, Rezadeira da ladainha de encerramento das festividades de Santa Luzia.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Maria José relata como aprendeu o ofício de realizar as ladainhas e outras orações dentro de sua religião católica, além de destacar sua preocupação com a continuidade desta função de rezadeira, pois segundo ela, há poucas pessoas mais jovens que se interessem pelo ofício de aprender os cantos e orações, para que posteriormente possam assumir esta função dentro das manifestações religiosas no quilombo. Dona Maria afirma que:

O que pertence pra Santa Luiza (com relação aos cantos e ladainhas) eu sei tudo. Então isso pra mim é uma coisa muito boa, porque eu aprendi e eu gostaria do que eu aprendi, ensinar pras pessoas, já convidei muita gente, mas parece que não querem; essas crianças que estudam a primeira eucaristia, eu tenho muita vontade de ensinar a ladainha pra eles, mas eles tenho muita vergonha. Eu queria repassar o que eu sei pra eles, mas eles não tenho interesse. (Maria José, 68 anos, Rainha auxiliar do Marambiré, entrevista realizada em setembro de 2022)

A preocupação na narrativa da entrevistada, que também é catequista da igreja católica, parece exprimir um sentimento de receio, de medo de que esta tradição seja esquecida, deixada de lado. As práticas religiosas, como as ladainhas, geralmente se percebem, segundo a entrevistada, principalmente a presença de pessoas mais velhas; as crianças e adolescentes pouco participam deste momento considerado muito importante para ela. A entrevistada relatou

também a importância de seus pais na aquisição do prazer de participar das festas do quilombo, tanto das festas de Ramada quanto do Marambiré.

Eu agradeço muito meus pais, porque da coisa boa eles nunca me empataram, podia virem aqui fazer convite do Marambiré que eles não se importavam, que eles sabiam que eu estava com eles (o Cordão do Marambiré) pra lá; também meus pais me ajudavam muito nestas coisas, de aprender o Marambiré, aprender as rezas, aprender os cantos, as ladainhas de Santa Luzia. E graças a Deus eu me sinto muito bem por isso. (*Maria José, 68 anos, Rainha auxiliar do Marambiré, entrevista realizada em setembro de 2022*)

Mara José apresenta em seu relato o estímulo de seus pais durante sua adolescência e juventude na participação das manifestações culturais. Neste sentido, suas falas apontam para a presença ativa do *repassé* no ensino dos conhecimentos necessários para a organização da festa, para a realização dos rituais da ladainha e demais ações envolvidas na festa da Santa Luzia. As tradições sendo repassadas a ela, na ocasião mais nova, pelos participantes da dança e da festa, os mais velhos. E ainda destaca como aprendia os cantos e rezas: “*eu aprendia com eles mesmo lá, na cantoria, eu sempre gostava de tá junto das pessoas idosas, observando, ouvindo, eu não sabia, né? Tinha que procura eles.*”

Na contramão do pensamento de Maria José, utiliza-se da fala da estudante Maria, de 15 anos, que durante a roda de conversa realizada, disse que “não achava importantes estas manifestações culturais como o Marambiré e as festas de Santa Luzia”. A estudante considera que estas manifestações “*não acrescentam nada em sua vida*”, mesmo que ela mencione gostar de algumas partes, como o momento da chamada dos nomes para o corte do mastro de Santa Luzia, que ocorre no encerramento das festividades da Santa. Neste sentido, percebeu-se na fala da jovem, que apesar de não considerar importante as manifestações realizadas no Quilombo, mesmo assim participa de alguns momentos. Desta forma, pode ser um momento em que ainda não se perceba parte integrante destas realizações e que com o tempo, segundo ela, pode ser que venha a mudar de ideia diante da relevância destas manifestações.

Como já citado neste trabalho, a preocupação dos mais velhos na continuação destas manifestações se dá devido à pouca participação dos mais novos durante a parte religiosa da festa. Nestes momentos, os jovens parecem estar um pouco mais distantes da celebração. Esta participação se inverte no que tange aos momentos profanos das festividades, nos quais a interação entre jovens, com conversas e brincadeiras é possível de ser vivida por eles. No Marambiré, segundo dona Maria José quando diz que “*eles tenho vergonha*”, reflete na pouca participação dos jovens e crianças no Cordão. Poucos participam efetivamente, poucos dançam, “*preferem assistir*”.

Esta constatação de Dona Maria José também é percebida na fala de Maria da Cruz, em sua entrevista, quando questionada sobre a visão dos mais jovens a respeito da cultura quilombola de Pacoval, principalmente o Marambiré. Ela destacou que “*até mesmo pessoas que hoje já eram professores só deram ‘valor’ a cultura quando foram para a universidade e viram que naquele lugar a cultura era tida com muito valorizada*”, tanto para a comunidade quanto para os moradores do lugar e de fora dele. Neste contexto, segundo a fala da entrevistada, a cultura ganha espaço à medida em que os comunitários buscam formação, têm acesso à academia e então passam a ter um olhar diferente para sua própria cultura. Porém vale aqui questionar: será que estas manifestações culturais só serão valorizadas quando seus comunitários entrarem na universidade? Mesmo sabendo que grande parte não conclui sequer o ensino médio?

A entrevistada Maria Orcideia, Rainha do Marambiré, destacou em sua fala que participa da dança desde que sua genitora faleceu, a mesma era também Rainha do Marambiré e é lembrada por muitos comunitários como uma excelente dançarina “*ela parece que flutuava enquanto dançava*”, diz Maria Orcideia sobre as apresentações do Marambiré com a antiga Rainha Dona Benta Maria da Luz. Maria Orcideia também destacou o talento para a dança de Joaquim Carolino, um antigo Rei de Congo do Marambiré, já falecido, que também possuía grandes admiradores por conta de sua dança e também pela maneira de coordenar o Cordão do Marambiré. A entrevistada destaca ainda que tudo que ela sabe sobre o Marambiré, aprendeu vendo os mais velhos se apresentando quando criança e jovem. A atual Rainha tem 77 anos de idade e dança o Marambiré com uma alegria contagiante e diz que “*peço a Deus que esta dança nunca se acabe, que os mais novo possam levar adiante a nossa cultura*”.

Ainda durante a roda de conversa, percebi, na fala da jovem Ana, de 17 anos, que ela destacou a importância destas manifestações para ela e para sua família, pois mencionou que em sua família, o avô, já falecido, e tios, ainda vivos, participavam e participam do Marambiré e, por este motivo, sente-se parte da dança, admira e dá muito valor a estas manifestações. Destacou ainda que seu avô era o “*caixeiro*” do Marambiré e sentia muito orgulho ao vê-lo feliz participando, até seus últimos anos de vida, do Cordão do Marambiré.

Na fala da jovem Ana, observo o sentimento de pertença muito intenso no que se refere à sua visão diante da dança do Marambiré. Neste caso, a jovem mantém vivo o orgulho de sua família fazer parte da dança e a passagem de gerações dentro da cultura do Marambiré. Diz-se, portanto, que há jovens que estão carregando consigo a responsabilidade da manutenção do Marambiré por alimentarem um sentimento de valorização a realização desta dança que a anos faz parte de sua história. Pode-se inferir também que a participação dos jovens, mesmo não

sendo tão intensa como os mais velhos gostariam, acontece de maneira mais ativa para uns e mais passiva para outros. O repasse dos ensinamentos, conhecimentos, lições presentes nestas manifestações estão, de alguma forma, presentes no cotidiano dos conflitos geracionais.

Ainda considerando a realização da roda de conversa com os mais jovens, trago a fala do jovem José, de 18 anos, aluno do ensino médio que já apresenta uma visão diferente diante da realização das manifestações culturais de sua comunidade quilombola. Em sua fala, o jovem explicitou sobre a importância de conhecer e valorizar os saberes que fazem parte do Pacoval, pois diz que: “*além de ser importante pra gente saber sobre os conhecimentos dos nossos avós e pais, é importante também pra gente saber falar sobre nossas origens*”. O jovem fez referência também ao processo seletivo que é realizado para ingressar na universidade, visto já ter conhecimento de que as provas realizadas consideram a realidade local dos quilombos e quilombolas, seus saberes, suas vivências, seu conhecimento, sua cultura em geral.

Neste sentido, vê-se que a visão dos jovens também está relacionada a possibilidade de se cursar uma faculdade, pois sabem das dificuldades que irão encontrar em um processo regular. Por isso já vislumbram os conhecimentos empíricos como possibilidades de aquisição de uma vaga em um curso superior. Portanto, considero que a valorização dada as manifestações culturais/ religiosas também chega com a idade e com a forma de ver o mundo e também está relacionada ao interesse dos jovens.

No entanto, há a possibilidade de o jovem não gostar destas manifestações, não sentir nenhum interesse e, mesmo vivenciando o dia a dia da comunidade, não manifesta vontade de conhecer um pouco mais, considerar os ensinamentos contidos nestas manifestações e não se perceber como parte constituinte desta cultura. Desse modo, posso inferir que o repasse ao qual estou discutindo nesta pesquisa, nem sempre é efetivado, nem sempre exerce a função de transmissão de alguma forma de conhecimento, o que seria o *não-repasse*. Posso dizer, neste sentido, que isso também faz parte desta forma de aquisição de conhecimento, pois, mesmo negando os processos de realização das festas, das danças, da cultura em si, este jovem está inserido neste contexto e de alguma forma participa deste repasse de conhecimento, mesmo que inconscientemente.

Discorrer sobre a possibilidade do não-repasse, pode parecer que de alguma maneira que os mais velhos parecem estar corretos quando afirmam que os mais jovens não têm interesse em conhecer de sua cultura, da cultura de seus antepassados. Em outras palavras, posso dizer que não há lugar em que o repasse do conhecimento seja totalmente assimilado pelas gerações mais novas. Afinal, como venho afirmando neste trabalho, os jovens exercem também uma função importante na manutenção ou mudanças nas manifestações culturais.

A sabedoria do povo remanescente de quilombo vem sobrevivendo a gerações devido ao repasse destes conhecimentos que ocorre dentro das comunidades quilombolas, porém, nem todo conhecimento é considerado. Muito do que se sabe se perde no decorrer do tempo. O fazer do povo quilombola vai ganhando novas configurações no decorrer do tempo, no entanto, como falaram alguns entrevistados, “*os mais velhos vão morrendo e não deixam para ninguém seus saberes, levam consigo*”. Diversas vezes, durante a pesquisa e durante a minha vivência no Pacoval ouvi as pessoas comentarem que havia idosos que sabiam muitos tipos de cura, de remédios, de orações, mas que não deixaram para ninguém estes saberes. Neste sentido, percebo que apesar da grande riqueza cultural existente, muitos conhecimentos são esquecidos ou se quer aprendidos ou apreendidos pelas gerações mais novas e considero que o repasse dos conhecimentos também leva em conta alguns fatores que podem variar desde o não ensinamento dos mais velhos aos mais novos, até a não assimilação destes conhecimentos por parte dos mais jovens.

Outro ponto que considero importante destacar é a manutenção de alguns saberes restritos a uma ou poucas famílias, como no caso do curador de cobras, pois vejo que esta forma de repassar os saberes fica de alguma forma ameaçado. Como disse Chico Índio, durante a entrevista, alguns jovens de sua família não querem assumir esta responsabilidade de curar, de levar adiante este saber. Pois o tratamento de pessoas picadas por cobras, por exemplo, é considerado uma grande responsabilidade por se tratar de salvar uma vida. O que causa medo por parte de quem poderia herdar estes conhecimentos.

O não-repasse dos conhecimentos tradicionais, de alguma forma, também é ameaçado devido à prática de religiões evangélicas dentro da comunidade de quilombo Pacoval. As religiões evangélicas, segundo alguns relatos de moradores, chegaram ao Quilombo a pouco tempo, pois a religião católica predominava até final dos anos de 1998. Neste sentido, ainda segundo relatos, com o culto às religiões evangélicas, muitas pessoas que participavam do Marambiré e das festas de Ramada, passaram a não mais fazer parte e, com isso, os conhecimentos imbricados nestas manifestações deixam de fazer parte das vidas desses quilombolas que por muitos anos participavam, muitos de forma bastante ativa, das festas de santo e do Cordão do Marambiré, deixaram de vivenciar esta parte da cultura quilombola. Mesmo afirmando que muitas destes praticantes evangélicos deixaram de participar destas manifestações, alguns mantêm os costumes de seus pais e avós, como por exemplo, levar seus filhos para um benzedor, para tirar o “*quebranto*”, “*consertar*”, dar banhos de ervas, entre outras atividade que demonstram que a cultura permanece viva, mesmo que vá de encontro à sua religião.

A participação de crianças e jovens é vista durante a apresentação do Marambiré, mesmo que em pequena quantidade. Meninas apresentam-se como rainhas auxiliares, seguindo os passos das rainhas mais antigas, dançando e cantando as músicas durante a apresentação. Compreendendo as pausas para o descanso, os risos, as brincadeiras, enfim o Marambiré em si. Os meninos, por sua vez, exercem o papel de valsares e estão localizados ao final da fila da dança, acompanhando os valsares mais experientes, atentos aos passos, às mudanças de ritmo durante as apresentações, a animação dos dançarinos ao som do pandeiro. Tudo isso configura a interação entre as gerações de diferentes idades que estão sendo ensinados a cultivar a cultura e a tradição local através do Marambiré. Como se vê nas imagens 32 e 33.

**Imagem 32** – Rainhas Auxiliares mirins que participam das apresentações do Marambiré atualmente.



Fonte: Redes Sociais. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

**Imagem 33** – Valsares mirins que participam das apresentações do Marambiré atualmente.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

Do mesmo modo ocorre durante a organização da festa de Ramada de Santa Luzia. As crianças participam da ornamentação do mastro, ajudando a colocar os galhos e frutas em seus devidos lugares, assim como estão presentes durante a esmolação, tocando instrumentos feitos de latas com pequenas pedras dentro. Participam durante a derrubada do mastro, no encerramento da festa, realizando o corte com o machado, quando são chamados pelos nomes ou quando têm o nome de alguém da família chamado que não está presente no local, além de quando ocorre a derrubada do mastro. As crianças e jovens são os que mais se divertem neste momento, pois pegam os frutos que ainda estão apropriados para o consumo. Como se vê nas imagens 34 e 35.

**Imagem 34** – Crianças e Adultos ajudando a preparação do Mastro de Santa Luzia.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

**Imagem 35** – Comunitários ajudando a preparação do Mastro de Santa Luzia.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

## 5.1 A COLETIVIDADE NAS FESTAS QUILOMBOLAS DE PACOVAL

A organização das festividades no quilombo Pacoval contempla também os trabalhos coletivos. É constante a participação dos comunitários na festividade e ela se dá desde a organização do mastro, que é levantado no primeiro dia até o encerramento, com a festa do juiz do mastro no último dia. Assim, é evidente a participação de pessoas de diferentes famílias e idades da comunidade na realização de vários elementos da festa, até a produção dos alimentos até a ornamentação. Organizar o mastro é tarefa do juiz da festa, mas este sozinho não seria



capaz de realiza-lo. O mastro deve ser cortado na mata, trazido, geralmente de carroça de boi para a frente da igreja, próximo à ramada e em seguida enfeitado e içado. Estes enfeites aos quais me refiro, são folhas, galhos, ramos e frutas que fazem com que o mastro esteja pronto para ser levantado. E essa ornamentação é feita por pessoas que voluntariamente se oferecem para ajudar. É um trabalho considerado simples, porém que contém um grande significado: a continuidade da tradição, o aprendizado do ritual, o fazer.

Neste contexto, os momentos de troca de conhecimento ocorrem em todo o processo de preparação e organização dos festejos e também dos trabalhos comunitários. Estes serviços indicam que os saberes estão sendo transmitidos em todos os momentos de interação e de socialização dentro do cotidiano quilombola. Como aponta Brandão (2005, p.83) com relação aos mais diversos saberes, as trocas de conhecimentos ocorrem nos mais diversificados lugares:

[...] bem mais do que o simples adestramento dos animais com quem compartilhamos o planeta Terra. Aprendemos não apenas os saberes do mundo natural, mas as complexas teias de símbolos, de sentidos e significados que constituem o mundo da cultura. Quase tudo o que nós vivemos em nossas relações com as outras pessoas ou mesmo com o nosso mundo, como no próprio contato direto com a natureza, pode ser, também um momento de aprendizado. Podemos estar ou não conscientes disto, mas cada troca de palavras, cada toca de gestos, cada reciprocidade de saberes e de serviços com uma outra pessoa, costuma ser também um momento de aprendizagem. De uma para a outra, as pessoas se encontram, se conversam, dialogam, deixam passar de si mesmo à outra algo de suas palavras, de suas ideias, de seus saberes, de suas sensibilidades. Querendo ou não (mas é melhor estar querendo) estamos, no conviver com outros e com o mundo, nos ensinando e aprendendo.

Os trabalhos realizados na preparação da festa são organizados a partir da coletividade. Pessoas de todas as idades ajudam na organização do mastro, colocando as frutas, ajudando a erguê-lo, participando do rito inicial da festa, enfim são trabalhos que envolvem a comunidade e trazem consigo o *repasse* do conhecimento acerca da organização da festa de ramada. Como se vê na imagem 36, as pessoas que participam da organização do mastro e as cerimônias que antecedem a subida do mastro, assim como após o mesmo estar no lugar que passará os próximos 14 dias.

**Imagem 36**– Comunitários ajudando a preparação do Mastro de Santa Luzia.



Fonte: Arquivo pessoal. Pesquisa de Campo, 2021-2022.

A rotina da escola é alterada na comunidade em decorrência das festas e programações tradicionais do local. Segundo a coordenadora da escola, as festas tradicionais já são inseridas dentro do calendário escolar, fazem parte do planejamento das atividades anuais escolares. Na festividade de Santa Luzia, por exemplo, a escola fecha as portas durante os três últimos dias, pois são os que mais movimentam a comunidade. Não haveria como serem dadas aulas, já que os alunos estariam participando de alguma forma da festividade.

Consideramos que este tipo de ajustes no calendário escolar, tanto para a realização de festas quanto para os períodos referentes a coleta de cumaru, da castanha-do-Pará, dentre outros, a escola, ainda segundo sua coordenadora, leva em consideração estas particularidades e especificidades do local, ainda que não estejam “marcados” no calendário escolar. Vale salientar que estas adequações e adaptações são realizadas dentro da escola quilombola, não pela Secretaria de Educação local. A escola, no início do ano letivo, realiza reuniões pedagógicas e de planejamento para a elaboração do calendário programático que constam: as festas de Santo, o Projeto da Consciência Histórica, o Projeto de Consciência Negra, dentre outras atividades realizadas na comunidade.

A busca de um diálogo entre a educação formal e os saberes e fazeres que são produzidos dentro de uma comunidade quilombola, a vivência dos alunos, sua cultura, sua vida cotidiana, são elementos que a escola deve abarcar para que se constitua verdadeiramente uma educação escolar quilombola. Visto que fazem parte da história que é omitida pelos currículos escolares, as lutas, as contribuições, os saberes das comunidades são deixados à margem, dando

espaço a um currículo que não reconhece a cultura presente nas comunidades quilombolas. Como se percebe, a inclusão destas festividades tradicionais no calendário escolar do município não ocorre. Neste sentido, a falta de diálogo entre a SEMED e a legislação que regulamenta a educação escolar quilombola, não é efetivada<sup>25</sup>. Para mais informações sobre a legislação que regulamenta a educação escolar quilombola, incluindo as datas festivas no calendário das escolas das comunidades quilombolas, ver link<sup>26</sup>.

No ano de 2022, os preparativos para a festividade de Santa Luzia iniciaram no mês de Setembro, por ocasião da reforma da Ramada. Esta função foi executada por José Pimentel, e sua família. José Pimentel é devoto de Santa Luzia e coordena a equipe de esmolação durante o período que antecede a festividade, participa das noites e ladainha e está sempre envolvido na realização da festa. Ele, seus cinco filhos, um enteado e alguns devotos de Santa Luzia realizaram a troca da cobertura da Ramada em dois dias. Uma demonstração de como a festa possui esse caráter coletivo e mobilizador dentro da comunidade que envolve fé, respeito às tradições e uma boa relação com a Santa Luzia e os herdeiros da festa. Segundo José Pimentel, o que ele faz *“é por ter fé no poder de Santa Luzia e quero que os meus filhos sigam essa tradição de ajudar na festa dela”*.

Recentemente, no decorrer da realização da pesquisa, durante minhas observações, recebi um vídeo por um aplicativo de mensagens, que me trouxeram um sentimento de alegria, para o comunitário, e de satisfação para o pesquisador, pois o conteúdo deste vídeo mostrava crianças brincando de “Folia da Santa Luzia”, com latas imitando caixas e tambores e galhos de árvores imitando as bandeiras que são conduzidas pelos foliões durante a esmolação no período que antecede a festividade de Santa Luzia. Este pequeno gesto pode representar muito no que tange ao processo de repasse que estamos destacando no decorrer deste trabalho. A brincadeira representa que de alguma forma que as crianças estão observando e apreendendo as tradições da comunidade sem que haja pressão ou mesmo uma maneira forçada para que estas reproduzam as manifestações culturais e religiosas locais.

---

<sup>25</sup> [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11091-pceb016-12&category\\_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11091-pceb016-12&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192) > acesso em Ago/2023.

<sup>26</sup> <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18693-educacao-quilombola>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada demonstrou como as dimensões educativas estão presentes nas festas de Ramada de Santa Luzia e no Marambiré e nas demais manifestações culturais/religiosas dentro da comunidade quilombola de Pacoval, como estas estão intimamente inseridas no cotidiano do quilombo e fazem parte do que conhecemos como educação quilombola. O conhecimento vivenciado no quilombo está em consonância com a ideia de *repassse* que abordamos nesta pesquisa. Os mais velhos *repassam* os conhecimentos através de práticas cotidianas que são adquiridas/ressignificadas/reinventadas/renovadas pelos mais novos. Neste caso, vemos que o *repassse* é a categoria nativa, categoria local para o processo de socialização educacional.

O texto apresentado vem se constituindo de como os fazeres da comunidade estão presentes na vida dos quilombolas de Pacoval e como são inseridos no conhecimento formalizado, escolar. A escola, principalmente nas comunidades rurais/tradicionais exercem uma função muito relevante no que tange aos conhecimentos que a comunidade e seus alunos possuem. Conhecimentos estes que estão presentes nos mais diversos momentos da comunidade. Nos puxiruns, nas reuniões, nas conversas informais, nas aulas, nos clubes, nas igrejas, nas casas de farinha, nas festas de santo e nas danças como o Marambiré.

Neste contexto, a pesquisa demonstrou que as dimensões educativas estão sim presentes nestas manifestações culturais e nas mais diversas formas de *repassse* de conhecimento, de socialização. E devem fazer parte do currículo escolar das escolas quilombolas, pois se percebe a preocupação, principalmente dos mais velhos, em manter as tradições vivas e a preocupação de *repassar* aos mais jovens o que aprenderam com seus pais, avós, bisavós. Mesmo estes mais velhos admitindo que os mais jovens absorvem estes conhecimentos de diversas maneiras, alguns mais engajados, ativos e participantes da vida em comunidade, enquanto que outros não demonstram essa absorção de conhecimento dentro do quilombo.

É reconhecido o trabalho realizado na escola no quilombo Pacoval, enquanto grande incentivadora para a valorização e o reconhecimento das tradições culturais e religiosas dentro da comunidade quilombola. A adequação do calendário escolar para o ciclo de coletas e plantio, para a realização das festas, para os eventos comunitários, demonstram a busca por uma educação que valoriza os saberes, os ciclos, os fazeres da comunidade. Reconhecendo que a educação é um processo amplo que envolve a escola e envolve a comunidade. Porém reconhecemos que este trabalho está apenas dando passos iniciais, pois a escola necessita da

junção de forças para que a educação escolar quilombola seja realmente efetivada de forma satisfatória dentro do território quilombola. Pois considero que para que se tenha uma educação de qualidade, é necessário que haja mais boa vontade do poder público em oferecer uma estrutura adequada aos alunos quilombolas, pois a escola não comporta todos os alunos matriculados, não há refeitório, área de lazer, quadra para a prática de esporte, biblioteca, dentre outras estruturas que muito colaboram para a melhoria da educação escolar.

A visão dos professores acerca da manutenção da cultura local também é um ponto que merece destaque dentro da pesquisa, pois se observou o grande esforço destes em fazer com que os alunos reconheçam e valorizem os saberes que trazem de casa e que foram repassados por seus pais, avós e assim constituem uma grande fonte de conhecimento que faz parte de toda uma ancestralidade negra quilombola. Vale destacar também que a maioria absoluta dos professores lotados no Pacoval são filhos da terra ou são cônjuges de algum filho do quilombo, neste sentido, vejo que a educação escolar quilombola ganha um forte aliado na construção dessa educação que permite a valorização da cultura, das manifestações, da vivência, dos saberes de um povo tradicional. Mesmo que haja conflitos de ideias entre os professores, vejo, enquanto professor e pesquisador, uma grande força de vontade, por parte do corpo docente da escola, em adotar uma educação que contemple os saberes do povo quilombola e que este seja valorizado no dia a dia da escola, nas aulas, nos projetos, enfim, nos eventos pedagógicos realizados pela escola durante o ano letivo.

A preservação da realização da única festa de Ramada e do Marambiré demonstra a efetividade da educação social que é realizada no decorrer dos anos dentro da comunidade quilombola de Pacoval, pois estas manifestações resistem ao tempo e precisam ser consideradas, no que tange a realização do currículo antes invisível (MOURA, 2005), para a concretização de um currículo palpável, concreto, com base nos conhecimentos adquiridos pelos mais velhos e que são *repassados* aos mais novos nos mais diversos momentos de socialização e interação.

O Marambiré e a festa de Ramada de Santa Luzia são exemplos de manifestações que poderão fazer com que a efetivação de uma educação quilombola possa estar em consonância com a educação escolar quilombola, pois para se chegar a esta compreensão, ainda é preciso trilhar um longo caminho que envolve toda a comunidade escolar, visto que só assim poderemos ter o fortalecimento da educação escolar quilombola, com base nos conhecimentos repassados pelos que fazem a cultura quilombola, ou seja, a própria comunidade. E então chegará um dia em que, com a efetivação dos direitos do povo negro quilombola, não somente no campo educacional, mas em todos os campos sociais, poderemos, como diz um trecho de uma

das músicas do Marambiré dizer que “choraremos com grande alegria”, em ver nossa população realmente assistida em direitos garantidos na Constituição Federal.

Percebi que há certo conflito entre as gerações de moradores da comunidade de Pacoval, pois os mais idosos, em sua maioria, segundo os relatos coletados, insistem em destacar a pouca participação dos jovens nos momentos culturais do quilombo, principalmente no Marambiré e na parte religiosa da festa de Ramada de Santa Luzia. No entanto, no próprio discurso dos mais velhos, há a presença de jovens participando destes mesmos momentos de forma ativa ou somente como espectadores. Neste sentido, o que se vê é uma insatisfação dos mais velhos devido a maneira que os jovens estão recebendo os ensinamentos, à maneira que os ensinamentos repassados destes conhecimentos são absorvidos pelos jovens não sejam, na visão dos mais velhos tão eficaz.

No entanto, somente o tempo poderá mostrar a eficácia ou não do repasse diante das gerações vindouras, já que como observado na fala de um dos jovens, a valorização dos conhecimentos se dá também de acordo com o tempo e dos interesses futuros, principalmente dentro de uma academia. E também durante as realizações da dança e da festa, pois os jovens de hoje serão os participantes destas manifestações culturais/religiosas dentro da comunidade, visto que sabemos que irão traçar inúmeros caminhos, muitos irão estar morando em outros lugares enquanto que outros estarão dentro do quilombo movimentando-o e vivenciando o dia a dia do lugar. Vale também considerar que nem todo conhecimento gerado dentro da comunidade quilombola de Pacoval é utilizado, transmitido, repassado, a imensa riqueza de saberes, a ausência de pessoas interessadas em aprender, ou repassar estes conhecimentos, também é um fator que ocorre e que acredito que também faz parte deste processo de socialização do conhecimento.

A pesquisa mesmo que finalizada, abre passagem para que se possa continuar trilhando um caminho que nos leve a entender o processo de *repasse* através da diversidade em manifestações que fazem parte da cultura quilombola local e de como esta diversidade interfere/coexiste/colabora para a efetivação de uma educação escolar quilombola baseada na transmissão de conhecimentos a partir da prática diária de uma comunidade negra, quilombola, rural, amazônica.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. Ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARENZ, Karl Heinz. **Sacacas, Ramadas e Esmolações: crenças e práticas religiosas nas comunidades quilombolas no noroeste paraense**. Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro. Nº 12, 2017, p. 129 – 153.

AZEVEDO, Idaliana Marinho de. **Puxirum: memórias dos negros do oeste paraense**. Belém: IAP, 2002.

BENCHIMOL, SAMUEL. **Amazônia: formação social e cultural**. 3. Ed. Manaus: Valer 2009.

BENTES, Nilma; AMADOR, Zélia (orgs.). **Raça Negra: a luta pela liberdade**. 4ª ed. Belém: Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará-CEDENPA/FCPTN, 2004.

BERGER, P.L; LUCKMANN, T. **A Construção social da Realidade**. 26 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In. FERRARO JR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA. Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p.83-92.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais números 1/92 a 44/2004 e pelos Emendas Constituições de Revisão números 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal/Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.

CÂMARA CASCUDO. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

CASTRO, Suely Pereira. **A Festa Santa na Terra da Parentalha: festeiros, herdeiros e parentes Sesmaria na Baixada Cuiabana – Mato Grosso**. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

COSTA, Candida Soares da; DIAS, Maria Helena Tavares; SANTOS, Zizele Ferreira dos. **Educação Escolar Quilombola: Experiência sobre formação de professores em Mato Grosso (BRASIL)** Revista da Associação Brasileira de Professores/s Negros/as (ABNP), [S.l.], v. 8, n 18, p. 90-106, fev, 2016. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/44>. Acesso em 16 set. 2022.

COSTA, Roberh Luiz Nogueira da e CARIPUNA, Ruth Elena. **As festas de ramadas no quilombo Pacoval, Alenquer (1960-1970)**. Alenquer/Santarém: Universidade Federal do

Oeste do Pará (Ufopa) / Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR)2015 (Monografia de Licenciatura Integrada em História e Geografia).

DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* 7ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. *Educação Quilombola*. TVescola – SEED-MEC – Boletim 10. Junho - 2007.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Revista Brasileira de Educação, n. 10, jan.-abr. 1999.

FIGUEIREDO, A. **Um Natal de Negros: esboço etnográfico sobre um ritual religioso num quilombo amazônico**. Revista de Antropologia, v. 02, n. 38, p. 207-238, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1995.111569>. Acesso em: 03/04/2023.

FUNES, Eurípedes. **Liberdade por um fio, história dos quilombos do Brasil**. In: *Nasci nas matas nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo amazonas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GALVÃO, Eduardo. **Vida religiosa do caboclo da Amazônia**. *Boletim do Museu Nacional: Nova Série – Antropologia*, Rio de Janeiro, n°. 15, abr.1953, p. 1-18.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995a, p.57-63.

GONH, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ. rio de Janeiro, v14, n 50, p. 27-39, jan. mar. 2006.

GOMES, Flávio. **Quilombos e Mocambos: camponeses negros e a experiência do protesto coletivo no Brasil escravista**. s/d;

HOBSBAWM, Eric; RANGR, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LANGDON, E. Jean. **Performance e sua diversidade como paradigma analítico – A contribuição da abordagem de Bauman e Briggs**. Ilha Revista de Antropologia, 8 (1). Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2006

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LOUREIRO, Paes. 1939. **Obras resumidas**. Volume 4 / João de Jesus Paes Loureiro. – São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. In Nova Ciência, vol. 2, n.1, p.1-26 (2011). Disponível em: [aparaciencias.org/vol-2.1/01\\_artigoHeraldo.pdf](http://aparaciencias.org/vol-2.1/01_artigoHeraldo.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2021

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia** / Raymundo Heraldo Maués – Belém: Cejup, 1995



MELO, José Marques de. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no Brasil, no limiar do século XXI**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista11/projetos%2011-1.htm>. Acesso em: 28 mar. 2021

MONTEIRO, Ygor Saunier Mafra Carneiro. **Festa do Marambiré do Quilombo Pacoval (Pa)**. In: REH – Revista em Educação e Humanidades, Vol. II, n. 2, jul-dez, 2021, pág. 365-393.

MOURA, Adriana F, Maria Glória, LIMA. **A reinvenção da roda: Roda de conversa, um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação, 23(1), 2014, 98-106.

MOURA, Glória. **Festas dos Quilombos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 184p. 21 cm

MOURA, Glória. **Os quilombos contemporâneos e a educação**. In: Revista Humanidades. UNB Editora: Brasília: nº 47. P. 999 -116, novembro, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, IARA COELHO ZITO. **Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa**. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 19, p. 1103-1112, 2014.

MUNANGA, Kabenguele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2ª edição revisada. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il

NASCIMENTO, Marcela Lopes. **Festa de Ramada de Santa Luzia: Patrimônio Cultural do Quilombo Pacoval, Alenquer-Pará**. Universidade Federal do Pará. Plano Nacional de Formação do Professores. (PARFOR 2020) (Monografia de Licenciatura em Artes Visuais).

OLIVEIRA, Amurabi. **Por que etnografia no sentido estrito e não estudos e tipo etnográfico em educação**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 69-81, jul./dez. 2013.

OLIVEN, Rube. **Violência e Cultura no Brasil**. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1989.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos**. Análise Social, Lisboa, v. 15, p. 105-106, 1990. Disponível em:<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PARÁ. Governo do Estado. **Lei n. 7.113, de 19 de março de 2008**. Dispõe sobre declarar como Patrimônio Cultural e Artístico do Estado do Pará a dança “MARAMBIRÉ” do município de Alenquer – Pa. In: Diário Oficial do Estado do Pará. Poder Executivo, Belém, PA, 24 mar. 2008. Executivo 1, p, 06. Disponível em: [www.ioepa.com.br/pages/2008/03/24/2008.03.24.DOE\\_6.pdf](http://www.ioepa.com.br/pages/2008/03/24/2008.03.24.DOE_6.pdf). Acesso em: 19/09/2022.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes antropológicos, 2014 - journals.openedition.org

RIBEIRO, A. A. M.; SANTOS, J.; SANTOS, P. **Quem é professora no quilombo? Docência, escolarização e identidade**. Íconos. Revista de Ciências Sociais da Flacso, v.19, p.27 - 40, 2021.

RIBEIRO, Alan. **Ensinar no Quilombo, Ensinar o Quilombo: escolarização e identidade racial docente**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 13, n. 38, p. 267-286, nov. 2021

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**, Belém: FGV/EDUUFPA, 1971.

SILVA, George; MELO, Sayonara Figuerôa Bezerra de. **Análise religiosa e cultural das comunidades quilombolas na atualidade**. (Artigo Apresentado no V Colóquio de História – Perspectivas históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio – 2011).

TEIXEIRA, Lygia Conceição. **Marambiré: o negro no folclore paraense**. Belém: SECULT/FCPTN, 1989.

TURNER, Victor W. **O processo Ritual: estrutura e anti-estruruta**. In. Victor Turner. Coleção Antropologia. Petrópolis: Vozes, pp. 1974. 13-60

## ANEXO

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
OESTE DO PARÁ - CEP -  
UFOPA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** AS DIMENSÕES EDUCATIVAS PRESENTES NAS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA E NO MARAMBIRÉ, QUILOMBO PACOVAL, ALENQUER-PARÁ.

**Pesquisador:** ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 57526522.5.0000.0171

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Oeste do Pará

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.543.459

## Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "AS DIMENSÕES EDUCATIVAS PRESENTES NAS FESTAS DE RAMADA DE SANTA LUZIA E NO MARAMBIRÉ, QUILOMBO PACOVAL, ALENQUER-PARÁ", possui caráter eminentemente investigativo. Volta-se para, a partir da etnografia de uma comunidade, as questões relacionadas aos traços culturais de uma comunidade quilombola do município de Alenquer, PA.

## Objetivo da Pesquisa:

## OBJETIVO PRIMÁRIO:

- Analisar e descrever como ocorrem as práticas educativas de transmissão de saberes e fazeres na festa de Ramada de Santa Luzia e no Marambiré, no Quilombo de Pacoval, Alenquer-Pará.

## OBJETIVOS SECUNDÁRIOS:

- Identificar como se dá o repasse de valores educacionais nestas festividades;
- Descrever os elementos de sociabilidade que configuram uma relevante forma de repasses de conhecimentos, organização social e elementos educacionais;
- Apresentar como estas festas tradicionais do quilombo Pacoval educam.

**Endereço:** Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03

**Bairro:** Salé

**CEP:** 68.040-255

**UF:** PA

**Município:** SANTAREM

**Telefone:** (93)2101-4924

**E-mail:** cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
OESTE DO PARÁ - CEP -  
UFOPA



Continuação do Parecer: 5.543.459

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**RISCOS:**

- 1 - Considera-se que o entrevistado possa ficar cansado ou irritado de responder a tantas perguntas em um único momento; o entrevistado pode não mais querer fazer parte da pesquisa, por motivos pessoais;
- 2 - Sentir desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante a entrevista;
- 3 - pode haver exposição ao coronavírus SARS-Cov-2 (COVID-19).

**BENEFÍCIOS:**

Como benefícios à comunidade pela realização da pesquisa, pode-se citar por exemplo a divulgação das manifestações culturais e religiosas realizadas dentro da comunidade, como é o caso do Marambiré e das Festas de Ramada de Santa Luzia, dentro e fora do seu local de realização; valorização da cultura negra/quilombola do Pacoval; inserir a comunidade quilombola de Pacoval no meio acadêmico através dos estudos realizados no quilombo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto em avaliação apresenta grande potencial transformador no que se refere ao cenário cultural regional, especificamente no que tange à cultura afro-brasileira da região oeste do Pará.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**TERMOS DE APRESENTAÇÃO OBRIGATÓRIA:**

- 1 - Informações Básicas do projeto;
- 2 - Projeto Detalhado [acrescentado e [adequado às sugestões do CEP];
- 3 - Carta de aceite do Orientador;
- 4 - TCUD;
- 5 - TCLE [adequado às sugestões do CEP];
- 6 - Arquivo com o detalhamento do orçamento;
- 7 - Carta de aceite da instituição;
- 8 - Arquivo com o detalhamento de implementação da pesquisa;
- 9 - Folha de rosto.

**Recomendações:**

**Endereço:** Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03  
**Bairro:** Salé **CEP:** 68.040-255  
**UF:** PA **Município:** SANTAREM  
**Telefone:** (93)2101-4924 **E-mail:** cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
OESTE DO PARÁ - CEP -  
UFOPA



Continuação do Parecer: 5.543.459

Recomenda-se a aprovação do Projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Tendo sido adequado o projeto às sugestões do CEP, não há mais pendências e/ou inadequações.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1913872.pdf	19/06/2022 18:53:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	2New_Roberth_PROJETO.pdf	19/06/2022 18:53:13	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2New_TCLE.pdf	19/06/2022 18:52:14	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
Cronograma	New_CRONOGRAMA.pdf	01/06/2022 12:15:37	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	AceiteOrientador.pdf	02/04/2022 16:26:49	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
Outros	TCUD.pdf	02/04/2022 16:26:23	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	02/04/2022 16:25:53	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AceiteInstituicao.pdf	02/04/2022 16:25:39	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	02/04/2022 16:25:17	ROBERTH LUIZ NOGUEIRA DA COSTA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03  
**Bairro:** Salé **CEP:** 68.040-255  
**UF:** PA **Município:** SANTAREM  
**Telefone:** (93)2101-4924 **E-mail:** cep@ufopa.edu.br

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
OESTE DO PARÁ - CEP -  
UFOPA



Continuação do Parecer: 5.543.459

SANTAREM, 25 de Julho de 2022

---

**Assinado por:**  
**Flavia Garcez da Silva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03  
**Bairro:** Salé **CEP:** 68.040-255  
**UF:** PA **Município:** SANTAREM  
**Telefone:** (93)2101-4924 **E-mail:** cep@ufopa.edu.br